

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ANÁLISE DO DISCURSO TERAPÊUTICO
ABORDAGENS LABOVIANA E ROGERIANA

Dissertação submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de Linguística Teórica.

SÉRGIO SCOTTI

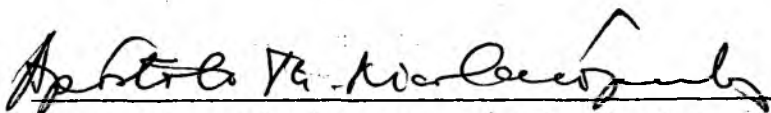
FLORIANÓPOLIS - SC

MARÇO DE 1987

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de

MESTRE EM LETRAS

área de Lingüística Teórica e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras.




Prof. Dr. Apóstolo T. Nicolacópulos
Coordenador do Curso de Pós-Graduação
em Letras - Lingüística

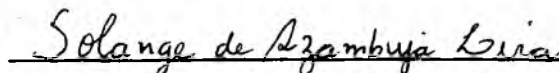


Prof.ª Dr.ª Leonor Scliar-Cabral
Orientadora


BANCA EXAMINADORA:



Prof.ª Dr.ª Leonor Scliar-Cabral



Prof.ª Dr.ª Solange de Azambuja Lira



Prof. Dr. José Luiz Meurer

MEL, minha mulher e companheira.

AGRADECIMENTOS

À Professora Leonor Scliar-Cabral, pela sábia e estimulante orientação.

À Cliente Maria, sem cuja colaboração este trabalho não se realizaria.

À Elza, Secretária do Curso de Pós-Graduação em Linguística, sempre pronta a nos ajudar.

Ao João Inácio, que com paciência e esmero deu forma final a este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, Coordenação, professores e colegas de curso.

RESUMO

Nesta dissertação utilizou-se o modelo de análise de discurso de Labov (1977), "Análise Compreensiva do Discurso" ou "Micro-Análise do Discurso". Através desse modelo, procurou-se descrever e explicar, em termos lingüísticos e/ou conversacionais, a forma característica de intervenção do terapeuta de abordagem rogeriana conhecida como "resposta-reflexo".

Por meio da análise detalhada de um trecho de quinze minutos da interação terapeuta-cliente numa situação de entrevista terapêutica, verificou-se que as intervenções do terapeuta puderam ser descritas e explicadas de forma consistente, através de regras conversacionais propostas pelo modelo de Labov.

A "resposta-reflexo" que se apresenta nas modalidades de "reiteração", "reflexo-de-sentimento" e "elucidação"; foram descritas, então, através das regras de "pedidos de confirmação" e de "questões socráticas".

A descrição das intervenções do terapeuta, feita com base nessas regras, permitiu uma melhor compreensão do significado conversacional não somente daquelas intervenções, como também da natureza interacional da entrevista terapêutica, propiciando um entendimento maior do que realmente acontece neste tipo de entrevista em termos das ações desempenhadas tanto pelo terapeuta quanto pela cliente.

ABSTRACT

Labov's model of discourse microanalysis (1977) was applied to a therapeutic interview where the therapist adopted Roger's approach. The goal was to better explain a specific intervention called reflexive-response.

An exhaustive analysis of a fifteen-minutes interview allowed a consistent description and explanation through the conversational rules proposed by Labov.

The reflexive-response which is shown through its three modalities (reiteration, reflex of feelings and elucidation) was explained by the rules called request for confirmation and socratic questions.

The description of the therapist's interventions by applying these rules allowed a better comprehension of the meaning of the interactive nature of the therapeutic interview. In addition, it was possible to better understand this especific kind of discourse, examining the speech acts of both therapist and patient.

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS TEÓRICOS - ROGERS	6
- LABOV	17
CAPÍTULO II - MÉTODO	32
2.1. Considerações Preliminares	32
2.1.1. O Caso de Maria	36
2.1.2. A Situação de Entrevista	41
2.2. O Método Propriamente Dito	47
2.2.1. Os Estilos	47
2.2.2. Segmentação	51
2.2.3. O Texto	53
2.2.4. Expansão	59
2.2.5. Proposições	61
2.2.6. Interação	66
2.2.7. Síntese	76
CAPÍTULO III - EPISÓDIO I - <u>O TERRENO</u>	77
CAPÍTULO IV - EPISÓDIO II - <u>A FAMÍLIA</u>	97
CAPÍTULO V - EPISÓDIO III - <u>A MÃE</u>	140
CAPÍTULO VI - EPISÓDIO IV - <u>A HERANÇA</u>	169
CAPÍTULO VII - EPISÓDIO V - <u>O IRMÃO</u>	196

CONCLUSÃO	229
BIBLIOGRAFIA	247
ANEXOS	253
Anexo 1	254

INTRODUÇÃO

Este trabalho representa uma tentativa no sentido de um entendimento maior das características da atuação do psicoterapeuta de abordagem rogeriana, em sua relação com o cliente na situação de entrevista.

Mais especificamente, nossa preocupação refere-se à identificação dos marcadores lingüísticos de um determinado tipo de intervenção, que na abordagem rogeriana denomina-se "resposta-reflexo".

De modo mais geral, este trabalho também procura representar uma contribuição ao conjunto de conhecimentos relativos à conversação enquanto fenômeno social, lingüístico e psicológico. Social, porque a conversação é encarada aqui como uma interação humana que se desenvolve a partir de um determinado contexto de relações; lingüístico porque é um fenômeno onde podemos observar "in loco" a própria linguagem em funcionamento; e psicológico, pois na conversação temos a oportunidade de conhecer, às vezes profundamente, as pessoas com quem lidamos.

Como diz Labov (1977:01) "Uma das coisas mais humanas que

os homens fazem, é falarem uns com os outros. Podemos nos referir a esta atividade como conversação, discurso, ou interação através da fala".

"Contudo, todos os três termos referem-se a situações do dia-a-dia nas quais duas ou mais pessoas, por um período de tempo, comunicam-se entre si a respeito de si mesmas e de suas experiências" (idém, p.01).

A entrevista terapêutica é somente um tipo particular de entrevista ou conversação. O nosso interesse específico, por esse tipo de entrevista, diz respeito a uma questão que é colocada por Labov em sua obra *Therapeutic Discourse*: O que acontece na entrevista terapêutica? E essa questão também nos interessa especialmente quanto à abordagem anteriormente citada. Portanto, nossa questão é: o que acontece na entrevista terapêutica rogerianamente orientada?

Acreditamos que essa pergunta pode ser respondida de diversas maneiras. Segundo Labov, a entrevista terapêutica comumente tem sido vista, como uma espécie de arte que depende em grande parte da habilidade pessoal do terapeuta que inclui uma grande dose de criatividade. Embora concordemos em parte com esse ponto de vista, e creiamos que a criatividade do terapeuta seja um fator crucial para o bom desenvolvimento da entrevista, compartilhamos também com Labov a concepção de que a entrevista terapêutica, como qualquer outra forma de conversação, seja regida por determinados princípios e regras.

Portanto, tentando responder à pergunta sobre o que realmente acontece na entrevista terapêutica, procuraremos fazê-lo através da identificação e análise daqueles princípios e regras, relacionando-os aos objetivos e procedimentos propostos pela abordagem rogeriana.

Reconhecemos desde já que estaremos respondendo esta questão de maneira parcial e incompleta pois, o fenômeno conversação tem se mostrado altamente complexo, exigindo na sua elucidação uma abordagem multidisciplinar, dada a variedade de fatores nela incluídos.

Contudo, esperamos que esse trabalho possa lançar alguma luz sobre este problema que interessa tanto aos estudiosos da linguagem, como aos psicólogos — Até porque como afirma Chomsky (citado por Lyons 1970:85), a Linguística deveria ser considerada um ramo da Psicologia. Todavia, a relação hierárquica entre as duas disciplinas não nos interessa e nos parece uma questão de menor importância no contexto deste estudo, preocupamos sim que este estudo signifique ao menos uma abordagem interdisciplinar da entrevista terapêutica.

Também temos a expectativa de que nosso estudo possa servir de auxílio ao estudante de Psicologia. Não somente àquele que simpatize com a abordagem aqui enfocada, mas também àquele que se interesse pela entrevista terapêutica enquanto interação humana.

Apesar do nosso interesse específico pela chamada "resposta-reflexo" do terapeuta, percebemos desde o início que não poderíamos compreendê-la fora do contexto representado pela interação terapeuta-cliente. Portanto, sentimos necessidade de apoiarmo-nos num modelo ou proposta de investigação que considerasse fundamental tal contexto. Foi escolhido então, o modelo de Labov, "Análise Compreensiva do Discurso" ou "Micro-Análise do Discurso" exposto em sua obra "Therapeutic Discourse", já citada.

A utilização de tal modelo propiciou, à medida que o estudo foi se desenvolvendo, a compreensão de vários outros aspectos, os quais se relacionam com a nossa questão central, ou seja, a "resposta-reflexo".

Esperamos que o leitor venha a tirar suas próprias conclusões a respeito dos fatos e idéias que serão aqui apresentados, já que se pretende que este estudo seja também um estímulo à reflexão e ao desenvolvimento de outras investigações.

No primeiro capítulo abordamos os referenciais teóricos que fundamentam o modelo de Labov e a abordagem rogeriana.

O segundo referente ao método, expõe o próprio modelo de investigação utilizado e sua justificação, bem como um glossário pertinente à linguagem utilizada no modelo.

Já o terceiro refere-se à discussão dos dados relativos ao primeiro segmento de um trecho de quinze minutos da entrevista terapêutica analisado em detalhes. O quarto, quinto, sexto e sétimo capítulos discutem os dados dos outros quatro segmentos do mesmo trecho de quinze minutos, sendo que nos referiremos aos segmentos como episódios.

No início do terceiro capítulo, a discussão dos dados será precedida por uma apresentação da cliente que participa da entrevista, apresentação essa que enfocará sua problemática psicológica, e seu contexto sócio-familiar.

Diferentemente do conteúdo que se estende do terceiro ao sétimo capítulo, os quais representam cortes ou seccionamentos analíticos da entrevista, a conclusão procura dar uma visão global dos quinze minutos como um todo, onde se apresenta uma síntese sobre o que aconteceu durante a entrevista em termos de evolução da interação terapeuta-cliente, além das considerações

a respeito das relações percebidas entre os conceitos lingüísticos de Labov sobre a conversação e os conceitos propostos por Rogers quanto à natureza da resposta-reflexo.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

ROGERS

Nossa intenção aqui é apresentar e comentar aqueles aspectos teóricos da abordagem rogeriana que se relacionam mais de perto com o objetivo fundamental deste trabalho, ou seja, a identificação dos marcadores lingüísticos da chamada resposta-reflexo.

No entanto, não poderemos nos furtar à consideração de outras questões relativas a esta abordagem terapêutica sem o que a própria compreensão daquela forma característica de resposta do terapeuta rogeriano ficaria comprometida.

A proposição fundamental de Rogers à terapia é a de que o profissional desta área conta com uma força básica e primordial na busca de resultados terapêuticos positivos. Essa força seria a própria tendência positiva do cliente* no sentido de atualizar suas potencialidades, que Rogers chama de tendência atualizante e que define, "... a capacidade latente ou manifesta, de

*O uso do termo cliente reflete a preocupação de Rogers em diferenciar a relação terapeuta-cliente da relação médico-paciente.

compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado" (Rogers & Kinget, 1975:39), que é derivada de outra proposição mais básica: "todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e enriquecimento" (Idem, p.159).

Poder-se-ia dizer que de uma maneira ou de outra, todo e qualquer terapeuta de qualquer abordagem, de certa forma conta com essa força ou ajuda por parte do cliente, no sentido da busca de alguma melhora, nem que seja um leve e frágil desejo ou fantasia de cura, ou alívio para seus sofrimentos emocionais.

Contudo, Rogers além de propor que a tendência atualizante manifesta-se em todos os organismos, e que se manifesta igualmente nos processos psicológicos, faz dessa proposição a pedra angular de toda sua prática e teoria terapêutica.

Conseqüente a essa idéia e à crença na existência daquela força, Rogers propõe que o papel do terapeuta deve ser o de um facilitador ou catalisador dos processos inerentes à tendência atualizante, ou seja, a tarefa do terapeuta será desenvolver um certo tipo de relação com o cliente, onde suas potencialidades possam emergir.

O fato de essa abordagem também ser conhecida como abordagem centrada-no-cliente refere-se ao propósito do terapeuta no sentido de acompanhar e compreender a experiência imediata do cliente, e guiar suas próprias respostas a ele por meio daquela compreensão. Significa dizer que o terapeuta estará constantemente voltado para a experiência do outro, tentando compreendê-la no seu caráter subjetivo e único.

Essa preocupação com a experiência singular do cliente e com o papel de "acompanhador" do terapeuta, tem levado muitos a conceber o comportamento do terapeuta rogeriano como essencialmente passivo, chegando ao extremo da ausência ou da abstenção de qualquer intervenção.

O próprio Labov (1977:32), comentando o paradoxo relativo à situação psicoterapêutica em que o cliente, procurando ajuda do psicoterapeuta, tenta, ao mesmo tempo, resolver sua dificuldade em dirigir sua própria vida de maneira autônoma; refere-se à postura passiva do terapeuta rogeriano como uma tentativa de resolução de tal paradoxo.

Contudo, o que caracteriza na verdade a postura do terapeuta nesta abordagem não é a passividade, mas a ausência de uma atividade intervencionista, no sentido de que se evita aconselhar, julgar, avaliar, interpretar, ou seja, dirigir de qualquer forma o fluxo da experiência imediata do cliente.

Por outro lado, a abstenção de diretivas levou outros tantos a conceberem tal abordagem como uma simples questão de se adotar uma postura ou comportamento não-diretivo.

Pelo seu caráter extremamente simples e pelo fato de esta proposta terapêutica haver surgido num meio e numa época em que a figura do terapeuta e suas intervenções constituíam-se o centro das preocupações quanto ao empreendimento psicoterápico, tal idéia de uma postura não-diretiva foi amplamente propalada ao ponto de ser identificada como toda a preocupação da abordagem rogeriana.

O próprio Rogers (Rogers & Kinget, 1975), embora admitindo a característica importante da não-diretividade no seu trabalho, expressa repulsa por uma definição tão limitada e negati-

va de suas idéias.

Cabe esclarecer, ainda, que não se deve confundir a não-diretividade com uma técnica ou objetivo em si mesmo. Tal comportamento constitui-se como consequência de um conjunto de princípios e atitudes inerentes à abordagem rogeriana.

Realmente, na abordagem centrada-no-cliente o terapeuta tende a ser seletivo e econômico em suas respostas, mas porque está profundamente convencido de que o cliente tenderá a explorar, investigar, vivenciar, elaborar e, eventualmente, modificar suas experiências e comportamentos, se lhe for dada a oportunidade de uma relação calorosa, em que se sinta aceito enquanto pessoa, e não perceba ameaçada a imagem que faz de si mesmo, por alguém que o compreende a partir de dentro. E também porque está convencido de que o real ganho do processo terapêutico é o desenvolvimento de uma atitude de auto-determinação e auto-ajuda ("self-help" no original em Rogers) que não poderia ser conseguida numa relação onde o sucesso da terapia dependesse principalmente da eficiência técnica do especialista.

Por isso, o terapeuta rogeriano abstém-se de intervenções que provenham de seu ponto de vista pessoal ou teórico, estranhos à experiência particular do cliente que interviriam negativamente num processo autônomo de tomada de consciência de si próprio em que o cliente estiver engajado.

Pelo exposto até aqui, pode-se deduzir que a não-diretividade de não implica uma ausência de objetivos. A auto-determinação, a conscientização de atitudes, sentimentos, emoções (remotos ou atuais); a vivência plena dessas experiências; o desenvolvimento de um eu mais flexível e satisfatório e uma atitude de auto-aceitação são metas que o terapeuta empenha-se ativamente

em atingir junto com o cliente.

Não se trata de propô-las ao cliente, mas, sim, de que poderão ser atingidas na medida em que somadas à tendência à atualização do cliente, estejam presentes no terapeuta, certas atitudes fundamentais dessa abordagem, a aceitação incondicional, a empatia e a autenticidade ou congruência.

Aceitar incondicionalmente a pessoa do cliente significa que toda e qualquer experiência (raiva, medo, alegria, inveja, ternura, etc...) será apreciada, reconhecida e valorizada pelo terapeuta que considera a totalidade do ser. Tal aceitação não deve ser confundida com uma mera permissividade do terapeuta, no que diz respeito à expressão de sentimentos anti-sociais. Ela diz respeito a uma concepção de homem que, na sua totalidade e/ou diversidade de experiências, está empenhado conscientemente ou não, num processo de crescimento e mudança. Assemelha-se ao amor fraterno pelos homens, não é a simpatia por um aspecto específico ou outro da personalidade do cliente, embora ela possa existir tanto quanto a antipatia. A terapia não é uma simples questão de amizade ou inimizade para com o cliente, a aceitação incondicional refere-se a uma atitude especial e não corriqueira nos nossos relacionamentos sociais, onde selecionamos as pessoas com quem desejamos estar ou não.

A atitude empática diz respeito a um modo de perceber o outro, igualmente diferenciado daquele que comumente ocorre. Quase todo o tempo estamos envolvidos em relações onde mediamos nossas percepções através dos nossos valores. O modo de perceber empaticamente pressupõe uma tentativa sistemática e constante, de perceber e compreender a experiência do outro segundo seus próprios valores. Significa, muito simplesmente, colocar-se

no lugar do outro, percebê-lo e o mundo que o rodeia como se fosse ele próprio. Poderíamos dizer que o terapeuta empático tenta ser de certa forma um prolongamento do eu do próprio cliente. Para sermos mais precisos, ser como que um prolongamento de todo o ser do cliente num determinado momento. Pois, a representação que o cliente faz de seu próprio eu num determinado momento pode não incluir alguns aspectos de sua experiência imediata. Assim, ele pode estar sentindo-se irado e crer-se alguém totalmente destituído de hostilidade.

Apesar de conceber o homem como tendendo positivamente para o crescimento, a concepção rogeriana não deixa de levar em conta as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos no processo de atualização de suas potencialidades. Uma dessas dificuldades é aquela que decorre da relação das pessoas consigo mesmas e com os outros, onde os indivíduos desenvolvem uma representação de si mesmos ou um eu rígido e inflexível.

Tal desenvolvimento defeituoso, que leva a um estado de desacordo interno, pela impossibilidade de uma grande porção de experiência ser aceita e integrada à imagem do eu que é defendida por uma série de mecanismos deformadores da percepção da própria experiência a qual deve ser ajustada à auto-imagem, resume de certa forma, todo estado de desequilíbrio da personalidade e conseqüente funcionamento insatisfatório da pessoa.

Devemos lembrar que o eu enquanto processo psicológico específico e diferenciado, tende a manter-se e atualizar-se às vezes em detrimento da totalidade experiencial bio-psicológica que Rogers chama de experiência organísmica.

Acreditamos que, pelo exposto, possa ficar mais claro o que Rogers quer dizer quando se refere a uma atitude de auto-acei-

tação, que se procura alcançar na terapia, em que o cliente, sentindo-se aceito e confirmado empaticamente na sua totalidade, tende a reformular o próprio eu, abandonando suas próprias defesas por não sentir-se ameaçado, tornando-se assim mais inteiro.

Finalmente, a atitude autêntica do terapeuta, refere-se ao fato de que ele deve, pelo menos no momento do encontro terapêutico, experimentar realmente a aceitação e empatia de que falávamos. Enquanto atitudes, devem estar entranhadas na personalidade do terapeuta, e não somente constituírem-se em crenças de caráter intelectual. Daí a afirmação de Rogers, de que o processo terapêutico depende de um certo tipo de relação pessoa-a-pessoa, e não paciente-especialista.

Ressaltemos que Rogers não vê tais atitudes enquanto fazendo parte de um dom especial, mas, como algo que pode ser aprendido e aperfeiçoado, já que não nascemos com elas.

Esclarecido o fato de que a abordagem centrada-na-pessoa não é uma simples questão de uso de técnicas não-diretivas, consideremos que o experimentar apreço, aceitação e compreensão empática pela pessoa do cliente, apesar de fundamental, não é suficiente para o desenvolvimento do processo terapêutico. É necessário que o terapeuta comunique tais atitudes.

Levando-se em conta que a comunicação humana é um fenômeno complexo e intrincado no qual diversos fatores estão envolvidos, entre os quais, expressão facial e postural, nos ateremos aqui à comunicação de caráter verbal ou lingüístico.

Pela observação sistemática (através de gravações monitoradas visualmente ou não) da atuação prática do próprio Rogers e de outros terapeutas experientes nessa abordagem, verificou-

-se um certo modo característico de responder, o qual recebe a denominação de resposta-reflexo.

Muito simplesmente, este tipo de resposta do terapeuta tende a refletir para o cliente o conteúdo manifesto ou implícito de sua comunicação. Ela apresenta três modalidades: a reiteração, o reflexo-de-sentimento e a elucidação.

Lembremos que tais modalidades não são categorias estanques com limites absolutamente claros. No seu esforço em comunicar ao cliente a percepção de sua experiência a partir do ponto de referência do próprio cliente, o terapeuta rogeriano responde de formas tais que variam quanto a algumas características significativas, mas que por vezes se sobrepõem ou confundem-se entre si, o que nos leva a pensar num continuum em cujos pólos opostos estariam a reiteração e a elucidação.

Tentaremos esclarecer melhor a questão descrevendo as características de cada uma das modalidades do reflexo.

A reiteração "... forma elementar do reflexo dirige-se ao conteúdo estritamente manifesto da comunicação. É geralmente breve e consiste ou em resumir a comunicação do cliente, ou em assinalar um elemento relevante dela, ou simplesmente em reproduzir as últimas palavras de modo a facilitar a continuação da narrativa" (Rogers & Kinget, 1975:66).

Apesar de sua simplicidade, a reiteração produz efeitos significativos e interessantes. Esta modalidade de reflexo tende a aparecer nas primeiras entrevistas, quando a atividade do cliente é geralmente descritiva. Além disso, nos primeiros encontros, o discurso dos clientes frequentemente é carregado de ansiedade, o que lhe dá uma forma por vezes confusa e desordenada.

Se pensarmos, como sugere Rogers, a comunicação ou discurso do cliente como uma sucessão ou interação de "Gestaltens"*, que vão se fazendo e refazendo, a reiteração teria como efeito, fixar ou destacar os elementos que num dado momento fazem parte da figura.

Isto é, neste tipo de intervenção o terapeuta procura, de certa maneira, evidenciar aqueles aspectos ou significados que são comunicados explicitamente pelo cliente através de suas próprias palavras que, no caso, é aquilo que chamamos de figura numa Gestalt onde o fundo é composto por exemplo, pelo tom de voz, pelo grau de fluência da fala. Pelos gestos e expressões faciais que também transmitem significados importantes conforme a relação que mantenham com os elementos da figura, ou seja, as palavras. Vale lembrar que as palavras são consideradas como figura neste determinado contexto ou Gestalt, a entrevista terapêutica, onde as mesmas são o meio privilegiado de comunicação.

A reiteração tem como efeito uma certa ordenação do discurso ansioso, em que as intervenções do terapeuta funcionam como pontos e/ou vírgulas. Em consequência disso, outro efeito interessante se produz, as palavras do terapeuta aparecem ao cliente como uma explicação ou revelação na medida em que, simplesmente ao pontuar aqui e ali, o mesmo discurso adquire outros significados pela reordenação de seus elementos.

Enquanto a reiteração dirige-se ao conteúdo manifesto da comunicação, o reflexo-de-sentimento é um tipo de resposta que procura atingir ou revelar as intenções, atitudes ou sentimen-

*Termo utilizado pela escola gestáltica da psicologia que entende o processo de percepção como ocorrendo numa relação entre figura e fundo, relação essa que produz as gestaltens ou, formas perceptuais totais. O que num dado momento é figura na gestalten, pode se tornar fundo noutro momento e, vice-versa.

tos que acompanham as palavras do cliente. Esse tipo de resposta procura refletir ou amplificar a comunicação do cliente no que concerne ao seu conteúdo implícito. Tem o efeito de explicitar os elementos adjacentes à comunicação manifesta.

Segundo ainda a sugestão de Rogers, o reflexo-de-sentimento procura tornar claro aquilo que faz parte do fundo da comunicação no intuito de possibilitar a ampliação ou modificação da figura pela integração nela daqueles elementos adjacentes.

Lembrando que esta abordagem é uma questão de atitudes e não de técnicas, o reflexo-de-sentimento somente resultará em tais efeitos, na medida em que seja produzido de maneira empática, aceitadora e sensível pelo terapeuta. Ou seja, na medida em que se refira ao sentimento dominante, àquele que impregna mais significativamente a comunicação do cliente, e na medida em que a revelação de tais sentimentos não seja insuportavelmente ameaçadora para a imagem do eu. Sem o que, os efeitos poderiam ser até opostos, pela conseqüente atitude defensiva que tal revelação pode suscitar no cliente, se bem que tal risco já seja bastante minimizado pela própria natureza da resposta reflexo-do-sentimento que embora diferente da reiteração, ainda decorre fundamentalmente das palavras do cliente, procurando demonstrar uma certa participação afetiva do terapeuta na compreensão do relato.

Diferentemente, a elucidação, ao procurar dar conta de elementos (sentimentos e atitudes) que impregnam a comunicação, mas que decorrem de uma dedução feita pelo terapeuta, seja da própria comunicação ou do contexto em que é produzida, apresenta uma característica de elaboração intelectual que a aproxima da interpretação.

Como diz Rogers (Rogers & Kinget, 1975:86) "... a elucida-

ção é, pois, um tipo de resposta menos 'asséptico' que as outras formas de reflexo, mais suscetível de conter elementos estranhos ao campo da percepção e, deste modo, de afetar o indivíduo de modo ameaçador".

Além disso, tal resposta-reflexo oferece o risco do desvirtuamento da proposta ou postura centrada-na-pessoa na qual se procura oportunizar a auto-compreensão de maneira autônoma, isto é, a partir dos recursos do próprio cliente, já que este tipo de resposta desloca em certa medida, o centro do processo de compreensão para o terapeuta.

Por isso, a elucidação raramente aparece no repertório do rogeriano ou pelo menos não de maneira consecutiva numa mesma entrevista.

"Este tipo de resposta aparece somente quando a comunicação ou seu contexto a justificam — impõem quase seu uso" (Rogers & Kinget, 1975:87).

Acrescentemos que, embora a elucidação possa ser utilizada de maneira mais produtiva e segura com o cliente que já tenha desenvolvido razoável autonomia e compreensão de si mesmo, quando então a elucidação funcionará como uma ajuda suplementar para seu processo de crescimento não são tais considerações metodológicas ou técnicas que determinam o uso parcimonioso e cuidadoso desta resposta mas, sim, o fato de que o rogeriano considera-se mais um acompanhador ou facilitador dos processos que emergem do próprio cliente, do que um interpretador.

Cientes de que um entendimento mais claro da resposta-reflexo será facilitado pela confrontação de exemplos, sugerimos ao leitor que nos acompanhe nessa tarefa de ilustração que é um dos objetivos dos capítulos seguintes.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

LABOV

Iniciaremos a apresentação dos fundamentos teóricos do modelo de análise do discurso proposto por Labov, pela formulação de uma definição de conversação que, esperamos, contenha os aspectos mais significativos daqueles seus fundamentos.

A conversação, então, é entendida como um tipo particular de interação humana que se desenvolve dentro de um determinado contexto social, constituída por uma seqüência de atos da fala, na qual certos significados são transmitidos através de formas lingüísticas e extra-lingüísticas, sendo que tal interação obedece a determinadas regras e princípios gerais.

Embora tal definição não seja elegante, por ser demasiado longa, pode nos servir como uma espécie de guia na discussão dos pressupostos que embasam o modelo de análise da conversação em consideração.

Procuraremos agora esmiuçar esta definição e retirar dela a postura teórica fundamental de Labov quanto ao discurso.

A conversação, então, é entendida como um tipo particular de

interação humana que se desenvolve dentro de um determinado contexto social...

A concepção de Labov a respeito da conversação é que ela é um fenômeno social mais do que um fenômeno lingüístico. Como ele mesmo diz "... nós não vemos a conversação como uma forma lingüística. Nós viemos a entender a conversação como um meio que as pessoas usam para lidar umas com as outras" (LABOV, 1977:30).

Isso significa que para Labov a conversação é um instrumento de que nos utilizamos nas interações sociais.

Ele critica alguns autores como Sacks, Schegloff e Jefferson que pretendem formular regras e princípios gerais para a conversação sem um conhecimento acurado do contexto, "Onde não temos um conhecimento específico do contexto, nós necessariamente o imaginamos. A construção de tais contextos imaginados é uma variável incontrolada no estudo, assim, regras que parecem ser muito gerais são, de fato, limitadas por aquelas condições que nós necessariamente construímos inconscientemente, assim imaginamos como nós poderíamos interpretar os enunciados em geral" (Idem, p.73).

A importância dada ao contexto se refere não somente ao fato de que para interpretarmos corretamente os enunciados e/ou a seqüência de enunciados, devemos levar em conta os conhecimentos e experiências compartilhados entre os participantes da conversação além de um conhecimento fatural da situação, mas também significa que o próprio contexto configura e determina a forma pela qual os enunciados serão produzidos e interpretados. Equivale dizer que o contexto cria ou impõe limites para o que será dito, e para como deve ser interpretado o que é dito.

... constituída por uma seqüência de atos de fala, ...

Labov faz uma afirmação interessante em relação à conversação; ele diz que não há conexões entre enunciados mas sim entre atos de fala. Segundo ele, a concepção baseada no senso comum derivado da gramática é a de que na conversação uma sentença segue a outra ou seja, que por exemplo, uma sentença ou questão enunciada na forma interrogativa "você não vai à aula hoje", é seguida por uma resposta ou uma sentença declarativa "sim eu vou", ou "não, só irei amanhã".

Imaginemos uma situação na qual a sentença interrogativa anterior tenha sido enunciada por um estudante dirigindo-a ao seu colega de classe com o qual divide um apartamento. O estudante, preocupado com as seguidas faltas de seu amigo que padece de um forte resfriado, recebe a seguinte resposta: "você já reparou na minha tosse?"

Neste pequeno exemplo de conversação já podemos perceber que nem sempre uma forma declarativa segue a forma interrogativa.

Seria o caso de se dizer que o estudante adoentado violou o senso comum de conversação ao responder uma pergunta com outra.

Labov nos chama a atenção para o fato de que a questão da coerência no discurso ou na conversação, nos remete às ações desempenhadas pelos participantes. Sua concepção é a de que na conversação a questão crucial não é, como no exemplo dado, o fato de que uma forma lingüística interrogativa demande uma outra declarativa. Mas, sim que um pedido de ação "vamos à aula, você já faltou demais", demanda outra ação "não, não vou ainda estou doente", que é mais especificamente uma recusa ao

pedido.

A essa altura, nos parece conveniente explicitar o significado do conceito "ato de fala" ou seja, uma ação desempenhada por meio da fala. Quer nos preocupemos mais com as intenções do falante, quer nos interesse a interpretação que o ouvinte dá àquelas intenções, permanece o fato fundamental de que fazemos coisas e influenciarmo-nos reciprocamente através das palavras.

Por outro lado, não poderíamos perceber facilmente a coerência da seqüência de atos de fala aqui apresentada como exemplo, se não tivéssemos conhecimento suficiente do contexto em que os enunciados foram produzidos.

Aliás, nos parece que o conceito de ato de fala já pressupõe por si mesmo o contexto, ou seja, o conjunto de conhecimentos e experiências compartilhados pelos participantes, (vide a natureza das regras constitutivas propostas por Searle, 1965:138 e 153) ao definir o ato de fala de prometer, das quais citaremos apenas uma: "uma promessa será enunciada, somente se o ouvinte O. (aquele a quem algo é prometido) preferir que o falante F. (aquele que está prometendo algo) faça A. (a ação prometida) ao invés de que F. não faça A., e F. acredita que O. prefere que F. faça A. ao invés de que F. não faça A.".

Este conhecimento compartilhado entre F. e O. expresso na regra constitutiva de Searle juntamente com outras regras, definem o próprio ato de prometer ou seja, se estas condições não existirem, o ato de prometer não se constitui, como um jogo de xadrez não se constitui sem suas regras, parafraseando Searle.

O leitor já deve ter concluído que o conhecimento do con-

texto é fundamental na conversação, tanto para os que dela participam quanto para aqueles que a investigam. Também já deve ter percebido, pelo menos intuitivamente, que na seqüência exemplo, "você não vai à aula hoje?", "você já reparou na minha tosse?", há uma certa qualidade de indireção, melhor dizendo, o estudante adoentado pede a seu amigo que observe sua tosse e indiretamente recusa-se a atender o pedido também indireto do outro estudante, "vamos à aula, você já faltou demais", significando indiretamente "não, não vou, ainda estou doente", como poderia estar significando outras coisas também como, "não me aborreça, não vê que ainda estou mal e que assim não posso ir à aula".

O fenômeno da indireção, a possibilidade de alguém dizer algo e significar o que disse e também significar outra(s) coisa(s) ou de fazer algo dizendo alguma coisa e em dizendo isto fazer também outra(s) coisa(s), nos remete a outras questões contidas no trecho seguinte de nossa definição de conversação que passaremos a comentar.

Antes porém, gostaríamos de notar que o conceito de ato de fala muito contribuiu para esclarecer a falsa idéia de que palavras são uma coisa e ações são outra, fato que Labov considera crucial para o entendimento da conversação como uma interação.

Passemos então para o próximo segmento da definição de conversação.

... na qual certos significados são transmitidos através de formas lingüísticas e extra-lingüísticas...

Embora Labov considere o contexto fundamental para o estudo de conversação, ele nos lembra que o dado primário nesta situa-

ção são os enunciados. Isto é, o dado primeiro que o ouvinte, participante da conversação, tem à sua disposição para construir qualquer interpretação são as palavras proferidas pelo interlocutor.

Para nós que estudamos a conversação, isso significa que o dado elementar sobre o qual devemos nos debruçar é o texto ou seja, os enunciados que realmente fazem parte do discurso.

Somente o fato citado acima já seria por si só suficiente para justificar nosso interesse pelo texto, mas além do exposto, nos parece haver ainda outras razões igualmente significativas para que atentemos aos enunciados usados pelos participantes da conversação.

Searle (1965:145), ao analisar o conceito de ato de fala, propõe que para compreendermos tal conceito no que se refere às significações, devemos considerar não somente as intenções daquele que fala, e o reconhecimento dessas intenções por parte daquele que ouve, mas igualmente o fato de que tais intenções são transmitidas de modo convencional, isto é, a significação é também uma questão de convenção.

Tentaremos esclarecer melhor esta questão utilizando-nos de uma citação do próprio Searle (idem) atribuída a Wittgenstein (1953), "Diga, 'está frio aqui' e signifique 'está calor aqui'."

O autor tenta demonstrar que, além do fato de haver a intenção do falante em levar o ouvinte a crer que ele (o falante) experimenta frio, ele o faz de uma forma convencional e que se sentiria constrangido se fosse requisitado a significar o mesmo sentido através de uma forma convencional oposta. Isso significa muito simplesmente, que quando queremos significar que "está frio aqui", o fazemos de forma convencional, ou seja,

recorrendo a uma forma gramatical declarativa dada pela sintaxe, e recorrendo também a formas lexicais específicas dadas pelo vocabulário.

A complexidade do que estamos discutindo se torna maior quando observamos que muito freqüentemente tais convenções não são evidentes na produção e interpretação dos atos de fala.

Toda essa questão torna-se mais transparente quando Searle considera os atos de fala indiretos (SEARLE, 1975:73).

Quando o autor procura explicitar os passos necessários para que o ouvinte, a quem se dirige um pedido, "você pode passar o sal?", entenda isso como um pedido de ação e não um pedido de informação a respeito de sua habilidade para passar o sal, ele pretende demonstrar como o ouvinte chega a tal conclusão. Então, quando o ouvinte considera as palavras citadas num determinada situação conversacional (estando à mesa num jantar com outra pessoa), que não comportaria uma questão teórica a respeito de sua habilidade para passar o sal; supondo que quem faz o pedido assume uma posição de cooperação na conversação (o pedido procura alcançar determinado objetivo); considerando que geralmente à mesa as pessoas usam sal e passam-no umas as outras; na ausência de outro objetivo plausível, o pedido não é provavelmente de informação; e não se considerando seu significado literal, seu significado provavelmente é o de um pedido de ação para passar o sal.

Searle propõe mesmo que muitos atos de fala indiretos apresentam uma forma convencional, como o que foi citado para exemplo, no sentido de que são habitualmente usados para expressar determinados significados indiretamente.

O que realmente nos interessa ressaltar aqui, pois não é

nosso objetivo detalhar a teoria dos atos de fala, é que na explicitação dos passos sugeridos por Searle, podemos notar claramente a presença de fatores extra-lingüísticos, como por exemplo a consideração que o ouvinte faz da situação conversacional ou contexto.

Retornando a Labov, ele considera que a conversação é função do inter-relacionamento entre o texto ou, entre as formas lingüísticas que convencionalmente utilizamos, e os dados extra-lingüísticos que entram em jogo no discurso, o que aliás, a bem da verdade, Searle também propõe.

Tais dados extra-lingüísticos apresentam-se como proposições ou pressuposições implícitas, sinais para-lingüísticos, e o conhecimento fatural compartilhado pelos participantes da conversação.

Revendo o nosso exemplo dos amigos estudantes, imaginemos que eles estivessem num determinado momento do semestre letivo em que a matéria dada em aula seria objeto de avaliação num exame próximo. Imaginemos também que o estudante ao fazer a pergunta "você não vai à aula hoje?" a faça de tal forma que a entoação da palavra "hoje" difira das outras no sentido de que apresenta uma maior ênfase. Imaginemos ainda que o estudante adoentado que já falta às aulas há vários dias, responda rispidamente denotando irritação o que é sinalizado em sua fala pelas palavras sendo ditas rapidamente, sem pausa, com uma entoação progressivamente ascendente em termos de volume e tonalidade aguda (voz estridente) "você já reparou em minha tosse?"

De posse desses dados já podemos formular algumas proposições, "alguém que queira passar nos exames deve frequentar as aulas", o que nos permite expandir as palavras anteriores do estudante "você não vai à aula hoje" como significando, "vamos a

aula, você já faltou demais!"

Por outro lado, a proposição, "uma pessoa adoentada deve se abster de suas atividades normais sob pena de piorar seu estado de saúde"; nos autoriza a atribuir o seguinte significado às palavras do estudante resfriado, "não me aborreça, não vê que ainda estou mal e que assim não posso ir a aula", que por sua vez leva a outra proposição "os amigos devem reconhecer as dificuldades uns dos outros e devem ser solidários com elas".

Podemos perceber que, além das ações desempenhadas neste pequeno exemplo, existem ainda outros significados que são transmitidos a partir das proposições anteriormente aludidas.

Se considerarmos que o papel de estudante pressupõe que a pessoa, a quem esse papel é atribuído, deve freqüentar as aulas como uma obrigação inerente a este papel, um pedido para que essa pessoa aja, conforme as obrigações do papel, é ouvido como uma crítica à pessoa no desempenho do papel.

Então, o pedido de ação indireto do estudante é ouvido pelo amigo adoentado como uma crítica implícita à sua pessoa no desempenho do papel de estudante, sendo que este se recusa a desempenhar a ação solicitada baseado na proposição de que pessoas adoentadas não devem continuar suas atividades normais e, ao mesmo tempo, critica implicitamente seu amigo por este não ter agido conforme a proposição de que os amigos devem reconhecer as dificuldades uns dos outros, fazendo assim um pedido inadequado.

Labov chama nossa atenção para o fato de que na conversação e, principalmente na entrevista terapêutica, freqüentemente estamos às voltas com questões relativas ao status social das pessoas envolvidas e pela maneira como as ações que tomam parte

da conversação afetam as relações sociais e emocionais dessas mesmas pessoas.

Pelo exposto, nos é relativamente fácil entender algumas colocações de Labov, "... conversação não é uma cadeia de enunciados, mas antes uma matriz de enunciados e ações ligadas por uma teia de compreensões e reações"; "Na conversação, os participantes usam a linguagem para interpretar, uns para os outros, a significância de eventos atuais e potenciais que os circundam e para retirar consequências de suas ações passadas e futuras" (Labov 1977:30). "Nós não nos surpreendemos em achar que havia uma grande quantidade de comunicação implícita na forma de gestos vocais-entoação, qualificadores vocais, hesitações e coisas semelhantes. O que gradualmente apareceu entretanto, é que havia um rico corpo de comunicação implícita na forma de proposições sociais e psicológicas não expressas" (idem,p.29).

Quanto aos sinais paralingüísticos, entoação, pausas, hesitações, truncamentos e outros mais que acompanham as palavras, Labov argumenta que são tremendamente importantes na elucidação de contradições que poderiam resultar de uma interpretação baseada somente nas palavras na medida em que tais sinais podem até mesmo reverter a polaridade de um enunciado. Posso dizer a alguém "te amo" de tal maneira que o significado seja "te odeio".

No entanto, Labov lembra que os sinais paralingüísticos são relativamente vazios em si mesmos ou seja, seus significados dependerão da relação que mantêm com os enunciados (texto) e com o contexto em que são produzidos (proposições).

Chegamos agora ao último trecho de nossa definição.

... sendo que tal interação obedece a determinadas regras e princípios gerais.

Labov, ao discutir a questão, comenta que é difícil para aqueles que não estão a par dos detalhes lingüísticos, apreciar o grau de invariância que pode ser encontrado nas regras lingüísticas.

Chama a atenção para a circunstância de que quando alguém tenta ensinar sua língua para outra pessoa que não a conheça, confronta-se com o fato de que a estrutura de uma linguagem é governada por um vasto corpo de regras que raramente são percebidas pelo próprio falante nativo.

Como um exemplo simples, poderíamos citar a regra de concordância do português em que o artigo definido "o" aparece precedendo um substantivo masculino como em "o menino". Nunca dizemos "a menino", e sô nos damos conta da regra de concordância que invariavelmente obedecemos, se outro ou nós mesmos não a respeitamos numa determinada circunstância.

Da mesma forma que a sintaxe propõe regras de caráter invariante e inconsciente para a formação de sentenças ou frases, Labov propõe a existência de regras do mesmo caráter para a produção e interpretação da conversação.

O autor cita um estudo (Marilyn Shats, 1975) onde crianças de dois anos de idade, demonstraram habilidade ao interpretar e responder apropriadamente a regras do discurso indireto, em que frente a questões como, "Você pode passar o lápis?", elas as interpretavam corretamente como pedidos de ação.

Quanto ao caráter inconsciente e invariante ou obrigatório das regras do discurso, Labov esclarece que por inconsciente significa que o falante normalmente não reflete sobre, ou não

se dá conta delas. Todavia, o fato de que certas brincadeiras possam ser feitas através de uma recusa em aplicá-las, como por exemplo o fato de alguém a quem se dirige um pedido indireto de ação, "Você pode passar o sal?" responder, "Não, não posso.", demonstra que a regra não está assim tão longe da consciência. Por outro lado a brincadeira não poderia ser feita se a regra não existisse e não fosse obrigatória. Obrigatória no sentido de que o participante da conversação não tem outra escolha a não ser interpretar uma dada ação da mesma maneira que todos os membros de uma determinada sociedade o fazem. Isto é, quando ele desobedece a convenção de que todos os membros da sociedade entendem "Você pode passar o sal?", como um pedido de ação, e responde a ele como um pedido de informação, produz um efeito jocoso.

Ao propor as regras da conversação, Labov sustenta que tais regras procuram dar conta do aspecto interacional da conversação ou seja, daquelas ações que afetam (alteram ou mantêm) as relações na comunicação face a face. Pois, elas conectam os planos do que é dito (texto, sinais paralingüísticos, referência implícita a outros textos, proposições) e do que é feito. Segundo ele, "as regras do discurso são basicamente maneiras de fazer explícitas as análises intuitivas dos atos de fala que todos nós desempenhamos automaticamente" (Labov 1977:70).

As regras conversacionais são então construídas a partir da formulação dos conhecimentos e experiências compartilhados (necessidades, habilidades, direitos e obrigações) pelos participantes da conversação.

A apresentação aqui de uma dessas regras (regra de pedidos) pode nos dar uma melhor idéia da sua natureza: Se A dirige a B um imperativo especificando uma ação X num tempo T_1 , e B

acredita que A acredita que:

- 1.a. X deve ser feito (para o propósito Y) (necessidade da ação)
- b. B poderia não fazer X na ausência do pedido (necessidade do pedido)
2. B tem a habilidade para fazer X (com um instrumento)
3. B tem a obrigação de fazer X ou está disposto a fazê-lo
4. A tem o direito de pedir a B para fazer X

Então: A é ouvido como fazendo um pedido válido de ação.

Quanto ao termo, pedido válido de ação, Labov adverte que "as investigações filosóficas dos eventos de fala, frequentemente referem-se a condições de sinceridade; a discussão proveitosa de pedidos feita por Gordon e Lakoff apresenta a regra do pedido como uma série de tais condições de sinceridade. Nosso termo pedido válido de ação é equivalente, mas ele enfatiza a natureza objetiva de fatos sociais mais do que implica alguma coisa a respeito do estado psicológico das pessoas envolvidas" (Labov 1977:80).

Nos alerta ainda para o fato de que "... com o nosso presente estado de conhecimento, a única maneira de nós estarmos certos de que estas regras desenvolvem-se, numa direção proveitosa, é mostrarmos que elas se aplicam repetidamente em muitos contextos diferentes. Em qualquer contexto particular, nós não saberemos se uma regra particular aplica-se, a menos que nosso conhecimento sobre as condições contextuais seja acurado" (idem, p.73).

Afirma ainda que "a regra de pedidos é escrita numa forma tal que se aplica igualmente ao falante e ao ouvinte. Operando sob as condições desta regra, o falante constrói um enunciado

que será reconhecido como um pedido válido; o ouvinte simultaneamente é compelido a ouvi-lo como tal. É óbvio que ele pode não responder ao pedido, mas dentro de uma estrutura comum ele não pode efetivamente negar que o pedido foi feito a ele"(idem, p. 81).

As regras que até agora temos discutido referem-se à produção e interpretação dos atos de fala concernentes à conversação. Existem outros princípios gerais ou regras que se referem à sequência dos atos de fala. Labov propõe que, a princípio, as regras sequenciais relativas aos pedidos, por exemplo, podem ser estabelecidas de maneira relativamente simples:

Os pedidos devem ser reconhecidos e respondidos.

Os pedidos podem ser respondidos, postergados ou recusados com ou sem consideração.

Se B responde ao pedido de A, A pode reconhecer isso com um agradecimento, e B pode minimizar isso:

A - Por favor passe o sal.

B - Aqui está.

A - Obrigado.

B - De nada.

Se B postergar sua resposta ao pedido de A, A pode recolocá-lo, redirecioná-lo a outros ou retirar o pedido. Pode ao mesmo tempo mitigar ou agravar seu pedido:

A - Por favor passe o sal.

B - Um momentinho.

A - Por favor, você pode passar o sal agora?

ou

A - Passe o sal!

Se B recusa-se a responder ao pedido de A com uma conside-

ração, A pode renovar o pedido ou aceitar a recusa. Pode igualmente aceitar a recusa se ela é feita sem consideração, mas neste caso, pode também retirar-se da conversação.

A - Você pode emprestar-me o livro?

B - Ainda estou lendo-o.

A - Tudo bem, não tenho pressa.

ou

B - Não!

A - (Pode nunca mais pedir um livro a B.)

Labov considera que as regras de produção e interpretação absorvem muito da complexidade que se refere à sequência da conversação. Afinal, se as regras de produção e interpretação dão conta das ações ou da teia de compreensões e reações que se dão na conversação relacionando-as com o que é dito, a questão da sequência é resolvida em grande parte pela compreensão dessas relações.

Por isso adverte que a compreensão da sequência na conversação deve ser precedida por um exame detalhado da interação que se desenvolve entre os participantes.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1. Considerações Preliminares

Nesta investigação o método utilizado é o descritivo, aplicado ao que podemos chamar um estudo de caso.

Trata-se de um exame detalhado e minucioso de 15 (quinze) minutos de interação verbal entre cliente e terapeuta numa situação de entrevista.

O método que utilizamos é o mesmo proposto e desenvolvido por Labov, a micro-análise do discurso em seu livro Therapeutic Discourse (1977), no qual a validade da abordagem fundamenta-se no princípio da recorrência e da consistência interna, apoiando-se no fato de que as ocorrências (incidentes, comportamentos e expressões) as quais ilustram os princípios gerais da conversação, manifestam-se repetidas vezes em diversas situações.

Quanto à questão de se fazer generalizações a partir de um único caso, Labov propõe que a micro-análise deva ser um prelúdio necessário de generalizações úteis. Atentos a esse respei-

to, procuraremos, como Labov, explicitar aspectos específicos quando da aplicação de princípios gerais aos dados analisados.

Labov preocupa-se em afirmar que seu método ou modelo de análise não se propõe ser suficiente somente na solução de problemas relativos à entrevista estudada por ele, nem ficar adstrito à entrevista terapêutica e nem mesmo à entrevista em geral, mas que tal modelo pode ser aplicado de maneira útil a qualquer forma de conversação. Ele afirma também que toda conversação é o resultado da união de fatores situacionais particulares e de princípios gerais. Tais princípios gerais expressam-se nas suas regras conversacionais, as quais foram elaboradas a partir do estudo de um grande número de casos.

Para nós, particularmente, a utilização de tal modelo mostrou-se muito proveitosa e de grande ajuda na compreensão dos fenômenos inerentes à entrevista terapêutica rogerianamente orientada. Mais do que isso, ajudou-nos inclusive na compreensão mesma do caso particular atendido, no que diz respeito tanto à interação terapeuta-cliente, quanto à dinâmica psicológica característica da cliente.

Esperamos que este estudo em si mesmo seja uma prova da aplicabilidade de tal modelo e de seus princípios a diferentes situações e/ou contextos conversacionais e, por conseqüência, uma justificativa de seu uso.

Já que estamos falando em contexto, vale a pena situarmos o presente trabalho quanto a quem dele participou, como, onde, quando e porquê.

O autor desse estudo é também o terapeuta que participa da entrevista. Seu interesse pela análise do discurso decorre do desejo de uma maior compreensão dos fenômenos envolvidos na in-

teração terapeuta-cliente, já que a abordagem centrada-no-cliente a qual adota, utiliza-se da entrevista face-a-face como técnica de trabalho.

A gravação da entrevista se deu nas dependências do SAPSI (Serviço de Atendimento Psicológico) que faz parte do Departamento de Psicologia, no qual o terapeuta atende a pessoas da comunidade que procuram os serviços de atendimento psicológico a baixo custo destinados à população carente.

Com o consentimento da cliente a quem foi explicado seu objetivo, a gravação foi realizada numa sala de atendimento individual onde terapeuta e cliente estavam sentados frente a frente e ladeados por uma pequena mesa. Tal disposição era a mesma de todas as outras entrevistas anteriores a não ser pela presença de dois microfones de mesa, um próximo à cliente e o outro ao terapeuta. O gravador usado foi de fita de rolo para maior fidelidade de gravação, tendo sido colocado longe das vistas da cliente e ligado antes que a mesma adentrasse à sala no sentido de se evitar ao máximo fatores inibidores. Posteriormente, o material gravado foi transposto para fitas cassete que serviriam mais facilmente ao manuseio nas inúmeras audições realizadas em conjunto pelo pesquisador e pela orientadora nas fases de transcrição e expansão.

A cliente não demonstrou inibição nem manifestações discrepantes em relação às sessões anteriores. O terapeuta acredita mesmo que sentiu-se pelo menos inicialmente, mais inibido

que a própria cliente. Contudo, não houve descaracterização de sua atuação costumeira já que, como ocorre com esta cliente que invariavelmente inicia a conversação ocupando longo tempo do início da entrevista, houve assim tempo suficiente para que o terapeuta se adaptasse à nova situação.

Os 15 (quinze) minutos analisados neste estudo referem-se a um tempo total de 60 minutos de entrevista, sendo que o período analisado inicia-se no 30º minuto e termina no 45º minuto de gravação. Escolheu-se esse trecho da entrevista pelo fato de concentrar a maior parte das intervenções do terapeuta.

A gravação dessa entrevista se deu após quase 01 (um) ano de atendimento contínuo com alternância de uma ou duas sessões semanais, conforme as disponibilidades de horário tanto do terapeuta quanto da cliente em cada semestre, com interrupções regulares nos períodos de férias escolares.

Por ocasião da gravação da entrevista em questão, o terapeuta já possuía conhecimento e compreensão razoavelmente profundos tanto dos fatos referentes à vida atual e pregressa da cliente, quanto de sua dinâmica psicológica, principalmente no que dizia respeito à problemática emocional e relacional vividas pela mesma.

Antes de nos adiantarmos na descrição do método utilizado nesse estudo, nos ateremos à apreciação da problemática apresentada pela cliente antes do e no momento que coincide com a referida gravação, além dos fatos concretos que fazem parte de sua vida atual e pregressa e, também, uma discussão sobre a situação de entrevista terapêutica.

Tal apreciação pode, na verdade, ser considerada como o início da apreciação do próprio método, tendo em vista que, coe-

rentes com os princípios teóricos que o sustentam, devemos inicialmente considerar o contexto em que a conversação se desenvolve, ou seja, os fatores situacionais particulares de que fala Labov.

2.1.1. O Caso de Maria*

A cliente Maria, solteira, 27 (vinte e sete) anos de idade, com instrução de nível superior incompleta, procurou o serviço de atendimento psicológico espontaneamente, por indicação de uma assistente social conhecida sua do local onde trabalhava. O terapeuta que dispunha de um horário vago prontificou-se a atendê-la, já que a cliente se declarava sem condições de custear atendimento particular, pois sua situação sócio-econômica não o permitia.

A queixa inicial de Maria referia-se especificamente a problemas de relacionamento familiar. Suas dificuldades maiores relacionavam-se com seu pai a quem descrevia como uma pessoa incompreensiva, "mulherengo" e negligente quanto à família que era numerosa (Maria tem vários irmãos e irmãs, 07 ao todo).

Usando suas próprias palavras, Maria percebia-se como uma pessoa revoltada por causa das desavenças familiares que culminaram com a separação dos pais à época em que Maria era adolescente. Atribuía seus problemas atuais (dificuldades de relacionamento pessoal, nervosismo) ao ambiente familiar conturbado. Criticava especialmente o pai por sua infidelidade e indi-

*O nome é evidentemente fictício como o de outras pessoas citadas neste trabalho. No intuito de se manter o sigilo profissional, situações e/ou fatos que pudessem facilitar a identificação da cliente foram omitidos.

ferença quanto aos problemas e necessidades da família, acusando-o de ausentar-se de casa por longos períodos e envolver-se com outras mulheres, além de ser perdulário e inconseqüente quanto aos bens familiares.

À época da separação dos pais, Maria de início ficou com o pai enquanto a mãe passou a morar com uma de suas irmãs. Inconformada com essa situação, Maria tentou o suicídio ingerindo grande dose de comprimidos. Resultou disso que sua mãe acolheu-a em casa tendo sua irmã se afastado de lá.

Outra queixa de Maria referia-se ao relacionamento com os irmãos que, segundo ela, era marcado por muitos sentimentos de inveja, ciúme e rivalidade. Desagradava-a especialmente que irmãos seus já casados procurassem ajuda e abrigo na casa dos pais.

Segundo ela, tal experiência familiar seria a causa de seu "gênio explosivo" que lhe trazia dificuldades no relacionamento com as pessoas em geral.

Quanto à mãe, embora Maria não fosse tão ácida quanto o era nas suas críticas ao pai, responsabilizava-a por uma educação errada, calcada em castigos e admoestações físicas e morais, inculcando-lhe assim, a idéia de que ela própria (Maria) era uma pessoa ruim.

No decorrer das sessões outros dados foram aparecendo. Na área sexual, manifestava dificuldades de relacionamento com homens pelos quais dizia sentir desprezo e nojo. Atribuía tais sentimentos à experiência negativa com o pai e a contatos que manteve com dois de seus irmãos durante a infância e adolescência, quando foi forçada a intimidades sexuais. Dizia que os homens só pensam em sexo quando se aproximam das mulheres. Ma-

nifestou preferência por relacionamentos com mulheres, tanto ao nível afetivo ou amoroso, quanto ao nível sexual. Conteúdo, preocupava-se em manter a virgindade, mesmo não cogitando casar-se. Preocupava-a muito a possibilidade de a mãe vir a saber de suas preferências e atividades homossexuais e também a possibilidade de ser desvirginada por um homem, o que aos olhos de sua mãe significava ser uma mulher sem expectativas de casamento. Maria mesmo dizia que queria manter-se virgem para o casamento embora, contraditoriamente, afirmasse não conceber a idéia de relacionar-se com homens. Dizia que desde pequena desejava ser homem e preferia atividades e brincadeiras de meninos. Para ela a homossexualidade não era propriamente um problema, mas sim uma questão de preferência sexual.

Um outro problema trazido por Maria foi o de que sofria "ataques" nos quais tinha tremores intensos, tornando-se frequentemente agressiva, sendo que deles não tinha consciência e que também experimentava ausências nas quais fazia coisas de que não se lembrava depois.

Desconfiando de um caso de epilepsia, o terapeuta solicitou à cliente que consultasse um médico neurologista, mas os exames não revelaram qualquer anormalidade.

Embora o terapeuta, por causa da abordagem que abraça, não seja partidário do psicodiagnóstico como procedimento anterior à terapia propriamente dita, vale a pena considerarmos aqui algumas hipóteses diagnósticas de cunho psicanalítico, pelo fato de que coincidentemente, a dinâmica apresentada por Maria assemelha-se em um determinado ponto, ao caso de Rhoda apresentado

por Labov em sua obra já citada anteriormente. Rhoda sofria de "anorexia nervosa", síndrome que Szasz (1965), citado por Labov, considera como um caso clássico de comunicação corporal em detrimento da linguagem verbal, em cuja base se encontram relações familiares marcadas por conflitos de relações de poder onde a hostilidade dos pais concentra-se nas situações de alimentação dos filhos, o que resulta já em fase mais adiantada, no desenvolvimento duma inapetência obstinada (anorexia histérica). A própria inapetência seria então uma forma de confrontação ou argumentação contra os pais que não se faz explícita.

Sem entrarmos em detalhes psicodinâmicos mais profundos, o caso de Maria apresenta sinais significativos do chamado caráter histérico: história pregressa com contatos sexuais na infância, atitude fóbica em relação ao sexo oposto, somatização de conflitos intrapsíquicos (as convulsões)* e labilidade afetiva.

A problemática de Maria assemelha-se outrossim ao caso de Rhoda e esse é o ponto que nos interessa, no que concerne a formas indiretas de comunicação em situações conflitivas, onde a verbalização e expressão direta de sentimentos e idéias ficam em segundo plano.

Observe-se que os ataques de Maria se dão em situações de tensão nas quais estão em jogo, invariavelmente, sentimentos

*Devido à recorrência das crises em época posterior, novos exames neurológicos mais cuidadosos estão em andamento, não se descartando todavia, a formação histérica, cujas tensões características poderiam estar ativando um possível foco irritativo a nível neuronal.

hostis e/ou amorosos sexualizados ou não. Além disso, observe-se a atitude manipuladora pela qual intenta alcançar seus objetivos e expressar suas contrariedades, como na tentativa de suicídio por ocasião da separação dos pais e mais recentemente, seu desaparecimento da casa da mãe como uma forma de hostilizá-la e ao mesmo tempo evitar que a mesma vendesse o terreno da família a um dos irmãos de Maria. Aliás este último episódio é o tema central da entrevista que é objeto de estudo nesse trabalho e sua análise nos dará uma clara ilustração da dinâmica aqui apontada.

Em termos rogerianos, Maria sofre um estado de incongruência ou desacordo entre a representação que tenta fazer de sua pessoa para si mesma e para os outros e as experiências que se chocam com essa representação.

Tentando expressar esse conflito em termos mais vívidos, estão em luta a Maria que se crê boa, justa, preocupada exclusivamente com o bem-estar de sua mãe e a Maria por vezes egoísta, ressentida e irada com sua mãe por sentir-se preterida em favor do irmão; a Maria agressiva e autoritária que faz frente aos homens parecendo-se com eles (aqueles que conheceu) e a Maria que deseja o amor dos homens mansamente. Maria não consegue ser esses sentimentos todos de forma integrada, senão teria que ser também a menina ruim de quem ninguém gosta, nem ela mesma. Também não pode ser como as meninas, senão gostaria de meninos, do toque, do sexo deles, mas para ela, os homens são grosseiros e brutais, podem invadi-la e feri-la. É melhor desejar ou imaginar ter um sexo igual ao deles e por isso não precisar dos homens. Maria, então, tem ataques, esperneia, grita, bate, morde, sai com meninos, bebe cerveja e depois não se lembra de nada. Já se acostumou tanto a esquecer de si mesma que às vezes

atravessa a rua e nem se lembra de como o fez.

2.1.2. A Situação de Entrevista

Tendo apresentado Maria, comentaremos agora alguns aspectos relativos à situação de entrevista sendo que de tal discussão retiraremos já as primeiras consequências operacionais em termos de método.

Labov define entrevista como um evento de fala no qual uma pessoa A, extrai informação de outra pessoa B, sendo tal informação referente à biografia de B, entendendo-se essa informação como toda e qualquer informação provinda da experiência de B. Propõe também que a entrevista pode ser caracterizada a partir de duas dimensões: de acordo com quem inicia a entrevista, e de quem é beneficiado por ela, sendo que, em cada caso, temos um entrevistador A, cuja vocação ou atribuição inclui o processo de retirar informação de outros.

Ele ressalta que o benefício percebido na situação de entrevista exerce forte influência no tipo de interação verbal que se desenrola. Podemos imaginar a diferença entre um promotor entrevistando o réu e o jornalista entrevistando a atriz de televisão.

"No caso da entrevista terapêutica, B procura ajuda de A e lhe dá informação sobre sua biografia, que será usada para ajudá-lo" (Labov, 1977:31).

Labov nos coloca o fato de que em nossa sociedade, a pessoa que procura ajuda terapêutica é marcada por um estigma; de que existe um valor socialmente aceito, o qual diz que a pessoa adulta deve ser independente e capaz de cuidar de si própria sem

ajuda, pelo menos permanente ou constante, de outras. E que quando alguém, mesmo sendo reconhecido como uma pessoa honesta, digna de confiança e moralmente íntegra procura terapia, há uma admissão implícita de que não é capaz de resolver sozinha seus problemas.

Dependendo do contexto sócio-cultural, percebe-se que esta procura é vista de diferentes formas, desde aquela em que a pessoa é julgada como "maluca", até aquela em que a busca da terapia é avaliada como uma ação sensata e realista.

Por outro lado, Labov aponta a assimetria entre os papéis do cliente e do terapeuta na situação de entrevista. Diferentemente do cliente, o terapeuta representa aquele que já recebeu inclusive, treinamento específico para solução autônoma de seus próprios problemas e que pode ajudar outras pessoas a fazerem o mesmo.

Juntando esses aspectos peculiares à entrevista terapêutica com um dos objetivos fundamentais de toda terapia, que é o de que o cliente seja capaz de se autodeterminar, temos um paradoxo: Como posso esperar não necessitar mais da ajuda de outros, procurando ajuda?

Na tentativa de solucionar essa contradição, geralmente os clientes comportam-se de formas características que descrevem em parte o fenômeno conhecido por resistência.

O cliente, então, tenta logo cedo demonstrar que entende perfeitamente seu problema e que, se um dia precisou de ajuda, agora já não é mais o caso, embora, contraditoriamente, seu comportamento real não tenha mudado. Tenta minimizar seus problemas referindo-se a eles como coisas comuns e sem importância ou, de maneira mais extrema, se recusa a falar.

Labov também nos chama a atenção para o fato de que existem respostas secundárias enquanto formas verbais de resistência à-quele paradoxo. Diz que na conversação comum, estamos sempre sujeitos a sermos contraditos ou questionados a respeito de fatos que são do conhecimento de outros, principalmente quando tais fatos são mais conhecidos por outros do que por nós mesmos, mas que existe uma área de nossa experiência que dificilmente pode ser questionada e sobre a qual podemos falar com alto grau de confiança sem receio de sermos acusados de contradição ou falta de conhecimento. Essa área é aquela que se refere aos nossos sentimentos, emoções e a todos aqueles eventos que dizem respeito à nossa biografia.

Isso não quer dizer que um parente, amigo íntimo ou qualquer outra pessoa não possa nos contradizer a respeito de tais eventos, mas que não se sentirão tão livres para fazê-lo quanto se sentiriam se o assunto da conversação fosse o plano cruzado, por exemplo.

Quanto ao contexto da entrevista terapêutica, no entanto, Labov observa que o terapeuta é visto como alguém cuja especialidade inclui o trato com emoções tanto suas quanto de outrem e que, algumas vezes, tem habilidade para dizer mais definitivamente o que outra pessoa sente do que ela própria.

Tal característica da entrevista terapêutica abre então a possibilidade de que as emoções e sentimentos do cliente tornem-se objeto de discussão, questionamento, ou seja, tornam-se disputáveis segundo as palavras de Labov, o qual propõe que um dos efeitos dessa situação, é um estilo especial de discurso existente na entrevista terapêutica, estilo que ele chama e nós também, estilo do dia-a-dia (EV), no qual o cliente faz con-

tínuas referências e/ou elabora narrativas a respeito do cotidiano, área sobre a qual, então, pode falar livremente sem receio de contradições.

Contudo, como as pessoas acabam por se revelar em tudo o que dizem e fazem, as narrativas destes eventos são a matéria prima da qual o terapeuta se utiliza muitas vezes no seu trabalho. O cliente, por sua vez, pode evidentemente reordenar e/ou reinterpretar a apresentação de tais eventos (o que realmente aconteceu) no sentido de evitar contradições e questionamentos. No entanto, o terapeuta tem a seu favor o fato de que tais incidentes são discutidos freqüentemente várias e várias vezes, no decorrer das entrevistas, o que lhe permite confrontar os dados e avaliar sua coerência.

Pelo que foi dito, podemos ter dado a impressão de que a terapia é um "tour de force" no qual terapeuta e cliente degladiam-se constantemente.

Na verdade todo terapeuta de bom senso procura estabelecer um clima de segurança e confiança no qual o cliente possa sentir-se razoavelmente à vontade para falar sobre o que quer que seja.

Especialmente no nosso caso (vide fundamentos teóricos de Rogers a respeito da terapia - Capítulo I), cremos que deve ser mantido e respeitado o status do cliente como maior conhecedor de sua própria experiência, o que, afinal, é um dos pressupostos básicos dessa nossa abordagem.

Conquanto concordemos com a existência do paradoxo e a consequente atitude defensiva do cliente diante dele, pela razão de que, inegavelmente, existe o pressuposto social de que há "especialistas da mente" que "curam" males emocionais, tal ati-

tude defensiva exige a nosso ver, algumas outras considerações.

Afora a característica das chamadas pessoas "neuróticas" ser a insegurança a respeito de seus próprios sentimentos, o que as leva a não preferirem falar sobre si mesmas e, às vezes, acrescentando-se a isso ou, por isso mesmo, a ausência de uma atitude introspectiva, o que ocorre é que o indivíduo em conflito muitas vezes mente para si mesmo. Por não aceitar sentimentos, atitudes e até mesmo pensamentos que não se harmonizam com a imagem que tem ou pretende ter de si, grande porção de sua experiência é negada à consciência ou deformada nela no sentido de que o eu não seja ameaçado. Contudo, como em nossa concepção o homem é um todo indivisível do qual o próprio eu faz parte sendo apenas uma manifestação parcial dessa totalidade, e sendo a consciência uma qualidade da totalidade do ser e não somente aquela que é de alguma forma simbolizada e articulada a nível de imagens, pensamentos ou palavras, o "neurótico" mente e sabe que mente pela existência daquilo que Rogers chama de "consciência orgânica" ou "sabedoria do organismo" aqui entendida como totalidade psicofísica.

Em outras palavras, o "neurótico" teme contradizer-se a si mesmo e, principalmente, para si mesmo, o que o impede de aproveitar um relacionamento autêntico e aberto mesmo quando ele lhe é proposto seja pelo terapeuta ou qualquer outro.

Essa é a razão fundamental da resistência segundo entendemos e com a qual cliente e terapeuta se debatem até que o primeiro, sentindo-se plenamente aceito pelo segundo, possa aceitar-se a si mesmo também.

Não querendo nos alongar em discussões teóricas, propomos considerar ainda o outro lado da moeda do fenômeno descrito por Labov.

Ainda concordando que seja uma resistência, achamos que há outra forma igualmente freqüente pela qual o cliente tenta solucionar o paradoxo da entrevista terapêutica, cuja consequência ainda é o estilo dia-a-dia. Tentaremos reproduzir como as coisas se passam para o cliente: "Tudo bem, como você é o(a) especialista e como não sei mesmo o que se passa comigo, simplesmente lhe farei um relato das coisas que me acontecem e espero que você diga-me então o significado delas e, se possível, como resolver meus problemas."

Nessa atitude o cliente ao invés de opor-se à pressuposição de que não é capaz de saber o que realmente sente, aferra-se a ela, o que é ainda mais destrutivo para um processo que visa à autodeterminação.

Entende-se, o cliente distante de sua própria experiência e sem poder confiar nela, tende a buscar nos outros os sinais e dados necessários às suas decisões e ações, o que faz também diante do terapeuta.

A própria cliente aqui mencionada dava mostras dessa atitude de dependência quando, por vezes, aludia à proposição, implícita na terapia, de que se deve estar em contato com seus próprios sentimentos, referindo-se a ela como "aquilo que você me disse para fazer", quando na verdade o terapeuta nunca havia lhe dito que fizesse qualquer coisa. Isto demonstra a incapacidade da cliente em reconhecer uma compreensão realizada por si mesma, a respeito do que estava implícito nas atitudes do terapeuta, confundindo isso com orientações diretas que realmente não existiram, embora em outras ocasiões reconhecesse que não deveria esperar instruções de qualquer espécie.

Todo terapeuta com alguma experiência conhece as vicissitudes do trabalho com clientes que, ou clamam falsa onipotência, ou total dependência, às vezes como formas complementares de resistência. A existência de uma ou outra atitude depende da dinâmica particular de cada cliente, do momento do processo terapêutico em que ocorrem, do tema tratado, além, é claro, da atitude do terapeuta diante do cliente. Não excluimos logicamente as atitudes genuínas e saudáveis de independência e pedidos sinceros e honestos de ajuda. Nem tudo é resistência, assim como as pessoas não são "neuróticas" o tempo todo, tanto quanto ninguém é sadio o tempo todo.

Esperamos que essas considerações representem alguma contribuição ao entendimento da estrutura relacional que é a entrevista terapêutica, tendo em vista a necessidade assinalada por Labov de que tenhamos uma compreensão ampla do contexto em que a conversação se desenvolve.

2.2. O Método Propriamente Dito

2.2.1. Os Estilos

Damos o primeiro passo na nossa análise, ao identificar no texto um dos três campos do discurso com seu vocabulário e formas retóricas características, o estilo do dia-a-dia (o qual assinalaremos com a abreviatura (EV) como faz Labov, mantendo o mesmo procedimento em relação aos outros dois estilos que abordamos a seguir, para facilitar a referência) no qual o cliente fala sobre eventos ocorridos nos dias precedentes à entrevista num estilo coloquial, objetivo e neutro, marcado por uma linguagem não colorida emocionalmente nem terapeuticamente ori-

entada como é o caso de outro estilo a que chamamos de estilo de entrevista (IV). Esse estilo é marcado pelo vocabulário especial da entrevista terapêutica, (interpretação, culpa, ansiedade, conflito, relacionamento, trabalhar a relação, elaborar, atitude, etc.), nele, as emoções e comportamentos são tratados como objetos ou seja, se fala sobre eles. Também não são muito emocionais os enunciados produzidos neste campo do discurso, pois o cliente não se coloca como um ator. Sua principal característica é o uso da metalinguagem psicológica.

O repertório do (IV) é mais comum nas interações com clientes afeitos à literatura psicológica, ou naquelas em que o contato mais prolongado com o terapeuta facilita a assimilação por parte do cliente, do vocabulário característico da terapia.

Tal estilo é pouco freqüente em nossa entrevista sendo raramente utilizado pelo terapeuta que se preocupa com o uso de uma linguagem que traduza o mais fielmente possível a experiência vivida da cliente de modo acessível e compatível ao seu próprio vocabulário, decorrendo daí que vários enunciados do terapeuta sejam marcados como (EV) por causa da semelhança com o estilo apresentado pela cliente.

É comum que na terapia haja expressões de fortes e intensas emoções, às vezes de maneira até dramática. Tais expressões concentram-se no estilo que Labov denomina estilo familiar (F) que em geral está encaixado no estilo do dia-a-dia. São referências, relatos e/ou reproduções de diálogos e eventos que se dão no meio familiar, geralmente com forte colorido emocional, onde predomina o uso de vocabulário caracteristicamente familiar.

Embora a expressão de emoções não seja característica ex-

clusiva do estilo familiar (F), (pois também ocorrem no estilo do dia-a-dia, se bem que com menor frequência e intensidade), a marcação desse campo se justifica pela oportunidade que oferece de se ter uma visão de como a cliente se comporta com pessoas significativas de seu meio que influem em sua vida emocional, e de como essas pessoas se comportam com ela.

Uma subvariedade do estilo do dia-a-dia é o estilo narrativo (N) no qual o falante, no caso a cliente, narra eventos reais ocorridos no passado. Tal estilo mantém as características do (EV), mas diferencia-se dele pelo fato de que estrutura-se de maneira peculiar às narrativas em geral, onde através de um resumo do evento narrado, uma orientação do tempo em que ocorreu o evento e das personagens envolvidas, uma sequência temporal demonstrada por verbos no presente e/ou no pretérito, uma avaliação do evento narrado e, uma finalização (coda), o falante procura argumentar com a própria narrativa algum ponto ou proposição que faz parte da conversação.

No caso da nossa entrevista as narrativas não se apresentam com todas essas características, pois são freqüentemente truncadas e entremeadas de avaliações que quase as descaracterizam como narrativas. No entanto, mantivemos a marcação desse estilo, mesmo que não representem aqui casos "puros" de narrativa, pelo fato de que exercem de qualquer modo, a função principal da resposta narrativa proposta por Labov ou seja, argumentar, ilustrar, exemplificar, principalmente através da avaliação do evento narrado, a proposição ou pressuposto que subjaz ao discurso.

Na nossa entrevista, Maria nos dá vários exemplos da utilização desse recurso (vide o segmento em que se inicia o trecho de entrevista aqui estudado em 1.1 [a], 1.1 [c], 1.1 [d], 1.2 e 1.3 [a]; Cap. III, p. 82, 87 e 88).

Labov propõe os campos do discurso numa estruturação concêntrica:

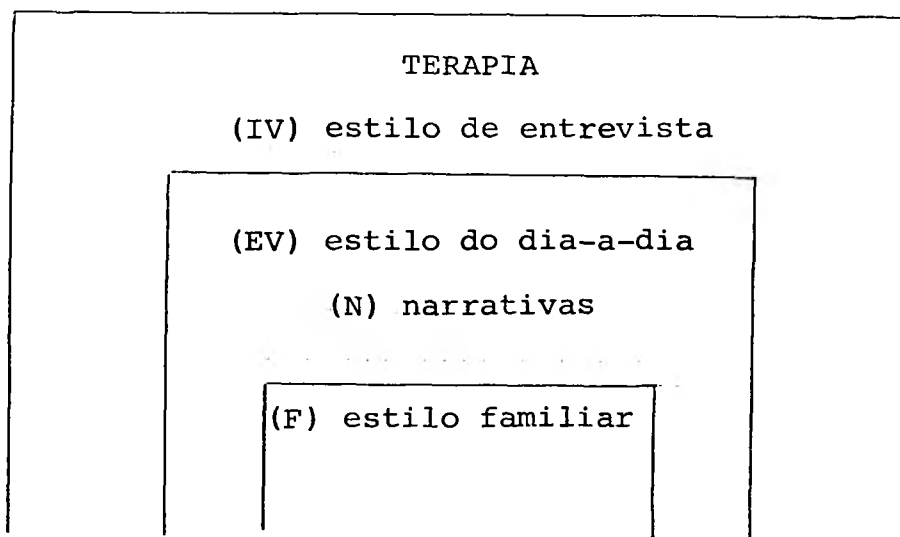


Figura 1

onde a instituição da terapia com suas características peculiares abarca e determina cada um dos estilos e na qual encontramos o estilo de entrevista. Encaixadas no campo da terapia, as referências ao cotidiano (estilo do dia-a-dia) através de narrativas ou não e, no plano mais interno, o estilo familiar que em geral são breves manifestações específicas desse estilo encaixadas no estilo dia-a-dia.

No texto, os enunciados são marcados segundo seus estilos através das abreviações que os indicam observando-se a mesma estruturação sugerida pela figura 1, com os enunciados correspondentes sendo delimitados por chaves.

Exemplo:

$\left\langle \begin{array}{l} \text{Mas tu vê..} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle \left\langle \begin{array}{l} \text{meu pai quis vendê o terreno} \\ \text{N} \end{array} \right\rangle \right\rangle \text{EV}$

$\left\langle \begin{array}{c} \text{De chegá} \\ \text{EV} \end{array} \right. - \text{eu só chego assim, } \left\langle \begin{array}{c} \text{Tás com problema não tás?} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle \left. \begin{array}{c} \text{F} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$

2.2.2. Segmentação

Embora nosso principal interesse seja o caráter longitudinal da conversação, isto é, a seqüência de ações na interação verbal, nos cinco capítulos que se seguirão, realizaremos cortes analíticos nos quais os elementos de pequenas unidades do texto serão identificados, com suas relações internas demonstradas.

As maiores unidades que identificamos no texto são 5 (cinco) episódios delimitados por mudanças nos tópicos ou, temas de referência da conversação:

Episódio I - O Terreno: referências da cliente à venda do terreno de seus pais.

Episódio II - A Família: em resposta a uma colocação do terapeuta sobre as expectativas da cliente em relação a seu pai, esta faz um relato de seu relacionamento afetivo com a família.

Episódio III - A Mãe: respondendo à colocação do terapeuta sobre uma atitude sua diante do afeto de certas pessoas da família, Maria refere-se às experiências de sua infância com a mãe.

Episódio IV - A Herança: referindo-se a um diálogo com sua mãe no episódio anterior, Maria fala de suas preocupações com a herança dos pais e com o futuro de sua mãe.

Episódio V - O Irmão: retornando à questão do terreno, Maria coloca seus sentimentos em relação à venda do terreno de

seus pais para um de seus irmãos.

Essa segmentação do texto em episódios tem a intenção de proporcionar uma estrutura a grosso modo na qual a interação terapeuta-cliente tem lugar.

Dentro de cada episódio fazemos uma subsegmentação onde unidades menores, indicadas por numerais arábicos, são objeto de análise independente. Frequentemente tais unidades coincidem com mudanças de quem toma a palavra e/ou alternâncias de atos de fala, no entanto, tal segmentação tem como principal objetivo, dirigir a atenção do leitor para algum ponto específico do texto. O mesmo acontece com subunidades ainda menores, indicadas por letras entre colchetes, dentro das unidades indicadas por numerais. Tais subunidades podem indicar atos de fala separados, mas não necessariamente dividem os enunciados em atos distintos.

Exemplo: $\frac{1}{2}x + \frac{1}{3}y = \frac{1}{6}$

1.3 [a] M. : $\left\langle \begin{array}{c} \text{Só:puque falô hã - comentô numa vendinha alí.} \\ N \\ EV \end{array} \right\rangle$

[b] M. : < Os **no**ssos vizinho praticamente mais que tão sa-
EV
bendo. >
EV

[c] T. : Sei.

Labov chama a atenção para o caráter arbitrário dessa segmentação, tendo em vista que as sentenças presentes no texto não mantêm uma relação ponto por ponto com as ações desempenhadas pelos participantes da conversação, o que ficará claro na expansão dos significados do texto onde há referências a infor-

mações providas de outras partes da entrevista. A segmentação visa, portanto, somente delimitar o início e o fim da análise.

Vejamos a seguir as partes componentes dos cortes analíticos.

2.2.3. O Texto

Ao transcrevermos o material gravado submetemos o mesmo a repetidas audições sempre em dupla (investigador e orientado_{ra}), no intuito de se obterem os dados mais fidedignos possíveis, sendo as palavras transcritas aproximadamente tal como foram ditas*, procurando-se captar também falsos inícios, hesitações, auto-interrupções, etc.

Pausas são indicadas por pontos, cada ponto equivale a meio (1/2) segundo de tempo de pausa.

Exemplo:

1.1 [a] M.: < Mas tu vê.. < meu pai quis vender o terreno. > > N/ EV
EV N

Vírgulas são usadas para indicar mudanças de entoação suaves tais como as que marcam uma contagem, (1, 2, 3, 4, ...).

Exemplo:

1.5 [a] T.: < Parece que você inclusive não, tâ, vendo, assim, o
EV
seu pai administrando bem essa situação. > EV

*Na transcrição não assinalamos a pronuncia [u] e [i] quando grafamos o e e respectivamente; Ex.: no e que, pronunciados respectivamente nu e qui. Esta regra fonológico-grafêmica já está generalizada no português.

Traços (—) indicam terminações abruptas de enunciados, (truncamento).

Exemplo:

- 1.4 [a] M.: <Hi talvez a gente poderia té — aparecê uma pessoa
EV
que desse até uns 25 milhões.> EV

Separações entre sons que são menos que uma palavra são indicadas por hífen (-).

Exemplo:

- 2.3 [d] M.: <Ah de repente é teu aniversá-ê aniversário do-da
EV
mãe, o do pai, até eu concordo de chegá lá e fa-
zê — [T.: Hum] tendeu?> EV

Fala rápida e condensada, onde não existem pausas, é indicada pelas palavras escritas juntas sem espaços entre si.

Exemplo:

- 4.11 [c] M.: <Seela resolvesse comprava um terreninho e u já disse, <Na
EV F
hora que precisá, comprando um terreninho> — se
F
eu comprá um terreninho num lugar — porque eu
num quero levá minha mãe pro morro — o terreno
que eu tenho é no — atrás do morro.> EV

A duração,* ou seja, a continuação do som de parte de uma palavra, é indicada por pontos localizados após e acima da sí-

*A duração é registrada mas não comentada, pois não nos pareceu transmitir significados importantes a não ser talvez uma pausa para planejamento.

laba ou letra da palavra cujo som apresenta duração, sendo cada ponto equivalente a meio (1/2) segundo de tempo de duração.

Exemplo:

2.6 [f] M.: < Mas eu sô mais assim... num sei quem a Diva,
EV
chego né — mudei agora com a relação, com.. o
fato que aconteceu né. >
EV

Os símbolos (xxx) indicam palavras que não puderam ser decifradas.

Exemplo:

5.5 [a] M.: < xxx num tê casa pa morã. >
EV EV

Como já vimos anteriormente, certas formas paralingüísticas que aqui chamamos de sinais paralingüísticos, são de fundamental importância na compreensão do discurso. Poderíamos dizer que conotam o componente afetivo da fala.

Labov cita estudos (Mahl e Schulze, 1964) que demonstram a correlação entre a falta de fluência da fala e temas carregados de emoção (tensão).

Ressalvando a possibilidade de que a presença da emoção também possa facilitar a fluência, interpretamos o discurso não fluente, marcado por hesitações e interrupções, como demonstrando um estado emocional negativo de tensão.

Os sinais indicativos de tensão são de fácil acesso no próprio texto, a partir do modo de transcrição que propusemos acima. No entanto, existem outros sinais que transmitem signifi-

cados importantes e que não podem ser captados e reproduzidos tão facilmente. Entre eles a entoação, volume e extensão dos sons da fala. Além dos chamados qualificadores vocais: laringalização, nasalização, glotalização, etc.

Labov (1977:46) comenta a falta de acordo entre lingüistas quanto à transcrição e interpretação de contornos entonacionais que se mostram sempre como formas pouco claras, ambíguas e não discretas o que impede sua categorização ou, formação de um quadro de sinais, definidos por suas oposições mútuas.

De maneira interessante, Labov propõe que tal característica dos sinais entonacionais, mais do que uma limitação desse canal de comunicação, é um aspecto essencial do mesmo. Ele considera a necessidade que as pessoas têm de uma forma de comunicação que seja refutável, ou seja, a possibilidade de se expressar hostilidade, desafio à competência de outros, afeição, amizade, de maneira tal (indireta, ambígua e implicitamente) que esses significados possam ser negados se as pessoas forem solicitadas de alguma forma e expressá-los explicitamente, o que poderia em alguns casos, levar à quebra ou comprometimento de relações sociais.

Isso não quer dizer que as pessoas não possam estar conscientes das significações transmitidas por esses sinais ou que não concordem entre si sobre elas e, até, ajam decisivamente baseando-se nelas, mas que elas podem negá-las devido a seu caráter não explícito e ambíguo, mesmo quando aquele a quem a comunicação é dirigida esteja plenamente consciente de sua significação (veja-se o caso das chamadas duplas mensagens).

Tendo em vista as dificuldades quanto à identificação precisa dos contornos entonacionais, Labov, em sua pesquisa, utilizou-se de aparelhos de medição, (o osciloscópio e o espectró-

grafo) que reproduzem graficamente dimensões físicas dos sons como a frequência, amplitude e extensão, cujos correlatos subjetivos ao nível da percepção são a tonalidade (pitch), volume e tempo. Embora ele mesmo reconheça que tal correlação não seja tão simples e ainda pouco conhecida.

No presente trabalho, por causa da inacessibilidade a tais aparelhos, recorreremos à transcrição baseada na percepção acústica desses sinais que aparecem representados então no próprio texto.

Alguns desses sinais aparecem freqüente e recorrentemente no material gravado, o que permite sua identificação de modo razoavelmente seguro:

- entoações ascendentes (identificadas pelo contraste que apresentam em relação à tonalidade média percebida na voz), são simbolizadas por setas (/↗) sobrepostas às vogais das palavras nas quais percebe-se a ascendência entonacional. O tamanho da seta (/↗↗) maior ou menor, procura dar uma idéia aproximada do intervalo do contraste.

- entoações progressivamente ascendentes (que se referem a um alteamento gradual da voz), são representadas pela seqüência de setas (↗↗↗↗) sobrepostas seqüencialmente às vogais das palavras nas quais se percebe a progressão de ascensão entonacional.

- entoações progressivamente descendentes (seqüências entonacionais que começam com alteamento da voz que gradualmente se aproxima do tom médio), sinalizadas de modo inverso às ascendentes (↘↘↘↘).

- ênfase - diferentemente da entoação ascendente que apare-

ce em certas partes das palavras, a ênfase é um contorno entonacional em que toda a palavra é, contrastivamente às outras adjacentes, acentuada ou marcada por uma intensidade maior, aquilo que num texto costuma ser sublinhado. É sinalizada pela palavra escrita em negrito.

- laringalização - voz rangida onde a impressão é a de que o som sai arranhado. Sinalizada pelo símbolo (~) inscrito sob as vogais das palavras laringalizadas.

- aspiração ingressiva - tomada de fôlego que o falante realiza antes de um enunciado. Notada pelo símbolo (h).

Esses são os sinais mais freqüentes e que mais recorrem na entrevista gravada, o que facilita sua interpretação. Outros sinais menos freqüentes como a nasalização e glotalização, serão indicados e analisados quando transmitirem significados importantes.

Quanto à interpretação dos sinais paralingüísticos, Labov os considera relativamente vazios de sentido em si mesmos (Labov, 1977:21), por isso, ela é feita sempre dentro do contexto em que aparecem.

Seguindo o modelo de Labov, utilizamos um quadro limitado de termos relativos aos significados comumente transmitidos pelos sinais paralingüísticos:

- aqueles que se referem a estados emocionais negativos:
 - tensão
 - relaxamento abrupto de tensão
 - exasperação
- termos que avaliam afetivamente um movimento interacional por parte de quem fala:

- mitigação
- implicação
- por parte de quem ouve:
- simpatia
- depreciação

é bom lembrar que hesitação não é sempre e necessariamente sinal de tensão, do mesmo modo como tensão não é necessariamente um estado emocional negativo. A tensão que precede algumas atividades pode ser muito prazerosa. Portanto, os significados aqui apresentados devem ser vistos como relativos à configuração específica que estudamos.

A relação entre o texto e os sinais paralingüísticos, a maneira pela qual eles se combinam, determina o que Labov chama "modo de expressão", que pode ser direto, ou indireto quando a significação depende principalmente dos sinais paralingüísticos.

Quando o modo de expressão é muito indireto, há implicação. Em Labov o par dicotômico é mitigação/agravamento (Labov, 1977: 47). No nosso caso preferimos a utilização do termo complicação já que no contexto da nossa entrevista os significados implicados são quase sempre agravantes de uma crítica ou questionamento e até mais freqüentemente, a própria crítica ou questionamento (desafios como veremos adiante) que é feita implicitamente. No que é dito, ou seja, o significado do que é dito recai principalmente sobre a interpretação dos sinais paralingüísticos.

Os significados mais precisos de todos os termos até aqui apresentados ficarão mais claros quando nos referirmos a eles na expansão do texto.

2.2.4. Expansão

Ao segmentarmos o discurso em pequenas unidades, identificando e separando o texto dos sinais paralingüísticos que são

dois canais de comunicação estreitamente interligados, realizamos um movimento analítico. Por outro lado, fazemos uma síntese quando reunimos toda informação necessária à compreensão da produção, interpretação e sequência dos enunciados em questão.

Esse é o caráter dado por Labov à expansão que é uma tentativa de se explicitar o que é realmente transmitido e/ou significado por aquilo que é dito.

Em cada uma das unidades do discurso indicadas por numerais arábicos, fazemos uma expansão do texto onde:

- expandimos os significados transmitidos pelos sinais paralingüísticos em termos textuais equivalentes segundo nossa melhor compreensão;

- expandimos e explicitamos as referências pronominais a enunciados e eventos relativos a outros momentos da entrevista, (ocorrências anafóricas e exofóricas);

- introduzimos material fatural que é apresentado antes e depois do enunciado em questão (função contextual);

- explicitamos o conhecimento compartilhado entre os participantes da conversação, derivado da entrevista terapêutica como um todo e de outras entrevistas.

Exemplo:

Texto

1.2 M.: <<A única coisa que ele dizia, <Quero vendê>>>> Sinais Pa
 EV N F F N EV ralingüís-
 ticos: de-
 preciação
 implicação

Expansão

1.2 M.: <<Veja sô que absurdo, a única coisa que ele fez foi di-
 EV N
 zer que queria vender, <Quero vendê>> F como se alguém

pudesse esperar vender bem um terreno fazendo somente

isso. > >
N EV

Devemos admitir que outros significados poderiam ser atribuídos ou sugeridos às expansões que fizemos, tendo em vista seu caráter "em aberto" apontado por Labov (1977:50). A expansão de um único enunciado poderia incluir informações de toda a entrevista, todo o processo terapêutico, toda a vida de Maria, poderia ser algo infindável. Isso é o que Labov chama de "super explicitação" que pode por vezes até dificultar a compreensão do discurso. Os limites à expansão portanto, são dados pelos interesses e conhecimentos daquele que investiga.

2.2.5. Proposições

Quando realizamos o processo de expansão dos significados daquilo que é dito, encontramos por vezes repetidas referências mais ou menos diretas a certos conteúdos ideacionais. Esses conteúdos representam o componente cognitivo da conversação, ou seja, aquilo sobre o que está se falando. Algumas são mais específicas, referindo-se a eventos particulares sobre os quais se está falando, outras são mais gerais e aplicam-se à situação terapêutica, à vida familiar ou a valores socialmente aceitos.

Labov (idem:53) observa que, por exemplo, na relação entre pais e filhos algumas proposições são freqüentemente explicitadas, "Você ainda não é dono de seu nariz!" mas, que nas relações entre adultos, geralmente as proposições não são tão explícitas, principalmente aquelas que podem afetar o status das pessoas envolvidas, "Sou melhor que você", "Acho você incompe-

tente". Nesses casos, esses conteúdos são referidos indiretamente por afirmações gerais e/ou argumentando-os através de eventos sobre os quais se fala durante a conversação como exemplos das proposições em jogo.

A relação entre o texto e as proposições envolvidas é chamada "modo de argumentação" que pode ser direto ou indireto.

Labov observa também e, cremos, com razão, que a situação terapêutica caracteriza-se por um esforço constante do terapeuta no sentido de explicitar as proposições subjacentes à comunicação do cliente. Algumas são mais imediatas, referidas por eventos particulares e atuais, outras são mais longínquas, referidas por eventos distantes no tempo. Frequentemente essas proposições dizem respeito a atitudes, modos de percepção e relação que caracterizam a personalidade do cliente. Por vezes, argumentações sobre eventos atuais refletem proposições que não se prendem somente a situações presentes mas, também, a situações do passado e/ou vice-versa.

Remetemos o leitor à unidade 3.4 do 3º episódio, onde temos um exemplo de como o terapeuta tenta relacionar eventos distantes no tempo a uma mesma proposição.

Um exemplo de proposição específica que ocorre em nossa entrevista, que é suportada por Maria através de vários argumentos e que tem importância crucial no seu conflito familiar e emocional é {FD}: *Maria é um filha dedicada, exclusivamente preocupada com o bem estar da mãe*; que se relaciona com outra proposição {- MP} *Maria não tem interesses pessoais no terreno dos pais*; onde o símbolo (~) colocado antes do símbolo {MP} que designa a proposição, *Maria tem interesses pessoais no terreno dos pais*, significa a negação dessa proposição.

Essas relações entre as proposições são indicadas por operadores que as modificam ou combinam de maneira semelhante aos operadores lógicos. Como já vimos, (~) representa a negação de uma proposição; outra operação pode ser, {~~MP} que significa, *não é verdade que Maria não tem interesses pessoais no terreno dos pais*.

Uma relação de igualdade ou similaridade entre duas proposições é indicada por (=). Exemplo disso é a relação de semelhança que o terapeuta tenta estabelecer entre sentimentos e atitudes de Maria em situações distintas, {EV} = {EV'} no 3º episódio (p.151).

Quando nos referimos às proposições em nossa análise, utilizamo-nos de paráfrases com uma linguagem análoga à do texto.

Exemplo:

- M. demonstra ao terapeuta que $\xrightarrow{\sim MP}$ não tem interesses pessoais na venda do terreno referindo-se às suas preocupações com a mãe, conseqüentemente indica indiretamente que \xrightarrow{FD} é uma filha dedicada, mitigando assim suas afirmações anteriores.

Como já vimos, algumas proposições são mais gerais e se referem por exemplo à situação terapêutica. Adotamos algumas das proposições propostas por Labov que se referem à terapia e que seriam pertinentes a todas situações terapêuticas estudadas por ele (Labov, 1977:54).

{AUT} o terapeuta não diz ao cliente o que ele deve fazer.

{insight} o cliente deve compreender-se no contato com suas próprias emoções e sentimentos.

Essa segunda proposição necessariamente envolve o contato com emoções particulares. Se o cliente sente raiva, pretende-se que ele esteja ou torne-se consciente disso. Daí a necessidade de identificarmos e representarmos tais emoções na forma de proposições:

{E_h} Maria experimenta sentimentos hostis.

{E_v} Maria experimenta sentimentos de vingança.

Acreditamos que exista uma proposição que é onipresente em toda e qualquer entrevista terapêutica: *o cliente deve falar sobre si mesmo.*

Tal proposição é corroborada pelo fato de que a estrutura da situação terapêutica comporta um pedido de ajuda como já vimos anteriormente e que, portanto, o cliente deve falar sobre seus problemas e dificuldades, para que o terapeuta na posse desses dados possa ajudá-lo*. Ela decorre das características socialmente atribuídas à instituição da psicoterapia, mas também pelo fato de que o comportamento do terapeuta caracteriza-se por uma sistemática e constante referência à pessoa do cliente quanto a como ele percebe, julga, sente, interpreta os fatos. Com referência a isso, pelo menos, poderíamos dizer que toda terapia é centrada-no-cliente, seja a abordagem rogeriana ou não.

Labov nos alerta para o fato de que a análise do discurso não deve começar com um quadro fixo de proposições, mas que devemos antes procurar as mensagens recorrentes na conversação através das expansões.

*É óbvio que estamos falando do cliente voluntário.

A seguir apresentamos um glossário das proposições que encontramos em nossa entrevista aqui estudada:

Proposições específicas:

- {PC} o chefe de família deve administrar competentemente os bens familiares.
- {T} alguém que queira vender bem um imóvel deve agir no sentido de que o maior número de pessoas saibam que o imóvel está a venda.
- {MC} Maria é mais competente que seu pai para administrar os bens familiares.
- {PI} meu pai prefere vender o terreno para meu irmão.
- {NT} Maria não concorda com a venda do terreno.
- {F} familiares dialogam e expressam carinho entre si.
- {MA} Maria não dialoga e não expressa carinho na família.
- {MH} Maria é hostil com seus parentes.
- {MF} a mãe de Maria não dialoga nem expressa carinho.
- {MA_d} Maria é adulta.
- {FD} Maria é uma filha dedicada, exclusivamente preocupada com o bem estar da mãe.
- {MP} Maria tem interesses pessoais no terreno dos pais.
- {E_h} Maria experimenta sentimentos hostis.
- {E_r} Maria experimenta ressentimento.
- {E_v} Maria experimenta sentimentos de vingança.
- {E_v'} Maria experimentava sentimentos de vingança na infância.
- {E_i} Maria experimenta indignação.
- {E_{hm}} Maria experimenta sentimentos de humildade.

Proposições gerais:

- {insight} o cliente deve compreender-se no contato com suas próprias emoções e sentimentos.

{RF} a relação familiar é importante para a terapia.

{TC} o terapeuta compreende as emoções e sentimentos do cliente.

A necessidade de se isolar as proposições mostra-se evidente quando procuramos ter uma visão em profundidade daquilo que as pessoas realmente fazem na conversação. É o que procuraremos contemplar ao discutir e apresentar o próximo passo da análise compreensiva do discurso.

2.2.6. Interação

Após a separação do texto e dos sinais paralingüísticos e a expansão dos significados transmitidos por ambos, apresentamos em seguida as ações desempenhadas pelo terapeuta e cliente. A formulação de uma seqüência de ações desempenhadas por ambos em cada unidade que analisamos é o resultado final do corte analítico que cada uma dessas unidades representa, (aquelas indicadas pelos numerais arábicos) dentro dos cortes maiores que são os episódios. Chamamos essas seqüências de ações, de sumários interacionais.

Nestes sumários apresentamos predicados que designam os atos de fala, suas relações com as proposições (derivadas das expansões) e as regras seqüenciais que são representadas por setas nas quais se encaixam as proposições, indicadas pelos devidos símbolos (vide glossário, p.65) e também a estrutura hierárquica que relaciona os atos de fala dentro do enunciado.

Exemplo:

Texto

1.2 M.: <<A única coisa que ele dizia, <Quero vendê< Sinais para
 EV N F F N EV lingüísticos
 depreciação,
 implicação.

Expansão

1.2 M.: <<Veja só que absurdo, a única coisa que ele fez foi
 EV N
 dizer que queria vender, <Quero vendê< como se al-
 F F
 guém pedesse esperar vender bem um terreno fazendo
 somente isso. >> E EV

Interação

M. continua referindo-se às ações do pai <? T> como insu-
 ficientes para vender bem o terreno, demonstrando assim sua
 inabilidade e, conseqüentemente, dá suporte à <~ PC> sua
 crítica e à sua desconfiança.

Veremos que alguns enunciados do texto representam dois ou mais atos de fala, sendo que algumas ações são identificadas e interpretadas pela identificação de outras. Daí o caráter hierárquico do relacionamento entre os atos de fala em que alguns são mais abstratos que outros, ou seja, um pedido de informação pode, por exemplo, num nível mais abstrato, representar um desafio ou questionamento do status ou competência de alguém, ambas as ações representadas por um só enunciado.

A seguir apresentamos um quadro* com os termos que designam

*Aproveitamo-nos basicamente do esquema utilizado por Labov em que o quadro apresentado por ele nos serve de referência, com algumas adaptações ao nosso contexto específico (Labov, p.61).

os comportamentos e ações* que fazem parte de nossos sumários interacionais:

ATOS DE FALA (Interação Verbal)

1. Meta-ações		
inicia redireciona interrompe	responde continua repete reforça	finaliza conclui
2. Representações (A-eventos)		
A	B	
dá informação expressa refere demonstra	reforça reconhece	
D-eventos		
A	B	A
afirma dá avaliação dá interpretação	concorda nega reforça dá reinterpretação	dá suporte contradiz
3. Pedidos		
A	B	
pede X	dá X	
4. Desafios		
A	B	A
desafia	defende admite	recua mitiga
X = informação confirmação		

Figura 2

*Aquelas que encontramos na conversação aqui estudada.

Meta-ações - na formulação da interação utilizamos termos que, segundo Labov, têm a ver com a regulação da fala em si mesma. Eles descrevem o comportamento do falante quando este toma a palavra na conversação.

Alguém logicamente deve falar primeiro em qualquer conversação e, às vezes, um evento de fala completamente novo surge por iniciativa de algum dos participantes da conversação. Estes comportamentos são designados pelo termo *inicia*.

Quem fala também demonstra iniciativa quando *redireciona* a conversação noutro sentido, ou *interrompe* o outro participante.

Freqüentemente os participantes duma conversação alternam entre si curtos enunciados ou seja, *respondem* um ao outro. Em outras ocasiões um dos participantes toma a palavra por períodos mais longos de tempo, ao narrar um acontecimento ou, argumentando algo, ele *continua* sua fala. Ele também *repete* por vezes algum ato de fala. O interlocutor, por sua vez, pode encorajar a outra pessoa a continuar sua fala através de um suporte ou *reforço*, (Hum, Sei, etc.).

Ao final de uma narrativa ou discussão, quem fala *finaliza* ou sinaliza isso com uma *conclusão*.

Representações - grande quantidade dos atos de fala de uma conversação são representações de algum estado de coisas. Os fatos relativos à experiência daquele que fala são denominados A-eventos que são conhecidos por A mas não necessariamente por B, aquele que ouve. Chamamos A-eventos aqueles fatos que fazem parte da experiência particular de A, aquela sobre a qual o falante A pode *dar informações* e/ou *expressar* idéias (proposições) ou sentimentos a B, aquele que ouve. Há ocasiões em que A *refere* alguma informação específica conhecida por ambos A e

B (no nosso caso o cliente e o terapeuta), informação que provém da própria entrevista em que a referência é feita, ou de entrevistas anteriores. Noutros momentos, A procura *demonstrar* a B a validade de uma proposição através de exemplos ou argumentações. Aquele que ouve, B, pode por sua vez, *reconhecer* ou *reforçar* aquilo que A *demonstra*, *refere*, *expressa* ou *informa*.

De maneira diferente, denominamos como D-eventos aqueles fatos que são *disputáveis*, que não são referentes à experiência particular nem de A nem de B. Dentro da terminologia que aqui utilizamos, quando falo sobre a minha experiência familiar particular estou *dando informações* ou *expressando* sentimentos sobre ela e, quando falo das famílias em geral estou *afirmando* algo sobre elas.

Ainda na categoria dos eventos disputáveis, após apresentar uma série de fatos que realmente aconteceram, A, aquele que fala, pode dar ou fazer uma *avaliação* da significância desses eventos em termos sociais e/ou emocionais. Se o evento de que A fala puder ser entendido como símbolo de um significado encoberto, denominamos A como dando uma *interpretação* que pode ser vista como uma espécie de avaliação.

A disputabilidade desses eventos deve ser entendida no sentido de que não sendo relativos à experiência particular de A, podem ser questionados com mais facilidade por B, pois se referem à experiência de ambos, fazem parte do background de ambos. Quando faço uma avaliação do comportamento dos filhos *em geral*, numa conversação com outra pessoa, posso ser muito mais facilmente questionado do que quando faço o mesmo em relação aos *meus* filhos. Lembremos que, como já vimos anteriormente (p.43, Cap.II) este aspecto modifica-se amplamente no contexto da entrevista terapêutica.

Quando A *afirma, avalia ou interpreta*, realiza ações que são iniciais numa seqüência. Em resposta a elas B pode *concordar, negar ou reforçar* a afirmação de A. Pode também *reinterpretar* a interpretação de A que por sua vez, pode, antes ou depois de B falar, *dar suporte* à sua afirmação, avaliação ou interpretação com mais argumentos. Finalmente, A pode *contradizer* a si mesmo por algo que diga ou faça.

Pedidos - na análise do discurso, Labov identifica uma série de pedidos de várias espécies: pedidos de ação, informação, confirmação, atenção, aprovação. Ele categoriza súplicas, rogos e sugestões como pedidos mitigados e, ordens, comandos e exigências como pedidos não mitigados ou agravados.

Pedidos são considerados como AB-eventos na medida em que não se referem a fatos externos à situação de conversação, como ocorre com as afirmações. Eles decorrem de fatos igualmente conhecidos por A e B e que estão adstritos à própria situação de conversação.

Em resposta a um pedido de A, B pode *dar* ou não a *informação* ou *confirmação*.

Embora essa situação não ocorra na entrevista aqui estudada, Labov observa que a recusa no atendimento de um pedido, pode causar a quebra da conversação pelo afastamento definitivo de um dos participantes ou, por um afastamento mais moderado através do silêncio que também representa uma quebra no fluxo da conversação.

Labov considera que todos pedidos são basicamente pedidos de alguma espécie de ação, já que todo e qualquer comportamento verbal é uma ação, mas reserva o termo, pedido de ação, para uma resposta mais categórica do que o ato de fala em si.

Desafios - Labov define interação como "as ações que afetam (alteram ou mantêm) as relações de si e de outros na comunicação face-a-face" (Labov, 1977:59).

Esta definição deriva do fato de que no desenvolvimento de suas pesquisas sobre a conversação, Labov propõe que as ações cruciais no estabelecimento da coerência e da seqüência do discurso não são atos de fala tais como pedidos ou asserções, mas sim desafios, defesas e recuos que têm a ver com o status dos participantes da conversação, seus direitos e obrigações e seus relacionamentos mutáveis em termos da organização social em que se inserem.

Quando analisamos em profundidade a significância interacional de alguns atos de fala, freqüentemente percebemos que certos pedidos e/ou asserções representam ou podem ser interpretados como desafios, críticas, ataques, insultos ou elogios, reforços, adulações, apoios. Nos referiremos à primeira série de termos como *desafios*. Segundo definição de Labov, desafio é qualquer referência direta ou indireta a uma situação que, sendo verdadeira, pode rebaixar o status de outra pessoa. Quanto à segunda série de termos, nos referiremos a eles como comportamentos que *dão suporte*, reforçam ou elevam o status de uma pessoa.

Uma forma intermediária de se desafiar o status, ou competência de uma pessoa, é lançar-se alguma dúvida sobre uma proposição que a outra pessoa procura manter ou endossar, ou seja, *questionando-a*.

Em resposta a um desafio de A, B pode *defender* a si mesmo e, essa defesa freqüentemente se faz através de outro desafio ou crítica à pessoa que fez a primeira. Por outro lado, B pode *admitir* o desafio como válido e sofrer as conseqüências em acei-

tar o rebaixamento de seu status. Também é possível que A *recue* em seu desafio ou *mitigue* o mesmo.

Nos sumários interacionais utilizamo-nos de alguns modificadores que indicam como uma ação é desempenhada ou como várias ações são combinadas. Um dos participantes pode desempenhar duas ou mais ações *simultaneamente*. Indicamos que uma ação é desempenhada indiretamente, conectando-a ao enunciado através de uma série de *indiretamente* e *conseqüentemente*, procurando assim explicitar tal indireção.

Chamamos *modo de interação* a forma mais-direta ou indireta com que uma ação é desempenhada numa conversação. Posso criticar meu pai simplesmente dizendo que ele é mau pai ou, posso fazer o mesmo lembrando-o de suas falhas ou ainda, não falar com ele ficando "emburrado".

Nossa intenção, ao apresentar e comentar os termos utilizados na formulação da interação, é propiciar ao leitor alguma idéia do sentido que têm tais termos na conversação aqui analisada, contudo, consideramos que sua compreensão será grandemente facilitada quando considerados no contexto em que se apresentam.

Utilizamo-nos da maioria dos termos interacionais propostos por Labov, já que mostraram-se adequados à identificação das ações encontradas em nosso material.

Grande quantidade das ações que fazem parte da conversação, são referências a proposições que subjazem ao discurso. No sumário interacional tais proposições, gerais ou específicas, são indicadas por símbolos dentro de setas que representam o comportamento de quem fala. Uma seta apontando à direita indica que uma resposta é requerida, setas apontando à esquerda indi-

cam ações que são respostas a uma ação anterior, setas apontando à esquerda e à direita representam as duas ações anteriormente citadas sendo desempenhadas simultaneamente.

Proposições que são simplesmente referidas ou afirmadas, aparecem indicadas dentro das setas sem qualquer qualificação. Proposições que são questionadas ou desafiadas aparecem acompanhadas do símbolo (?). Como já vimos anteriormente, (p.62-63) proposições também podem ser negadas ou rejeitadas; nesse caso são acompanhadas do sinal de negação (~). Como já vimos também (idem) a semelhança entre duas proposições é indicada por (=).

A seguir apresentamos um exemplo de sumário interacional:

Interação

T. faz uma interpretação da atitude e dos sentimentos atuais de M. em relação à mãe, referindo-se dubitativamente ao pai de M.; sugere uma semelhança entre suas atitudes atuais e passadas $\{E_v\} = \{E_v'\}$, implicando que M. mantém atitudes infantis, conseqüentemente desafia M. $\langle ? MA_d \rangle$ no seu status de adulta, conseqüentemente indica indiretamente que os problemas familiares de M. inclusive $\langle NT \rangle$ sua discordância quanto à venda do terreno, relacionam-se com suas atitudes $\langle MH \rangle$ hostis para com sua família e sua mãe.

No intuito de se dar uma visão de conjunto do que até aqui foi apresentado como fazendo parte dos cortes analíticos do discurso, nos utilizaremos de uma figura tridimensional proposta por Labov (1977:68):

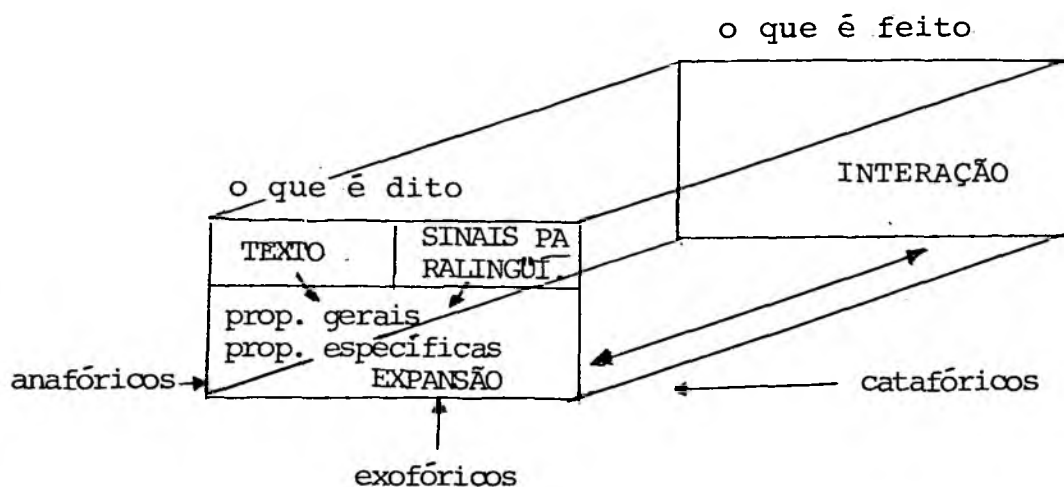


Figura 3

No plano do que é dito encontramos o texto e os sinais paralingüísticos que nos permitem a expansão onde são localizadas as proposições gerais e específicas. Tomando a liberdade de adicionar novos elementos à figura de Labov, introduzimos os elementos anafóricos (informação proveniente de entrevistas anteriores à entrevista analisada), os elementos catafóricos (informação proveniente de entrevistas posteriores) e os elementos exofóricos (informação provinda do contexto social comum aos participantes da conversação) que entram em jogo na expansão.

As relações entre o texto, sinais paralingüísticos, a expansão e a interação localizada no plano posterior do que é feito, caracterizam os modos de expressão, de argumentação e de interação que podem ser diretos ou indiretos.

A forma direta ou indireta com que se comunica e/ou interage tem grande importância para o terapeuta na situação de entrevista, já que um de seus objetivos, é que o cliente entre em contato com seus sentimentos de forma mais direta e, se possível, possa expressá-los também da mesma forma.

Como veremos, os problemas apresentados por Maria, têm mui-

to a ver com a forma indireta ou "camuflada" que lida com seus sentimentos em relação a pessoas importantes em sua vida e principalmente, em relação a si mesma.

2.2.7. Síntese

No último capítulo realizaremos uma síntese do trecho de conversação analisado, procurando oferecer uma visão do todo formado por esses 15 minutos de entrevista, de como ele se insere no resto da entrevista e na totalidade do processo terapêutico em curso.

Estaremos fundamentalmente interessados em compreender como que, na conversação, o terapeuta procura atingir os objetivos a que se propõe. Na demonstração disso nos utilizaremos de algumas regras conversacionais propostas por Labov que, nos parecem, traduzem o significado das intervenções do terapeuta que são nossa principal preocupação neste trabalho.

No entanto, para que não percamos de vista o fluxo da conversação, a medida que realizamos os cortes analíticos em cada um dos episódios, desenvolveremos considerações a respeito do que está acontecendo no decorrer da entrevista em termos das ações realizadas pela cliente e pelo terapeuta, tentando estabelecer da forma mais clara possível a coerência do discurso, auxiliados pela identificação e interpretação da relação existente entre texto, sinais paralingüísticos, proposições e pelo encadeamento entre um corte analítico e outro através das ações identificadas pelos termos anteriormente apresentados.

CAPÍTULO III

EPISÓDIO I - O TERRENO

Nesta entrevista Maria retoma um assunto que a vinha preocupando há algum tempo, assunto esse objeto de sua consideração em entrevistas anteriores. Trata-se da venda do terreno em que se situa a casa onde morava sua família antes da separação dos pais.

O ponto que centraliza as apreensões de Maria refere-se ao fato de que seu pai tenciona vender o terreno a um dos irmãos desta, sob determinadas condições, em relação às quais Maria mantém uma atitude de discordância.

A discordância de Maria relaciona-se com a possibilidade de que, em se efetuando a transação, seu pai pudesse receber sua parte do pagamento antes da mãe, o que, por si só, para Maria já se constituiria numa injustiça, não fosse o fato de que Maria julga o preço pedido pelo pai abaixo do preço que poderia ser conseguido pelo terreno se o mesmo fosse vendido para outra pessoa que se dispusesse a comprá-lo.

Além disso, Maria também discorda da maneira como seu irmão vinha se conduzindo quanto à transação, visto que, segundo ela,

ele não havia procurado sua mãe nem seus irmãos quando de sua intenção de comprar o terreno, fazendo a proposta de compra somente para o pai, o que para Maria era inadmissível, pois considerava o terreno como um bem da família e não somente de seu pai.

Por outro lado, Maria planejava voltar com a mãe à antiga casa da família após a morte do pai, o que ela previa que aconteceria antes da morte da mãe, por causa do precário estado de saúde daquele.

A contrariedade de Maria, quanto a tal situação, culmina com a atitude de sua mãe que se mostra propensa a aceitar a venda do terreno naquelas condições, o que leva Maria, numa atitude de protesto, a sair de sua casa por vários dias, abrigando-se durante a noite no local onde trabalhava.

Para que possamos compreender corretamente o relato de Maria apresentamos a seguir, um quadro aproximado de suas relações familiares, no qual se desenvolvem as interações possíveis entre ela e as pessoas de sua família a partir dos dados por ela fornecidos.

Atualmente Maria mora com a mãe, o irmão mais novo e um sobrinho adotado por ela, todos na mesma casa.

O pai, à época em que se passa o episódio narrado nesta entrevista, mora na casa em que se situa o terreno ambicionado pelo irmão, casa essa onde morava toda a família antes da separação dos pais de Maria.

O irmão de Maria, que pretende comprar o terreno, mora numa terceira casa com sua esposa e filhos.

Os 6 (seis) outros irmãos e irmãs de Maria moram em suas respectivas casas com seus maridos, esposas e filhos.

Temos então:

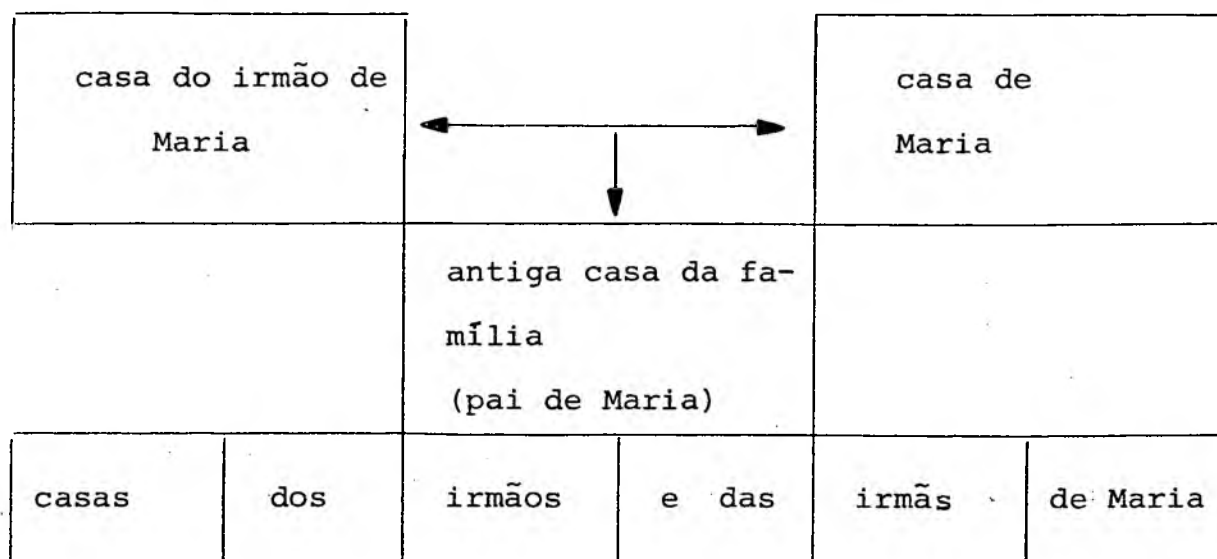


Figura 4

Tal quadro procura refletir a situação da família de Maria à época da realização da entrevista que aqui analisamos, como também as posições de seus membros quanto ao conflito da venda do terreno e, procura demonstrar ainda o resultado da evolução das relações familiares a partir dos dados fornecidos por Maria sobre a história da família.

A posição central da antiga casa da família onde mora o pai de Maria, reflete tanto o fato de que centraliza a dinâmica que se desenvolve nesta entrevista, quanto o de que a partir dela, onde morava originalmente toda a família de Maria, desmembraram-se, com a separação dos pais, as outras casas representadas no quadro.

As casas de Maria e de seu irmão, separadas das casas dos outros irmãos e irmãs e colocadas uma ao lado da outra, traduzem sua evidenciação em relação às outras casas tendo em vista

o lugar proeminente que ocupam no episódio relatado por Maria e sua relação de confronto quanto à questão da venda do terreno.

As casas dos outros irmãos e irmãs de Maria aparecem indistintamente representadas por não serem referidas neste episódio de forma relevante. Também são colocadas espacialmente em plano distinto das casas de Maria e de seu irmão, pois não participam diretamente do conflito em torno do terreno.

Cabe salientar que tal quadro procura representar somente as interações, a estrutura relacional, de um dado momento, momento esse que se refere à dinâmica contida no relato de Maria no que diz respeito à entrevista em questão. Este quadro poderia modificar-se à medida que novos fatos ocorressem. O desenvolvimento de uma outra forma de interação entre as pessoas envolvidas, como por exemplo a concordância de Maria quanto à venda do terreno, exigiria a estruturação de outro quadro de interações.

Voltando à entrevista em questão, Maria começa a relatando sua ida à casa da mãe após vários dias de ausência, onde encontra uma de suas irmãs que lhe fala sobre as preocupações da mãe por causa de sua ausência prolongada e da reação de alarme desta quando descobriu um bilhete que Maria havia deixado para ela.

Ainda comentando o assunto, Maria refere-se à possibilidade de voltar para casa, pois sua mãe, tendo se dirigido ao local em que Maria trabalhava, mostrava-se doente e abatida, o que Maria relacionou com sua ausência de casa, fato que a levou a preocupar-se com a saúde da mesma e pensar em voltar para casa, embora se mostrasse algo relutante, pois voltar para casa, seria "dar o braço a torcer."

Maria também comenta no início da entrevista que se sentia mais esperançosa quanto à questão do terreno porque havia tomado conhecimento do fato de que para o terreno ser vendido, haveria a necessidade de que todos os filhos assinassem o contrato de venda, além do pai e da mãe.

A certa altura, Maria passa a criticar o pai como já o fizera por muitas vezes em muitas outras entrevistas, acusando-o de ser um chefe de família negligente e demonstrando decepção em relação a ele como pai que deveria estar preocupado com os filhos, chegando a dizer que não o considerava como tal. Ao mesmo tempo, questiona os direitos do mesmo sobre o terreno na medida em que nunca havia se preocupado, segundo ela, com a conservação da casa em que morava nem com outros bens da família, ressaltando as privações, sofrimentos e necessidades por que sua mãe havia passado, dizendo, inclusive que o odiava e chegava a desejar sua morte.

No ponto em que se inicia nossa análise, Maria começa a criticar o pai especialmente em relação à venda do terreno, demonstrando sua desconfiança e descrédito quanto às intenções do mesmo, coisa que já havia feito em várias outras entrevistas, referindo-se a ele, explicitamente, como pessoa egoísta e desprovida de preocupações para com o bem estar da família. Suas críticas referem-se propriamente à maneira como o pai pretendia vender o terreno.

Texto

Sinais Paralingüísticos

1.1. [a] M.: <Mas tu vê.. <meu pai quis vendê o terreno> > > EV

depreciação, ênfase, entoação ascendente, implicação, reforço, negação reiterada e ressumitiva com estrutura paralelística, entoação progressivamente descendente, reforço.

[b] T.: Hum

[c] M.: <Não botô uma placa de venda. > > [T.: Hum] > > EV

[d] M.: <Não botô numa imobiliária.. nada. > > EV

Expansão

1.1 [a] M.: <Veja novamente como meu pai agiu de maneira erra-

da e estranha, veja como há motivos para que eu

desconfie de suas intenções. <Ele queria vender o

terreno> > EV

[b] T.: (Sim, continue.)

[c] M.: <Meu pai, não colocou sequer uma placa de venda no

terreno> > T.: (Entendo.) > > EV

[d] M.: <Também não colocou o terreno numa imobiliária, co-

mo era de se esperar de alguém que quisesse realmente vender bem um terreno, não fez o mínimo necessário para isso> > EV

Interação

M. inicia uma narrativa procurando demonstrar ao T. $\boxed{? \text{ PC}}$ a inabilidade do pai ao vender o terreno, indicando indiretamente que é isso que a deixa desconfiada em relação a ele e, conseqüentemente, implica $\boxed{\sim \text{ PC}}$ que seu pai não é bom chefe de família criticando-o no status de pai.

Ao procedermos a expansão deste segmento, como em todos os outros, consideramos como já foi dito anteriormente, todo o nosso conhecimento anterior a respeito das atitudes, sentimentos, opiniões e comportamentos manifestados por Maria em ocasiões que precederam este segmento, como também aqueles conhecimentos que lhe são posteriores. Nisso incluem-se os dados referentes à própria entrevista aqui analisada, como também, os de todas as outras entrevistas.

Além de se levar em conta todo o conhecimento compartilhado entre Maria e o terapeuta no que se refere aos dados da situação terapêutica, também consideramos aqueles conhecimentos, que concernem às situações de vida comuns às pessoas que compartilham valores, normas sociais e padrões de conduta numa determinada cultura. Isso quer dizer que além do conhecimento obtido pelo terapeuta a partir da interação com Maria na situação terapêutica, existem outros dados que extrapolam a situação terapêutica em si mesma e que, de certa maneira não dependem dela, pois se relacionam com a inserção do terapeuta e de Maria num determinado contexto sócio-cultural mais amplo que é provedor de várias experiências comuns como, por exemplo, o relacionamento familiar com seus conflitos, as relações hierárquicas no trabalho e na escola, os diferentes papéis e funções atribuí-

das a homens e mulheres, ou seja, deveres, direitos, obrigações, expectativas que permeiam as vidas das pessoas.

Veremos a importância destes aspectos quando, no nosso trabalho de interpretação, formulamos as proposições implícitas no discurso.

Por outro lado, consideramos de crucial importância para a interpretação do que é dito e feito na conversação, a observação e análise dos chamados sinais paralingüísticos. Tais sinais (associados às palavras, ao contexto e às proposições implícitas) transmitem, freqüentemente, significados que não poderiam ser percebidos somente através da interpretação literal das palavras. Finalmente, procuraremos destacar a atuação das regras conversacionais que se mostrarem refletidas nas intervenções do terapeuta em sua interação com Maria.

Logo no início deste primeiro segmento, podemos perceber uma forma característica de Maria interagir com o terapeuta, ou seja, a utilização do estilo narrativo.

Muito freqüentemente Maria utiliza-se de narrativas nas mais diferentes situações. Ao responder questões levantadas pelo terapeuta, ao tentar clarificar suas atitudes e sentimentos, avaliando suas próprias ações ou as de outros, Maria narra longas estórias.

Maria introduz o tópico da venda do terreno chamando a atenção do terapeuta para um evento ocorrido no passado, meu pai quis vendê o terreno, onde encontramos a manifestação de uma das regras do discurso qual seja, a regra de orientação narrativa: "Se A (Maria) faz referência a um evento que ocorreu antes do tempo da fala que não pode ser interpretado por qualquer regra do discurso como um completo ato de fala em si mesmo, então B (terapeuta) ouvirá esta referência como orienta-

ção para a narrativa que se segue."

O caráter depreciativo e o tom de indignação das palavras de Maria nos são transmitidos pela entoação progressivamente descendente e pela ênfase nas palavras, pai, não e nada.

O comportamento de Maria assemelha-se ao que na linguagem vulgar chamamos de "bronca" quando enumeramos e destacamos (esse destaque é perceptível pela negação reiterada em estrutura paralelística em [c] e [d]: não botô..., não botô...) as falhas ou erros cometidos por outrem. E quando damos uma "bronca" em alguém, admitimos implicitamente que sabemos a maneira correta de agir em relação ao aspecto em jogo, o que veremos confirmado por Maria logo adiante.


Neste segmento aparece também uma forma muito freqüente de atuação por parte do terapeuta a qual chamamos de reforço ou suporte que se manifesta através das formas: Hum, Uhm, Sei, Hã. Tais manifestações são contribuições do ouvinte para a interação, no caso, do terapeuta, as quais não interrompem o fluxo de fala e que não transmitem mensagens específicas. Também podem ser entendidas como uma espécie de hábito, pois configuram-se como comportamento constante no repertório de respostas possíveis do terapeuta que procura exprimir assim, sua atenção e seu desejo de que a cliente se sinta acompanhada em seu relato.

O segmento 1.1 pode ser entendido como uma resposta (daí a seta à esquerda) de Maria a uma colocação anterior do terapeuta na mesma entrevista, em que este, referindo-se ao sentimento de desconfiança de Maria em relação a seu pai, atribuía a existência do mesmo sentimento em Maria no que se referia à venda do terreno.

Nesse começo de análise já podemos formular algumas propo-

sições que parecem estar implícitas no discurso de Maria ou seja, {PC} um chefe de família deve administrar competentemente os bens familiares, proposição que é questionada por Maria, {? PC}, negando assim ao próprio pai {~ PC}, o status de chefe de família competente.

Observemos que Maria, ao narrar as ações do pai, quanto à venda do terreno, simultaneamente demonstra a inabilidade deste, critica-o, e fornece argumentos para sua desconfiança, enquanto também responde à colocação do terapeuta.

Tal simultaneidade das ações de Maria é representada pela seta, , em que a bi-direcionalidade das ações é assim indicada, pois de forma indireta, Maria também avalia as ações de seu pai baseada numa proposição que parece estar implícita no contexto da conversação: {T} alguém que queira vender bem um imóvel deve agir no sentido de que o maior número possível de pessoas saibam que o imóvel está a venda.

Como já vimos anteriormente, uma avaliação, afirmação, ou interpretação pode ser aceita, negada, reforçada ou reinterpretada. Veremos em seguida como Maria procura dar mais argumentos para sua avaliação.

 Texto

Sinais Paralinguísticos

- 1.2 M.: <<A única coisa que ele dizia, <Quero vendê<>>> depreciação, implicação, aspiração ingressiva.
- EV N F F N EV

Expansão

- 1.2 M.: <<Veja só que absurdo, a única coisa que ele fez foi dizer que queria vender, <Quero vendê<>> como se alguém pudesse esperar vender bem um terreno fazendo somente isso.>>>
- EV N F F N EV

Interação

M. continua referindo-se às ações do pai como insuficientes para vender bem o terreno <? T>, demonstrando assim a inabilidade deste e, conseqüentemente, dá suporte à sua crítica <~ PC> e à sua desconfiança.

Vemos aqui como a referência de Maria a um evento relativo ao comportamento do pai, quanto à venda do terreno, só pode ser entendida em seu significado pleno como uma crítica ao pai e uma argumentação a favor de sua desconfiança, a partir da apreciação da referência no contexto da conversação.

Texto

Sinais Paralingüísticos

1.3 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Só} \\ \text{N} \\ \text{EV} \end{array} \text{ puque falô hã-comentô numa vendinha ali.} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{c} \text{N} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ depreciação, implicação, hesitação, ênfase, reforço, duração 1/2 segundo, diminutivo.

[b] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Os} \\ \text{EV} \end{array} \text{ nossos vizinho praticamente mais que} \right\rangle$
 tão sabendo. $\left\langle \text{EV} \right\rangle$

[c] T.: (Sei.)

Expansão

1.3 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Só} \\ \text{N} \\ \text{EV} \end{array} \text{ porque meu pai comentou o assunto com algumas} \right\rangle$

pessoas numa vendinha perto de casa, achou que
 seria o suficiente para vender o terreno. $\left\langle \begin{array}{c} \text{N} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$

[b] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Segundo} \\ \text{EV} \end{array} \text{ minha opinião, muito poucas pessoas fica-} \right\rangle$
 ram sabendo que o terreno estava à venda, somente os nossos vizinhos. $\left\langle \text{EV} \right\rangle$

[c] T.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Entendo} \\ \text{EV} \end{array} \text{ seu ponto de vista.} \right\rangle$ $\left\langle \text{EV} \right\rangle$

Interação

M. repete sua referência às ações do pai continuando sua crítica $\left\langle \sim \text{PC} \right\rangle$ e
 refere-se às ações do mesmo como insuficientes para vender bem o terreno

$\sim T$, indicando indiretamente que interpreta aquelas ações como uma demonstração da inabilidade do pai e, simultaneamente, expressa sua opinião a respeito do assunto. T. dá suporte ao relato de M.

Entendemos 1.3 [a] como uma repetição de 1.2 já que nos parece a referência a um mesmo conteúdo em termos diferentes. Essa interpretação é reforçada pelo fato de que os dois enunciados iniciam-se com os termos, "A única" e "Só" que igualmente denotam o sentido de insuficiência atribuído às ações do pai de Maria.

Em 1.3 [b] Maria interrompe sua narrativa ao apresentar os resultados das ações do pai, indicando indiretamente que se trata de uma avaliação desses resultados através da ênfase na palavra nossos que à luz do significado atribuído às palavras iniciais dos dois enunciados anteriores, única e só, significa então, a nosso ver, somente os nossos vizinhos.

Após o suporte dado pelo terapeuta, Sei, veremos como Maria confirma nossa interpretação.

Texto

1.4 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Hí talvez a gente poderia té} \\ \text{EV} \end{array} \right. \text{— aparecê uma}$
 $\left. \begin{array}{l} \text{pessoa que desse até uns 25 milhões.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$

Sinais Paralinguísticos

entoação ascen-
dente, implica-
ção, reforço,
truncamento, voz
estridente (fal-
seto)

[b] T.: (Uhm...sei.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Tendeu?} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}$

Expansão

1.4 [a] M.: { Se nós, eu e minha família, fizéssemos a venda do terreno da maneira como acho que deveria ser feita, acredito que poderíamos vendê-lo a uma pessoa qualquer por melhor preço ou seja, 25 milhões. }

[b] T.: (Compreendo.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Esse é meu ponto de vista.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}$

Interação

M. demonstra ao T. a validade de suas críticas ao pai ? PC, propondo um melhor desfecho para a venda do terreno, indicando indiretamente que MC é mais competente que seu pai para administrar os bens familiares. T. dá suporte indicando que M. continue, M. sinaliza que concluiu.

Neste segmento, em [a], o enunciado começa com a expressão, a gente que expandimos como uma referência de Maria a si mesma, ela própria incluída no grupo de pessoas que fazem parte de sua família.

A expansão, da maneira como acho que deveria ser feita, é uma alusão ao reverso das críticas feitas ao pai até então, ou seja, agindo no sentido de que o maior número possível de pessoas saibam que o terreno está à venda, que poderia ser a outra maneira de se conseguir um melhor preço pelo terreno, ao invés de somente se dizer aos vizinhos que o terreno está venda.

A avaliação de Maria, aludida no segmento anterior, nos é confirmada pela sua proposição de que em se agindo conforme seu julgamento, o resultado seria a venda do terreno por um preço melhor, (anteriormente ao trecho analisado, noutra parte da entrevista, Maria havia informado ao terapeuta que o preço que estava sendo pedido por seu pai era 20 milhões).

Pode parecer prematuro atribuímos a Maria a ação indireta de reclamar para si, maior competência que a de seu pai através da proposição implícita {MC}, mas de fato, é isso que Maria faz, pelo menos no que diz respeito à venda do terreno, ao criticá-lo e ao propor ela mesma um resultado melhor para esta.

Por fim, em resposta ao suporte do terapeuta, Maria questiona-o. Tendeu?, sinalizando desse modo que concluiu sua fala.

posta de M. indicando que esta continue.

Nessa primeira intervenção do terapeuta, percebemos que, em termos rogerianos, ele procura refletir o sentimento subjacente à comunicação da cliente, o sentimento de desconfiança e, a avaliação negativa que Maria faz das ações de seu pai.

Observemos que o terapeuta não busca a confirmação desses sentimentos de Maria através de uma pergunta. Apesar do termo dubitativo, parece, utilizado no início de sua fala, o enunciado apresenta-se na forma de uma afirmação. Percebemos, então, que a asserção do terapeuta, a respeito da avaliação feita por Maria sobre as ações de seu pai, é entendida por esta como um pedido de confirmação.

A regra dos pedidos de confirmação proposta por Labov diz o seguinte: "se A faz uma afirmação a respeito de B-eventos, então isso é ouvido como um pedido de confirmação."

De fato o terapeuta faz uma afirmação a respeito de eventos que fazem parte da experiência particular de Maria, os fatos relativos às ações de seu pai e sua avaliação dessas ações.

Na expansão do texto, tentamos traduzir o significado mais abstrato da intervenção do terapeuta levando em consideração a regra citada. Por outro lado, expandimos o termo, inclusive, como significando, além da desconfiança que sente em relação às intenções de seu pai, já que inclusive, denota ou indica indiretamente, algo que já havia sido expresso anteriormente por Maria (sua desconfiança), acrescida agora de sua avaliação das ações do pai quanto à venda do terreno.

A exasperação de Maria é transmitida pela entoação ascendente

te que marca praticamente todo o enunciado 1.5 [b] em que há um aumento da frequência (falseto), e pela reduplicação de sua avaliação, no uso do advérbio superlativo, péssimo.

O sentimento de desconfiança de Maria é argumentado de forma mais clara nos enunciados do próximo segmento, se bem que ainda de forma indireta.

 Texto

Sinais Paralingüísticos

1.6 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{E o meu pai é esganado por dinheiro, hem} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle \text{EV}$

implicação, entoação ascendente, duração 1 segundo.

[b] T.: (Hã.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Ficassim, ô, esganado por dinheiro mas} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 até... vejo de uma forma assim estranha. $\left. \right\rangle \text{EV}$

Expansão

1.6 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Veja bem, alguém tão preocupado com dinheiro como} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 meu pai, descuidando-se dessa forma na venda do terreno. Realmente é algo para se desconfiar. $\left. \right\rangle \text{EV}$

[b] T.: (Sim.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Fico pensando então, que meu pai descuida-se des-} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 sa forma porque parece-me, deseja vender o terreno ao meu irmão. $\left. \right\rangle \text{EV}$

Interação

M. demonstra ao T. como as ações contraditórias de seu pai a deixam desconfiada quanto às suas reais intenções, referindo-se a elas indiretamente ou seja, $\langle \text{PI} \rangle$ meu pai prefere vender o terreno para meu irmão, conseqüentemente, interpretando as ações de seu pai como uma demonstração de {PI}.

Para que possamos compreender corretamente o significado das palavras de Maria neste segmento, devemos recorrer a uma proposição que está implícita e que se refere a fatos mais ou menos remotos informados por Maria em entrevistas anteriores e posteriores. A proposição {PI} meu pai prefere vender o terreno para meu irmão, decorre de informações dadas por Maria que dizem respeito, segundo ela, ao desejo de seu pai receber o dinheiro da venda do terreno antes de sua mãe (informação dada em entrevistas anteriores) e, à possibilidade que seu pai via em poder continuar morando na casa do irmão de Maria (informação posterior a esta entrevista) mesmo após a venda do terreno, ou seja, seu pai pretendia vender o terreno e continuar morando na casa que venderia junto com o próprio terreno.

A expansão de 1.6 [a] procura dar conta da contradição referida por Maria, entre a ganância de seu pai por dinheiro e sua inabilidade em vender o terreno. Em 1.6 [c] expandimos a interpretação velada que Maria faz do comportamento de seu pai através da palavra, estranha, que a nosso ver, subentende {PI}. Meu pai prefere vender o terreno para meu irmão.

CAPÍTULO IV

EPISÓDIO II - A FAMÍLIA

Texto

Sinais Paralingüísticos

2.1 [a] T.: < Hum.. h̃ Uma coisa que você falô assim que,
EV
que me chamô a atenção, você disse que..
hã.. seupaidecertaforma, ficô indif-hã-as-
sim, como que indiferente prã você assim,
né. as-quê dizê, num importa muito o que
aconteça com ele e tal. >
EV

aspiração in-
gressiva, ten-
são, condensa-
ção, ênfase, en-
toação ascen-
dente, trunca-
mento, auto-in-
terrupção.

[b] T.: < Parece que além de uma.. desconfiança em
EV
relação a ele, parece que f-uma certa per-
da de esperança também assim. >
EV

[c] T.: < Esperança no sentido de podê consegui algu-
IV
ma coisa de bom em relação ao seu pai, con-
segui hã se senti' querida por ele ou se
senti amada por ele ou podê tê uma relação

de confiança com ele, ^h parecequedecerta-
 forma você ~~desistiu~~ assim, de uma relação
 boa com seu pai. _{IV}

Expansão

- 2.1 [a] T.: _{EV} < Voltando àqueles sentimentos por seu pai que vo-
 cê colocou anteriormente, gostaria que falasse
 novamente sobre eles, pois interessa-me enten-
 dê-los melhor ou seja, que você se tornou indi-
 ferente à sorte de seu pai não lhe importando o
 que possa acontecer a ele. _{EV}
- [b] T.: _{EV} < Não tenho certeza, mas vejo que além da descon-
 fiança em relação a seu pai, você também expe-
 rimenta desilusão, desesperança, por causa das
 decepções e dissabores que ele lhe causou no pas-
 sado. _{EV}
- [c] T.: _{IV} < Tentando precisar melhor o sentimento que você
 experimenta em relação a seu pai, trata-se de
 que você não espera receber amor e consideração
 dele, desistiu de uma relação de confiança com
 ele. _{IV}

Interação

T. redireciona a conversação e faz um pedido de confirmação sobre os afetos de M. em relação ao seu pai referindo-se a sentimentos anteriormente expres-
 sos por M., indicando assim, indiretamente, que M. retome o tema da relação

afetiva com o pai e conseqüentemente implica insight que M. deve estar em contato com seus sentimentos e que os sentimentos de M. para com o pai relacionam-se com a questão do terreno.

Aqui o terapeuta faz uma longa intervenção referindo-se a sentimentos expressos por Maria e o faz na forma de uma série de afirmações a respeito dos sentimentos que percebia nela.

Podemos observar novamente a atuação da regra de pedidos de confirmação quando o terapeuta ao fazer afirmações sobre os sentimentos de Maria (B-eventos), tem como resposta as considerações desta a respeito desses mesmos sentimentos, como veremos em seguida no próximo segmento.

Por outro lado, podemos entender a intervenção do terapeuta como uma espécie de interpretação. Isso se deve ao fato de que após uma longa consideração dos afetos de Maria em relação ao pai, o terapeuta finaliza sua intervenção referindo-se à confiança perdida de Maria quanto àquele. A interpretação, nos parece, ocorre em dois níveis: num mais imediato, a intervenção do terapeuta significa que em decorrência das decepções sofridas, Maria não confia mais em seu pai; noutro, considerando-se que o tema até então enfocado por Maria era sua desconfiança quanto às intenções do pai na venda do terreno, a intervenção do terapeuta pode então ser entendida como significando que a desconfiança de Maria, com relação à situação específica do terreno, tem a ver com o sentimento generalizado de desconfiança em relação a seu pai. Note-se, no entanto, que o terapeuta não explicita tal interpretação, mas simplesmente procura refletir para Maria os sentimentos que percebe nela. A forma hesitante da fala do terapeuta, marcada pelas auto-interrupções, reflete o

tom de dúvida que este procura imprimir às suas palavras apesar do caráter afirmativo das mesmas, o que, nos parece, reforça o sentido de um pedido de confirmação que atribuímos à intervenção.

De outro modo, poderíamos nos perguntar se não se trata na verdade de uma resposta elucidativa e não de um reflexo-de-sentimento, haja visto que em nossa descrição da resposta elucidativa (vide fundamentos teóricos de Rogers, Capítulo I) lhe atribuímos o caráter de uma interpretação que carrega em si um processo de natureza lógica ou intelectual, o que exigiria a identificação lingüística dessa resposta através de outra regra conversacional que não a regra dos pedidos de confirmação.

Contudo, apesar do processo de dedução implícito na intervenção do terapeuta, (em decorrência das decepções sofridas, Maria não acredita mais em seu pai) cremos que lhe falta um traço característico da resposta elucidativa que é a alusão à sentimentos, atitudes, intenções, emoções que não estão presentes no campo perceptual mais imediato da experiência do cliente. Embora o terapeuta faça referência a sentimentos expressos por Maria em momentos mais longínquos, da entrevista, (a desconfiança, decepção, e descrédito experimentados por Maria), são sentimentos que no momento da intervenção do terapeuta, parecem-nos, estão bem presentes e perceptíveis à cliente. Por isso julgamos mais adequado classificá-la como um reflexo-de-sentimento que se traduz ao nível conversacional como um pedido de confirmação. Além disso a resposta de Maria que se segue em 2.2 é bem diferente de outras respostas suas às intervenções do terapeuta que classificamos como elucidativas. Teremos oportunidade de observar mais adiante nos episódios 3º e 5º, como diante de respostas elucidativas do terapeuta, Maria tende a negá-las, justamente por não reconhecer, imediatamente, nelas, suas próprias

atitudes e sentimentos e como tais elucidações requerem a utilização de uma regra conversacional diferente do pedido de confirmação para a identificação das mesmas ao nível lingüístico e/ou interacional.

A resposta de Maria em 2.2 mostrará que ela não rejeita as afirmações do terapeuta embora não as confirme completamente.

Logo no início do 3º episódio veremos como Maria faz referência de maneira explícita à sua atitude desconfiada e de como ela relaciona isso com suas experiências de infância.

 Texto

Sinais Paralingüísticos

2.2 M.: < Já tive, já tive uma relação boa com o

IV

[T.: Hum] pai, assim querida.

/IV

mitigação, reserva, nasalização, reforço.

Expansão

2.2 M.: < No que se refere à relação afetiva com meu pai, [T.:

IV

Sim] nem sempre ela foi ruim. Já houve momentos em

que existiu carinho entre nós.

/IV

Interação

M. responde ao pedido de confirmação do T. retornando à relação afetiva com o pai, conseqüentemente aceita a sugestão {insight} de que deve estar em contato com seus sentimentos referindo-se a seu pai de forma afetuosa, indicando conseqüentemente que sua desconfiança tem outras causas.

Embora não negue as afirmações do terapeuta, o que percebemos aqui é que Maria, ao referir-se à boa relação com o pai no passado, parece procurar mitigar as afirmações do terapeuta não confirmando o caráter unicamente negativo de suas relações afetivas com o pai. Ao mesmo tempo, Maria não confirma a implicação de que a sua contrariedade quanto à venda do terreno se deva às atitudes ou sentimentos para com o pai, o que sugere que Maria atribui à sua discordância outras causas ou que outros fatores estão envolvidos.

O tom afetuoso das palavras de Maria, é transmitido pela na-

salização do enunciado. A nasalização, significando carinho e afeto, aparecerá de forma mais clara logo adiante em 2.6 [j].

Texto

Sinais Paralingüísticos

2.3 [a] M.: <Atē eu-eu num sô muito assim de- ^h de fami-
EV
lia, — meu pai, minha mãe [T.: Hum] — de
chegã e me dá um abraço.> EV

hesitação, en-
toação ascenden-
te, ênfase, re-
forço, trunca-
mento, laringa-
lização, depre-
ciação, aspira-
ção ingressiva.

[b] M.: <Eu prefiro mais que tu chegue e me **abrace**,
EV
[T.: Hum] entendesse.> EV

[c] M.: <Ou a Isaura*, eu gosto de carinho de rua,
EV
não gosto de carinho de família [T.: Sei]
tedesse.> EV

[d] M.: <Ah de repente é teu aniversã-ê aniversário-
EV
do-da mãe, o do pai, atē eu concordo de
chegã lã e fazê — [T.: Hum] tendeu?> EV

[e] T.: (Hum)

[f] M.: <De outras — expressão, não consigo sê cari-
EV
nhosa [T.: Hum] assim.. hã em termos de
chegã e dá um beijo, em fazê uma carícia, uma
coisa assim, aí é que é difícil prá mim.> EV

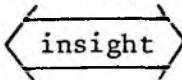
Expansão

2.3 [a] M.: <Quanto à relação afetiva com minha família, mais
EV

*Isaura: pessoa conhecida pelo terapeuta e por Maria.

- especificamente meu pai e minha mãe, não me agrada muito a intimidade ou proximidade física com que eles, [T.: Sim] isso até me desagrada mesmo. >EV
- [b] M.: <Se você, que não é uma pessoa de minha família, EV
me abraça, isso não me incomoda. Prefiro que uma pessoa estranha me abrace a que alguém da minha família o faça. >EV
- [c] M.: <Ou outra pessoa que não seja da minha família como por exemplo, a Isaura. Agrada-me o contato afetuosos com pessoas, mas não gosto do carinho das pessoas de minha família. >EV
- [d] M.: <Em ocasiões mais formais como por exemplo num aniversário, onde se espera que as pessoas sejam gentis e atenciosas, permito-me aproximar-me de meus pais e expressar afeto embora eu não goste realmente de fazê-lo. >EV
- [e] T.: (Sim, continue, fale mais a respeito disso.)
- [f] M.: <No que se refere então, a expressões de afeto e EV
carinho em situações mais formais como num aniversário, permito-me fazê-lo em relação aos meus pais. Mas normalmente no relacionamento do dia-a-dia ou seja, de uma forma mais espontânea, menos formal, é difícil aproximar-me fisicamente deles. >EV

Interação

M. redireciona a conversação dando informações a respeito de suas relações afetivas com a família comparando-as com outras relações, conseqüentemente aceita a sugestão  de que deve estar em contato com seus sentimentos e indica indiretamente que são seus afetos para com a família que se relacionam com sua contrariedade quanto à venda do terreno.

Nas suas considerações sobre os contatos afetivos com os familiares em certas ocasiões (aniversários), Maria refere-se a eles de forma depreciativa que nos é transmitida pela laringalização das palavras pai, até, chegá e lá em 2.3 [d]. Tal interpretação que fazemos desse sinal paralingüístico apóia-se primeiramente no fato de que, pela comparação estabelecida por Maria, os afetos ou intimidades familiares assumem um valor negativo; além disso, o som característico produzido pela laringalização assemelha-se ao som que produzimos quando sentindo-nos enojados, incomodados ou irritados por algo, torcemos os cantos da boca para baixo e soltamos um "argh" produzindo um som "arra nhado".

 Texto

Sinais Paralingüísticos

2.4 [a] T.: <Hum..h Parece que você acha mais fácil con-
 EV
 segui isso de pessoas estranhas [M.: Ah, é]
 do que de pessoas da tua própria família>
 EV

aspiração ingres-
 siva, entoação
 ascendente, re-
 forço.

[b] M.: <Uhm, eu procuro buscá mais fora>
 EV EV

Expansão

2.4 [a] T.: <Confirme o seguinte, você acha mais fácil conseguir
 EV
 carinho de pessoas com as quais você não tem inti-
 midade do que com pessoas de sua família>
 EV

[b] M.: <Sim, isso mesmo. Procuro encontrar carinho princi-
 EV
 palmente fora de meu relacionamento familiar>
 EV

Interação

T. faz um pedido de confirmação a respeito da atitude de Maria quanto aos afetos na família, indicando indiretamente que M. continue falando sobre o assunto e, conseqüentemente, que RF a relação familiar é importante para a terapia. M. confirma a afirmação do T.

Refletindo ou mais propriamente, reiterando as colocações de Maria, o terapeuta simultaneamente pede que Maria confirme suas atitudes quanto às relações familiares. Note-se a característica da resposta reiterativa que não introduz qualquer elemento novo

ã comunicação da cliente, apenas destaca um aspecto dessa comunicação (entoação ascendente do terapeuta na palavra, estranhas) que no caso é a atitude rejeitadora de Maria quanto aos afetos familiares em oposição à receptividade para com pessoas estranhas à família. Ao mesmo tempo, parece-nos que o destaque dado pelo terapeuta à atitude de Maria, além de refletir sua percepção dos sentimentos desta, reflete também uma proposição implícita à terapia, ou seja, {RF} a relação familiar é importante para a terapia, haja visto a importância das relações familiares nas teorias de desenvolvimento da personalidade nas quais se fundamentam praticamente todas as abordagens terapêuticas.

terreno?" questão essa que foi implicada por Maria na medida em que esta mitiga o relacionamento negativo com o pai, passando a considerar a relação afetiva com a família em geral, sugerindo assim, indiretamente que sua contrariedade tem a ver com essa relação familiar já que desconfirmou anteriormente a relação, sugerida indiretamente pelo terapeuta, entre os afetos de Maria por seu pai e sua contrariedade quanto à venda do terreno.

Texto

Sinais Paralingüísticos

2.5 T.: ... possibilidades de consegui isso na tua...

2.6 [a] M.: < EV Nã^o hã, meus irmãos
 assim, são... quase todos eles carinhosos
 assim, em termos assim — pelo menos num
 pa'po assim. > EV

superposição, truncamento, hesitação, entoação ascendente, duração 1/2 seg., reforço, laringalização, implicação, duração 1 segundo, aspiração ingressiva, duração 1,5 segundo, risos, fala pausada, nasalização, mitigação.

[b] T.: (Hum)

[c] M.: < EV Agora, não é de sempre chegã e dã um abraço,
 um beijo. > EV

[d] T.: (Hum)

[e] M.: < EV Atê que ultimamente a gente tem^o chegado e
 se beijado poquê de primeiro a gente morava
 no mesmo teto praticamente, agora tã mais
 distante, então a gente chega sempre dã um
 bejinho é tal, tã um pouco mais [T.: Hum] dis-
 so aí. > EV

[f] M.: < EV Mas eu sô mais assim... num sei que nem a Diva,
 chego né — mudei agora com a relação, com..
 com o fato que aconteceu né. > EV

[g] T.: (Hum.)

[h] M.: < EV Mas realmente eu chegava, abraçava a Diva, ali-
 sava, ela tã grávida, alisava o nenê, né, a

barriguinha dela. (risos) > EV

[i] T.: (Hum.)

[j] M.: < Hã a Carminha como eu te falei nê, abraço a
EV
Carmi' nha, a irmã da Carminha [T.: Hum], te-
deu, u-pessoa da igreja geralmente tinha a-
quele contato, as vezes x x x pegava na mão,
nê, alisava a mão num do outro, olha'va nos
olho, "sê tá com problema, qual é teu pro-
blema," Então, um comenta — então é uma coi-
sa mais > EV

Expansão

2.6 [a] M.: < Não, meu relacionamento com minha família não é
EV
totalmente desprovido de carinho, pelo menos meus
irmãos são um pouco carinhosos, quando conversa-
mos por exemplo, mas só quando conversamos. > EV

[b] T.: (Sim compreendo.)

[c] M.: < Embora meus irmãos sejam carinhosos, não o são no
EV
sentido do carinho físico, digo abraçar, beijar,
pelo menos é raro que ajam assim. > EV

[d] T.: (Compreendo.)

[e] M.: < Até que ultimamente eu e meus irmãos nos relacio-
EV
namos mais carinhosamente, quando nos encontramos
nos beijamos. Acho que isso acontece agora pelo

fato de estarmos mais distantes uns dos outros não morando todos juntos na casa de meus pais como acontecia anteriormente.

EV

[f] M.: < Mas realmente sou mais carinhosa com pessoas que

EV

não são de minha família. Comparando o carinho que existe entre mim e meus irmãos e o carinho entre mim e a Diva* por exemplo, existe diferença. Embora tenha me distanciado da Diva por causa da decepção que ela causou-me quando deixou de pagar as prestações na loja em que avalizei suas compras.

EV

[g] T.: (Sim, continue.)

[h] M.: < Contudo, eu era realmente carinhosa com a Diva, eu

EV

acariciava a barriga dela pois estava grávida, era muito mais carinhosa com ela do que com meus irmãos.

EV

[i] T.: (Sim entendo, continue.)

[j] M.: < Outro exemplo ainda, a minha amizade com Carminha**

EV

de quem já lhe falei, abraço a Carminha, a irmã da Carminha. Outro exemplo é o relacionamento com as pessoas da igreja que frequento que é muito carinhoso e tranqüilo, conversamos afetuosamente uns com os outros, "sê tá com problema, qual é teu problema." Procuramos ajudar as pessoas que

*Diva é uma colega de trabalho de Maria.

** Outra colega de Maria.

têm problemas, comentando nossas dificuldades, há mais solidariedade e compreensão entre nós do que entre as pessoas de minha família.

EV

Interação

M. responde ao pedido do T. confirmando parcialmente as afirmações deste ao mitigá-las, informando que na relação com os familiares não há ausência de afetos, simultaneamente confirma sua preferência por relacionamentos afetivos com pessoas estranhas à família, indicando indiretamente que sua contrariedade quanto à venda do terreno deve-se em parte aos relacionamentos afetivos com a família.

É interessante observar como Maria entende rapidamente o pedido de confirmação do terapeuta, respondendo a ele antes mesmo que este termine sua colocação superpondo sua fala à dele.

Interessante, também, é que Maria faz um movimento semelhante ao anterior em 2.2. De início procura mitigar as afirmações do terapeuta dizendo que suas relações familiares não são inteiramente desprovidas de carinho; no entanto, confirma uma vez mais que, em termos afetivos, seu relacionamento com os familiares é algo frio e distante, em comparação com a relação que mantém com outras pessoas que não são da família.

Nas palavras *chegã, dá, abraço e beijo* em 2.6 [c] há novamente a laringalização que, nos parece, transmite o mesmo significado de depreciação anteriormente apontado em 2.3 [d]. Compare-se esse sinal com outro que aparece na fala de Maria em 2.6 [j] quando se referindo à relação com as pessoas da igreja, sua fala é pausada, quase murmurada, marcada pela nasalização, mar-

ca essa que também apareceu, embora com menor intensidade, na sua referência anterior ao bom relacionamento com o pai no passado em 2.2. Ao falar de modo suave e lento, Maria parece querer reproduzir, na qualidade da voz, o próprio ato de se alisar a mão de alguém (referido em 2.6 [j]) de forma carinhosa, o que contrasta com a rudeza ou aspereza transmitida pela laringalização. Parece-nos que, quando há afeto envolvido na fala, os sinais paralinguísticos ou qualificadores vocais tendem a reproduzir de maneira simbólica a própria natureza desses afetos.

Quanto ao fato de Maria procurar mitigar as afirmações do terapeuta, vale a pena notar as considerações de Rogers a respeito da resposta reiterativa. Ele diz que quando o terapeuta repetidamente reitera certos sentimentos expressos pelo cliente, isso provoca a saturação desses mesmos sentimentos na consciência do cliente, o que permite então, a conscientização de outros sentimentos até opostos àqueles ou a conscientização de diferentes nuances da experiência afetiva, ou seja, quando o terapeuta reitera os sentimentos negativos de Maria para com seu pai, esta passa a falar de sentimentos positivos, o mesmo ocorrendo em relação a seus irmãos, embora não negue o caráter basicamente "frio" e distante de suas relações afetivas com eles.

 Texto

Sinais Paralinguísticos

2.8 M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{De chegá} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ — eu só chego assim, $\left\langle \begin{array}{l} \text{Táscomproble-} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{manãotás?} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ EV
truncamento,
condensação,
neutralidade.

Expansão

2.8 M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Com meus familiares não sou carinhosa como sou com} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
as pessoas da igreja, se percebo que alguém da minha
família tem algum problema, apenas pergunto: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Tás} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$
com problema não tás? $\left\langle \begin{array}{l} \text{F} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$

Interação

M. procura demonstrar ao T. sua atitude de neutralidade afetiva diante dos familiares, indicando indiretamente que suas próprias atitudes relacionam-se com $\left\langle \begin{array}{l} \text{NT} \end{array} \right\rangle$ sua contrariedade quanto à venda do terreno.

Vemos aqui o contraste entre o tom suave (nasalização) em 2.6 [j] e a neutralidade que Maria procura transmitir na sua fala ao exemplificar sua atitude para com os familiares, onde, além da ausência de nasalização, a fala rápida e condensada contrasta com as pausas bem marcadas em 2.6 [j].

Texto

Sinais Paralinguísticos

2.9 [a] M.: < Num vô chegã e pegã na mão da minha irmã,
EV

T.: Hum < Conta prã mim. > F EV

reforço, entoação ascendente, nasalização, entoação progressivamente ascendente.

[b] M.: < Geralmente tem família que é assim né. > EV

[c] T.: (Sei)

Expansão

2.9 [a] M.: < Não me agrada ser carinhosa com minha irmã. Quando,
EV

por exemplo, percebo que ela possa ter algum problema, não me dirijo a ela carinhosamente nem me permito pegar em sua mão como faço com as pessoas da igreja e dizer: < Conta prã mim. > F Não

quero mesmo demonstrar que me preocupo com ela. > EV

[b] M.: < Acredito que em geral as pessoas de uma família
EV

sentem e demonstram afeto umas para as outras, mas com minha família isso não acontece. > EV

[c] T.: (Sim, continue.)

Interação

M. continua demonstrando ao terapeuta sua atitude diante dos familiares e refere-se ao carinho que acredita existir em outras famílias, conseqüentemente critica indiretamente sua própria família < -F > cujos membros não dialogam nem expressam carinho entre si.

Neste segmento Maria nasaliza sua referência ao próprio ato de pegar a mão de sua irmã ao invés do diálogo exemplo dado em 2.6 [j], enquanto que, em Conta prá mim, o sinal paralingüístico é a entoação ascendente que interpretamos, também, como manifestação de afeto, em contraste com a neutralidade de 2.8.

A referência de Maria a outras famílias, neste contexto, parece-nos uma crítica indireta à sua própria. Tal interpretação baseia-se nas críticas feitas por Maria à sua família em segmentos posteriores da conversação, como veremos mais adiante. Em vista disso, introduzimos uma proposição cujo conteúdo será explicitado por Maria no seguimento da conversação, {F} familiares dialogam e expressam carinho entre si, proposição essa que é negada por Maria em relação à sua própria família.

Texto

Sinais Paralingüísticos

2.10 [a] M.: <Hi.. eu não, eu chego, <Tás com problema
 EV F
 num tás, o que que tu tem e tal.>> F EV

entoação ascendente, neutralidade, laringalização, truncamento, ênfase.

[b] M.: <Bato um papo.> EV

[c] M.: <Mas já chegã e tocã tẽ um — [T.: Hum].. já
 EV
 eu não me sinto bem, [T.: Hum] tendeu.> EV

Expansão

2.10 [a] M.: <Embora acredite que geralmente os parentes de
 EV
 uma família sejam afetuosos entre si, eu não vou
 além da conversa. Então digo, por exemplo, a al-
 gum parente meu que esteja com problemas, <Tás
 F
 com problema num tás, o que que tu tem e tal.>> F EV

[b] M.: <Limito-me a conversar.> EV

[c] M.: <Mas realmente não gosto de tocar nem de ser to-
 EV
 cada por meus familiares, ter um contato mais
 íntimo e afetivo. Realmente não gosto disso.
 [T.: Sim entendo, continue.] tendeu.> EV

Interação

M. continua demonstrando ao T. sua atitude neutra diante dos familiares, in-

dicando indiretamente que ela própria enquanto membro da família não expressa carinho, conseqüentemente, criticando a si mesma $\langle \text{MA} \rangle$ e implicando que sua contrariedade $\langle \text{NT} \rangle$ relaciona-se com suas próprias atitudes para com a família.

Ao referir-se às suas próprias atitudes (observe-se a ênfase em, eu, 2.10 [c]), Maria demonstra mais uma vez seu distanciamento e neutralidade, expressando sua aversão aos contatos mais afetivos com familiares. Note-se novamente a laringalização em *tocá*. Dessa forma Maria critica indiretamente a si mesma, {MA} Maria não dialoga e não expressa carinho na família. No próximo segmento poderemos perceber como Maria faz essa crítica de maneira até mais incisiva, mostrando-se inclusive, resistente ao próprio diálogo com os familiares.

Texto

Sinais Paralingüísticos

2.11 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Inclusive quando eu tô com problema} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{Tás com problema n-não tás ?} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{EV} \end{array} \right\rangle$

condensação, entoação progressivamente ascendente, exasperação, risos, truncamento, auto-interrupção.

[b] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{... aí eu assim:} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{Ah si tô é um problema} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{meu..... (risos)} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{[T].: (Hum)} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Já x x x as vezes — (risos).. tocando as-} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{sim não tem — (risos).. não dô oportuni-} \\ \text{de, dificilmente — agora tô — agora que} \\ \text{eu tô mais calma, de primeiro [T.: Sei]} \\ \text{primincipalmente era assim.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{[T].: (hum)} \end{array} \right\rangle$

Expansão

2.11 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Por outro lado, quando é alguém de minha família} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{que pergunta para mim,} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{Tás com problema não} \\ \text{tás ?} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{EV} \end{array} \right\rangle$

[b] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Quando então, alguém de minha família pergunta} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{se tenho problemas, se realmente estou com pro-} \\ \text{blemas, preocupada, respondo as vezes rispida-} \\ \text{mente,} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{Ah si tô é problema meu, não me incomo-} \\ \text{de.} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{[T].: (Sim continue.)} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Minha reação é imediata, basta que alguém de mi-} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ $\left\langle \begin{array}{l} \text{nha família me toque levemente, não permito que} \end{array} \right\rangle$

me toquem ou se aproximem de mim, muito dificilmente permito que isso aconteça. Embora agora não esteja tão irritadiça quanto a algum tempo atrás [T.: entendo.] porque estou mais calma. [T].: (Entendo, continue.)

EV

Interação

M. demonstra ao T. que, além de MA não expressar carinho para seus familiares, ela não aceita carinho deles e expressa irritação e agressividade quando alguém de sua família tenta aproximar-se dela, indicando indiretamente, que seus problemas familiares e sua contrariedade quanto à venda do terreno NT devem-se às suas atitudes hostis.

Neste segmento Maria inverte a situação a que vinha se referindo, suas expressões de afeto para com os familiares, passando a considerar sua reação às aproximações em direção à sua pessoa, revelando-se hostil a elas. A fala de Maria apresenta claros sinais de tensão, vários truncamentos, auto-interrupção, entoações ascendentes, condensação e risos nervosos que interpretamos como um relaxamento abrupto da tensão.

Maria procura, ainda, mitigar suas expressões de irritação, remetendo-as ao passado, de primeiro primincipalmente, em 2.11 [c] onde a tensão provoca inclusive o erro na palavra "principalmente". Mas, como veremos, a hostilidade de Maria ainda é uma característica atual de suas atitudes para com os familiares.

Texto

Sinais Paralinguísticos

- 2.12 M.: < Ah não tenho nada, me deixa na minha fossa
 EV F aqui, deixa no meu cantinho.. vai brincar
 ou vai fazê o teu serviço, me deixa no meu
 cantinho. > [T.: Hum] Dizia assim nê. [T.:
 F Uhm].. Tendeu. >
 EV
- duração 1/2 segundo, entoação progressivamente ascendente, irritação. (exasperação)

Expansão

- 2.12 M.: < Ah não tenho nada... > F Eu dizia assim a alguém de minha família que me importunasse tentando saber o que havia de errado comigo, pois era algo que me incomodava muito mesmo perceberem que eu não estava bem e tentarem ajudar-me. [T.: Sim, continue.] É isso que acontecia, já terminei. >
 EV F EV

Interação

M. demonstra ao T. como expressa sua hostilidade na relação familiar, indicando indiretamente que recusa a aproximação de familiares, conseqüentemente critica a si mesma < MA > como membro da família que não dialoga nem expressa carinho. T. dá suporte indicando que M. continue, M. indica que concluiu perguntando se o T. entendeu.

Agora, Maria tenta demonstrar de forma mais articulada como reagia às aproximações dos familiares, ainda procurando mitigá-las. Observe-se que no exemplo dado por Maria aqui, ela

se expressa de forma menos ríspida do que em 2.11 [a]. Parece que Maria, ao se dar conta de sua hostilidade, procura minimizá-la aos olhos do terapeuta.

 Texto

Sinais Paralinguísticos

- 2.13 T.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Sei... h} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$ é' hã, parece assim como sé' hã'
 decertamaneira **você também** evitasse nê, um
 pouco parecequevocêevitadecertamaneiratam-
 bêmessecontatomaissafetivo. \rangle_{IV}

asp. ing., hesitação, condensação, ênfase, mitigação, tensão.

Expansão

- 2.13 T.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Sim compreendo, deixe-me ver se percebo corretamen-} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$
 te o que me diz, levando em conta que falávamos sobre suas expectativas em relação a seu pai e agora em relação à sua família, se não me engano, você impõe barreiras aos contatos mais afetivos com seus parentes, você também não dá muitas expectativas a eles no sentido de um bom relacionamento. \rangle_{IV}

Interação

T. faz um pedido de confirmação a M. sobre sua atitude de impor barreiras às aproximações de seus familiares, indicando indiretamente que seus problemas familiares e, conseqüentemente, sua contrariedade $\langle \text{NT} \rangle$ quanto à venda do terreno, relacionam-se com sua hostilidade $\langle \text{E}_h \rangle$ e, simultaneamente, desafia Maria $\langle \text{MH} \rangle$ implicando que esta é hostil para com seus parentes, e que é responsável por seus problemas familiares.

A expansão de 2.13 procura refletir proposições existentes até aqui na conversação em curso, além de como se passam as

coisas para o terapeuta no momento em que faz sua intervenção. Acreditamos que não se trata somente da subjetividade do terapeuta, mas do próprio conteúdo da conversação compartilhado por terapeuta e cliente, já que pressupomos que Maria é ciente de que tudo sobre o que se está falando, relaciona-se com tudo o que já foi dito, inclusive com sua preocupação maior que é a venda do terreno e seus sentimentos em relação a isso. Como já vimos, não consideramos a conversação enquanto mera seqüência de frases ou sentenças, mas como uma cadeia de ações e reações tomando lugar dentro de uma teia entrelaçada de significados (as proposições).




Noutro sentido, a expansão de 2.13 tenta proporcionar a sustentação para a análise subsequente das intervenções do terapeuta, especialmente em 3.4 no 3º episódio.

Em 2.13 novamente notamos que o terapeuta faz um pedido de confirmação que é ao mesmo tempo um reflexo das atitudes de Maria para com os familiares. O terapeuta procura, através da resposta reflexiva, centrar a conversação na pessoa de Maria, suas atitudes, sentimentos e idéias. Mais, precisamente, o terapeuta procura destacar o fato de que é Maria quem impõe barreiras aos contatos afetivos em sua família, o que indiretamente significa uma crítica a Maria enquanto membro da família, tendo em vista a proposição {F} familiares dialogam e expressam carinho entre si. Observe-se também a ênfase colocada pelo terapeuta nas palavras, você e também, com o que procura destacar a responsabilidade de Maria quanto às suas dificuldades de relacionamento com os familiares.



Pelo caráter mais ou menos ameaçador de sua intervenção que implica as proposições {E_n} e {MH}, podemos perceber como o terapeuta procura mitigar suas afirmações, através do uso repetido da expressão, de certa maneira.

 Texto

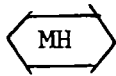
Sinais Paralingüísticos

- 2.13 T.: ...você evita de certa maneira também esse contato mais... superposição, entoação ascendente, reforço, duração 1/2 segundo, truncamento.
- 2.14 M.:  Uhm 
- evito muito [T.: Hum] evito mais do que eles, as vezes até pode ser que não exista nada até da parte deles [T.: Sei], mas da minha parte eles sabem 

Expansão

- 2.14 M.:  Sim é isso mesmo, eu evito muito o contato afetivo com meus parentes, digo até que evito mais do que eles mesmos, às vezes até pode ser que não haja por parte de meus parentes qualquer atitude de imposição de barreiras quanto a contatos mais próximos ou afetivos, mas de minha parte eles sabem e, quero que eles saibam, que não gosto que se aproximem de mim. 

Interação

M. confirma sua atitude perante os familiares e informa que a imposição de barreiras é mais acentuada de sua própria parte, conseqüentemente indica indiretamente que seus problemas familiares relacionam-se com  suas próprias atitudes hostis.

Aqui Maria superpõe sua fala à do terapeuta quando con-

corda com suas afirmações. Parece-nos que Maria, ao perceber os significados transmitidos pelo terapeuta em sua intervenção anterior, procura complementar imediatamente a própria colocação daquele antes mesmo que a conclua.

Permitindo-nos uma certa especulação, a confirmação enfática e apressada de Maria poderia ser interpretada como uma forma de defesa, na medida em que essa concordância imediata sem que ela mesma se permita refletir sobre a questão, não lhe possibilita chegar a possíveis e muito prováveis conclusões como, por exemplo, que ela é hostil no seu relacionamento com os familiares, e que, portanto, seus problemas devem-se pelo menos em parte, às suas próprias atitudes.

Texto

Sinais Paralingüísticos

- 2.15 M.: <Aminha cunhada às vezes quando vem né — [T.: Hum]
 EV
 mania de me abraçar, metê a mão no ombro — eu,
 he he he, já passo a mão assim, he he he [T.:
 Hum] <tu sabes que eu não gosto que me abra-
 F
 ce. >
 F/EV

condensação, trun-
 camento, laringa-
 lização, irrita-
 ção, reforço, glo-
 talização.

Expansão

- 2.15 M.: <Uma de minhas cunhadas, por exemplo, tem o hábito de
 EV
 tentar se aproximar fisicamente de mim, [T.: Sim]
 colocando a mão em meu ombro, abraçando-me, o que
 me incomoda muito. Quando ela faz isso, tiro a mão
 dela do meu ombro e digo: <Tu sabes que eu não gos-
 to que me abraçe. >
 F
 F/EV

Interação

M. demonstra ao T., referindo-se à cunhada, como impõe barreiras aos conta-
 tos mais afetivos com os familiares, expressando $\boxed{E_h}$ hostilidade em re-
 lação à cunhada.

Além da laringalização que já vimos aparecer em outros mo-
 mentos (aqui novamente se confirma o significado de repulsa que
 é transmitido por esse sinal), chama-nos a atenção outro sinal
 paralingüístico, a glotalização, que produz um rebaixamento na
 frequência do som das palavras, acompanhado de diminuição da

cavidade bucal e aspiração egressiva, o que dá um tom ameaçador às palavras de Maria na última frase deste segmento: Tu sabes que eu não gosto que me abraçe. Embora este sinal não apareça de forma recorrente como a laringalização, o contexto em que ele ocorre, acompanhado pela própria laringalização e, pelo gesto de Maria ao reproduzir a forma como ela tira a mão da sua cunhada de seu ombro, leva-nos a interpretá-lo como significando hostilidade e irritação.

Veremos como o terapeuta refere-se à irritação que percebe em Maria, logo adiante em 2.20.

Texto

Sinais Paralingüísticos

2.16 [a] M.: <Às vezes até inclusive eu tô cuma colega
 EV
 fic — que ele tá por perto eu cuido puque
 eu fico assim — aí ela vai se senti discrimi-
 nadinada, <Qual é? aceitô a colega e num
 F
 mi aceitô> > F/EV

truncamento, asp. ing., laringalização, duração 1/2 segundo, implicação.

[b] T.: (Hum)

[c] M.: <Tendeu?>
 EV EV

[d] T.: (Hum)

Expansão

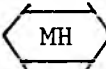
2.16 [a] M.: <Quando estou com uma colega, alguém com quem tenho uma relação mais próxima, e minha cunhada está por perto, preocupo-me em não deixar que ela perceba que prefiro a companhia de minha colega, para que ela não se sinta discriminada por mim.>
 EV

[b] T.: (Sim compreendo, continue.)

[c] M.: <É assim que me comporto com meus familiares quanto a contatos mais próximos ou afetivos.>
 EV EV

[d] T.: (Sim, continue.)

Interação

M. dá informação ao T. sobre sua preocupação quanto aos familiares percebem sua preferência por contatos afetivos com pessoas estranhas à família, indicando indiretamente que é consciente de que  tem atitudes hostis para com seus familiares. T. dá suporte às colocações de M. que indica ter concluído, T. dá suporte novamente indicando indiretamente que M. continue o relato.

Ao informar sobre sua preocupação de que a cunhada se sentisse discriminada, Maria dá mostras de estar consciente de sua atitude de imposição de barreiras a contatos afetivos com familiares, ao mesmo tempo demonstra que percebe a possibilidade de que seus familiares se dêem conta daquela sua atitude.

A preocupação de Maria com o fato de a cunhada sentir-se discriminada revela que Maria também tem consciência das possíveis consequências de sua atitude. Essas mensagens, indiretamente transmitidas por Maria, explicam o comportamento do terapeuta em não responder à finalização de Maria, Tendeu?. Sem tomar a palavra após a finalização de Maria, o terapeuta indica que espera que Maria continue a falar sobre suas preocupações. Ao invés disso, Maria faz uma espécie de resumo das suas colocações anteriores, como poderemos ver no segmento que se segue.

Texto

Sinais Paralingüísticos

- 2.19 [a] M.: <Minha, minha [T.: Uhm], não da parte deles.>
EV
- [b] M.: <assim' eles não são assim' muito de..>
EV
- [T.: Hum] .. de tá abraçandobeijando, mas sempre ~~tem~~ aquele contato, tem às vezes de a gente chegã e dá um beijo, e abraçã.>
EV
- [T]: (Sê.)
- [c] M.: <Mas eu às vezes já chegava e já vinhamebeija>
EV
- e já, já dava um' — e-eu cedo meu rosto tudo nê [T.: Hum] mas' dentro de mim às veis eu não quero aquilo.>
EV

aspiração ingressiva, duração 1/2 segundo, entoação ascendente, hesitação, ênfase laringalizacão, condensação.

Expansão

- 2.19 [a] M.: <Sim é minha mesmo a atitude de imposição de barreiras, sou eu que evito mais tais contatos afetivos, não são meus parentes que têm tal atitude.>
EV
- [b] M.: <Meus parentes não são tão carinhosos ao ponto de se abraçarem e beijarem com frequência, mas há algumas ocasiões em que eu e meus familiares nos abraçamos e nos beijamos, temos um contato mais próximo, embora eu não goste muito disso.>
EV
- [c] M.: <Algumas vezes, para que você veja como evito a->
EV

proximações afetivas ou físicas com meus parentes, quando algum parente meu me beija, eu chego até a permitir isso cedendo o rosto, mas sinto-me mal, incomodada. Embora eu procure aceitar tal aproximação, no íntimo não a desejo.

EV

Interação

M. confirma a atitude de imposição de barreiras como sendo mais característica de sua parte, simultaneamente informa sobre sua contrariedade e desagrado quando das demonstrações de afeto de seus parentes, conseqüentemente, admite indiretamente MA que não dialoga nem expressa carinho na família.

Ao responder o pedido de confirmação do terapeuta, Maria expressa seu desagrado torcendo os lábios. Tal expressão facial ocorre logo após as palavras, dava um, em 2.19 [c], sendo o torcer dos lábios, concomitante ao truncamento do enunciado.

Nossa referência a esse fato visa somente a corroborar a interpretação de desagrado e contrariedade dada às palavras de Maria, visto que as próprias palavras, no contexto em que ocorrem, já justificam tal interpretação.

 Texto

Sinais Paralingüísticos

- 2.20 T.: <Hum.. h̃ parece que nesses momentos, inclusi-
 IV
 ve você até sente essa tentativa de aproximação,
 assim, ou essa afetividade, como uma coisa até,
 meio, que, ti, agridisse assim, como se alguma
 coisa que ti incomodasse mesmo.>
 IV

aspiração in-
 gressiva, entoa-
 ção ascendente.

Expansão

- 2.20 T.: <Não tenho certeza, confirme que, além de evitar con-
 IV
 tatos afetivos com seus parentes, você
 também experimenta uma sensação desagradável, um in-
 cômodo muito grande, quando seus parentes tentam se
 aproximar de você. Tais tentativas são sentidas por
 você como se fossem agressões, pois a incomodam de-
 mais mesmo.>
 IV

Interação

T. faz um pedido de confirmação a respeito dos sentimentos desagradáveis ex-
 perimentados por M. quando dos contatos afetivos com familiares, indicando
 indiretamente insight que M. deve estar em contato com seus sentimentos,
 e que seus problemas familiares relacionam-se com seus próprios sentimentos
 e, que estes se relacionam com a sua contrariedade NT quanto à venda do
 terreno.

Esta intervenção do terapeuta procura refletir os senti-
 mentos que são comunicados por Maria, procura ampliar o campo

de percepção da cliente através da explicitação de elementos da experiência (sentir-se agredida, incomodada) que estão subjacentes à comunicação verbal. O reflexo-de-sentimento, como já vimos, diferencia-se da reiteração que objetiva simplesmente destacar algum aspecto do que é comunicado. No entanto, como podemos perceber até aqui, do ponto de vista lingüístico ou conversacional, estas duas formas de intervenção são ambas pedidos de confirmação.

Na formulação do sumário interacional referente a este segmento e aos dois anteriores, procuramos resgatar algumas proposições que estão subjacentes à conversação em andamento, {MA}, {insight} , {NT}, tendo em vista o importante papel que ocupam no próximo episódio que se inicia com a resposta de Maria ao pedido de confirmação do terapeuta.

CAPÍTULO V

EPISÓDIO III - A MÃE

Texto

Sinais Paralingüísticos

2.20 T.: ... alguma coisa que te incomodasse mesmo.

3.1 [a] M.: < EV É... e às vezes

sinto assim.. que eu sô uma pessoa super-
desconfiada, [T.: Hã] tendeu. > EV

superposição, duração 1 segundo, pausa 1 segundo, tensão, ênfase, duração 1,5 segundos, truncamento, reforço, entoação ascendente.

[b] M.: < EV Hi na minha infância assim, eu num recebi

muito... — eu recordo né — assim, muito...
— comoêqueuevôdizê, crítica. > EV

[c] T.: (Hum)

Expansão

3.1 [a] M.: < EV É isso mesmo, em relação à minha atitude de im-

posição de barreiras aos contatos mais afetivos com meus familiares, acredito que tal atitude rela-

cione-se com o fato de eu ser uma pessoa extremamente desconfiada. > EV

[b] M.: < E essa desconfiança tem a ver com o fato de que na minha infância não recebi muito afeto. Recordo-me que na minha infância era muito criticada por meus familiares. > EV

[c] T.: (Sim compreendo, continue.)

Interação

M. confirma os sentimentos desagradáveis experimentados no contato afetivo com familiares e redireciona a conversação informando que se percebe desconfiada e que foi muito criticada na infância, indicando indiretamente, que a atitude de imposição de barreiras e desconfiança relaciona-se com as críticas que recebeu, conseqüentemente, critica indiretamente seus familiares < -F > por não dialogarem e não expressarem carinho.

Embora estejamos fundamentalmente interessados em destacar as regras conversacionais que se relacionam com as intervenções do terapeuta, neste segmento, consideramos necessária a referência a uma regra conversacional que se aplica especificamente à resposta da cliente. Julgamos isso necessário tendo em vista nossa preocupação em compreender a coerência da conversação que, nesse ponto, se refere à seguinte questão: por que, ao responder o pedido de confirmação do terapeuta sobre seus sentimentos atuais em relação aos contatos afetivos com familiares, Maria refere-se à sua atitude desconfiada e às críticas recebidas na infância?

Acreditamos que o próprio leitor saberia responder intui-

tivamente a essa questão: Maria considera que sua atitude de imposição de barreiras deve-se à sua desconfiança e que esta se deve às críticas que recebeu na infância; ou, Maria acredita que alguém, tendo recebido muitas críticas durante a infância, torna-se desconfiado e arredio aos contatos afetivos com familiares.

A regra conversacional que procura explicitar o processo intuitivo que nos permite atribuir coerência à resposta de Maria é a regra de respostas implícitas: "Se A (o terapeuta) faz um pedido a B (Maria) na forma S_1 e B responde com uma afirmação S_2 onde não existe regra de elipse que poderia expandir S_2 para incluir S_1 , então B é ouvido como afirmando que existe uma proposição na forma: se S_2 , então (E) S_1 ."

Em parte, a resposta de Maria pode ser entendida como uma confirmação das afirmações do terapeuta (regra dos pedidos de confirmação), quando Maria diz, É..., no início do enunciado. Contudo, tendo em vista todo o resto do enunciado, bem como o enunciado seguinte em 3.1 [b], não nos é permitido aplicar somente a regra de elipse, onde a expansão de S_2 (a resposta de Maria) inclua S_1 (as afirmações do terapeuta). Se esse fosse o caso, poderíamos formular algo assim: É... sim é verdade, sinto-me agredida e incomodada com as tentativas de aproximação afetiva de meus familiares. No entanto, como vemos, essa expansão permitida pela regra de elipse não é suficiente para que nela se inclua o restante do enunciado.

Recorrendo, pois, à regra de respostas implícitas, a resposta de Maria (S_2), deve ser entendida como a afirmação da proposição: se S_2 , então (E) S_1 , conhecida por Maria e pelo terapeuta, onde (E) tem o significado de usualmente, provavelmente, certamente.

Temos portanto, o seguinte: Se uma pessoa é muito critica-

da na infância, torna-se desconfiada (S_2), então, usualmente, provavelmente, certamente, essa pessoa (incluindo Maria), desenvolverá atitudes de imposição de barreiras aos contatos afetivos com familiares (S_1).

Tal proposição referida indiretamente por Maria, reflete, certamente, uma proposição vigente em nossa cultura influenciada pelos conhecimentos psicológicos, onde se acredita que as experiências negativas da infância podem tornar alguém "revoltado", "recalcado", "neurótico", etc.

Quanto às ações desempenhadas por Maria neste segmento, sua referência às críticas recebidas pelos familiares (então ascendente na palavra, crítica, em 3.1 [b]), é interpretada como uma crítica indireta que Maria faz à sua própria família, tendo em vista a proposição {F} familiares dialogam e expressam carinho entre si, anteriormente implicada por Maria na conversação.

Parece-nos que, ao se dar conta da sua própria hostilidade e das consequências dela na sua relação familiar, da contradição entre a idéia de um bom relacionamento baseado no diálogo e no carinho mútuo e sua própria atitude arredia, Maria procura justificar (através da referência às causas de sua desconfiança) os seus sentimentos e atitudes que foram sendo evidenciados pelas sucessivas confirmações aos pedidos do terapeuta, mitigando, assim, a sua atitude hostil e as referências do terapeuta a ela.

Neste segmento vemos também a referência explícita de Maria à sua atitude generalizada de desconfiança, (sou uma pessoa super-desconfiada) que nos faz lembrar da desconfiança em relação a seu pai na questão da venda do terreno, (episódio I). Não queremos dizer com isso que a desconfiança experimentada por Maria nos contatos afetivos com a família seja igual à que ex-

perimenta em relação a seu pai, nem que Maria não tenha motivos reais e objetivos para desconfiar daquele.

A preocupação do terapeuta, neste momento, refere-se à necessidade de compreender como a desconfiança de Maria se relaciona com os sentimentos que influenciam sua interação com os familiares e como estes sentimentos interferem no episódio da venda do terreno.

Essas questões poderão ser apreciadas à medida que continuamos a análise da interação terapeuta-cliente neste episódio e nos seguintes.

Texto

Sinais Paralingüísticos

- 3.3 [a] M.: <Minha mãe inclusive dizia muito', me fez muito chorá com essa n-idéia né, [T.: Hã], <É, porque tu é ruim memo — uh que guria ruim> F EV
- entoação progressivamente ascendente, ênfase, truncamento, tensão, condensação, hesitação, superposição, mitigação.

[b] T.: Hã.

- [c] M.: <Hi muitas vezes minha mãe chorô com a-aminhareações. No final eu fazia, às vezes até de propósito, não tem (soca as mãos), certas reações x x x <Tu vai — tu vai tês sofrê aquilo que tu fizesse comigo, eu chorei tu vai tês chorá> F, eu dizia assim prá mim> EV

- [d] T.: <se fosse uma vingança> EV Como

- [e] M.: <Uma vingança...sabe> EV

- [f] T.: <Maino fundo no fundo e u não quêria e-eu s-sofria junto, eu chorava, <Tu vais sofrê eu vô chorá junto> F, porque eu não quêria — porque eu sentia que eu amava ela, tendeu> EV

Expansão

3.3. [a] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Minha mãe criticava-me muito dizendo.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle \left\langle \begin{array}{l} \text{É, porque} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$
 tu é ruim* memo — hu que guria ruim. $\left. \right\rangle_{\text{F}}$ o que cau-
 sava-me muita mágoa, a ponto de eu chorar por is-
 so. $\left. \right\rangle_{\text{EV}}$

[b] T.: (Sim, compreendo.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Por causa dessas críticas de minha mãe,} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ quan-
 do por vezes eu reagia agressivamente, fazia mi-
 nha mãe chorar, magoava-a. Por ter sido magoada,
 procurava magoá-la também sendo agressiva com
 ela. Eu pensava então, $\left\langle \begin{array}{l} \text{Tu vai — tu vai tê que} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$
 sofrê aquilo que tu fizesse comigo, eu chorei tu
 vai tê que chorá. $\left. \right\rangle_{\text{F}} \left. \right\rangle_{\text{EV}}$

[d] T.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Então você fazia isso, era agressiva com sua mãe,} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 magoava-a para vingar-se dela. $\left. \right\rangle_{\text{EV}}$

[e] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Sim, era uma vingança.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}$

[f] T.: (Sim, compreendo.)

[g] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Mas na verdade eu não queria fazer minha mãe so-} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 frer, pois quando a magoava e ela chorava, eu
 também sofria e chorava junto, $\left\langle \begin{array}{l} \text{Tu vai sofrê eu} \\ \text{F} \end{array} \right\rangle$

*A auto-imagem de "pessoa ruim" com a qual Maria se debate constantemente, provavelmente deriva em parte dessas experiências e, provavelmente também, Maria responsabiliza sua mãe por sentir-se como tal.

vô chorá junto. \rangle_F , eu pensava assim comigo, por-
 que eu sentia que a amava e não queria fazê-la
 sofrer. \rangle_{EV}

Interação

M. demonstra ao T. como era criticada pela mãe, expressando $\overline{E_r}$ ressen-
 timento em relação à mesma, indicando indiretamente, que responsabiliza a mãe
 por sua atitude atual de desconfiança e imposição de barreiras aos contatos
 afetivos com familiares, conseqüentemente, desafia sua mãe $\langle MF \rangle$ como mem-
 bro da família que não dialoga nem expressa carinho; T. dá suporte ao rela-
 to de M. que informa sobre como reagia com hostilidade à mãe, expressan-
 do $\overline{E_v}$ sentimentos de vingança para com ela, T. pede confirmação dos sen-
 timentos de vingança de M. que os confirma, mitigando-os em seguida, referin-
 do-se ao amor que sentia pela mãe e, desta forma, contradizendo-se.

Observamos no, estilo familiar, como Maria procura repro-
 duzir as palavras críticas da mãe, enfatizando todas elas em
 3.3. [a]. Embora o relato de Maria não se constitua uma narrati-
 va completa, nos utilizaremos da regra de seqüência narrativa, para
 explicitarmos a interpretação anterior em 3.2, onde atribuímos
 a comparação de Maria com seu pai, como tendo sido feita pela
 mãe: "Se numa narrativa, A (Maria) refere-se a um evento com
 uma sentença S_1 (3.2) que tem o verbo no pretérito ou presen-
 te e, então, refere-se a outro evento com a sentença S_2 (3.3[a]
 ... porque tu é ruim memo ...) de mesma estrutura, então B (o tera-
 apeuta) ouvirá A como afirmando que o evento referido por S_1 a-
 conteceu antes do evento referido por S_2 ."

A regra diz respeito especificamente ao fato de um evento

haver ocorrido antes de outro, mas levando em consideração o contexto em que as referências são feitas (as críticas da mãe), deduzimos, então, que a crítica referida por Maria em 3.2, também foi feita por sua mãe.

Analisando este segmento, percebemos a natureza conflitiva e ambivalente do relacionamento afetivo de Maria com a mãe. Ao referir-se aos sentimentos que experimentava, Maria procura reproduzi-los discursivamente como se fosse aquilo que estivera pensando e sentindo naqueles momentos em que fazia sua mãe sofrer. A fala de Maria apresenta vários sinais de tensão e exasperação (fala rápida e condensada, entoação ascendente, hesitações e truncamentos). Além disso, enquanto falava (em 3.3 [a]) Maria socava a palma de uma das mãos com a outra cerrada, um gesto manifestamente agressivo.

Quando o terapeuta reflete o sentimento de vingança que Maria transmite, esta confirma-o antes mesmo que o terapeuta termine a palavra vingança, dando a impressão de que já adivinhava o que o terapeuta iria dizer. Imediatamente Maria procura mitigar sua confirmação referindo-se ao amor que sentia pela mãe.

Ao nível do discurso podemos dizer que Maria se contradiz quando se refere à hostilidade em relação à mãe e, logo em seguida, diz que a amava enquanto a hostilizava. Contudo, ao nível psicológico, não se trata propriamente de uma contradição, mas da realidade da experiência ambivalente de se ser hostil a uma pessoa a quem também se ama.

O que importa ressaltar, aqui, é que Maria expressa, mesmo que de modo atenuado pela auto-censura, sentimentos negativos em relação à mãe, coisa que em sucessivas entrevistas, desde o começo da terapia, mostrava-se resistente em fazer embora o

terapeuta já houvesse pressentido tais sentimentos.

Veremos, a seguir, como o terapeuta procura destacar tais sentimentos de Maria, referidos por ela ao tempo da infância, relacionando-os com suas atitudes atuais.

Texto

Sinais Paralinguísticos

3.4 T.: < Num te parece uma coisa, mais ou menos parecida
EV
comoquetã acontecendo agora nessa situação.. —
h assim — qué dizê — hã, nessa situação do
terreno' — é uma coisa.. — que você, de certa
forma tá se vingando, assim, do seu pa'i, né —
qué dizê — ou' num sei, da sua mãe h, saindo
de casa, mas você também tá sofrendo junto com
isso. >
EV



pausa 1 segundo,
aspiração in-
gressiva, hesita-
ção, truncamento,
auto-interrupção,
ênfase, entoação
ascendente, tensão,
implicação, entoação
progressivamente
descendente.

Expansão

3.4 T.: < Não lhe parece que a atitude que você mantém com rela-
EV
ção à sua mãe agora, por causa da venda do terreno, ou
seja, sair de casa, porque você não queria que ela a-
ceitasse a venda do terreno da forma como seu irmão
propôs; foi de certa forma, uma maneira de vingar-se
de sua mãe, ou de seu pai, por eles estarem fazendo
você sofrer, embora você também sofra quando procura
magoá-los, tal como procurava vingar-se de sua mãe quan-
do ela a magoava na infância. >
EV

Interação

T. faz uma interpretação da atitude e dos sentimentos atuais de M. em relação à mãe, referindo-se dubitativamente ao pai de Maria, e sugere uma semelhança entre suas atitudes e sentimentos atuais e passados, $\{E_v\} = \{E_v'\}$, implicando que Maria mantém atitudes infantis, conseqüentemente, desafia M. $\{MA_d\}$

no seu status de adulta, conseqüentemente, indica indiretamente que os problemas familiares de M., inclusive  sua discordância quanto à venda do terreno, relacionam-se com as atitudes hostis de M.  para com sua família e sua mãe.

Podemos perceber como esta intervenção do terapeuta difere das outras observadas até aqui. Trata-se de um exemplo de elucidação, onde notamos um processo de dedução por parte do terapeuta. Como já foi citado anteriormente, a elucidação diferencia-se da reiteração e do reflexo-de-sentimento, por comportar um processo intelectual.

Tal processo intelectual que ocorre na intervenção do terapeuta poderia ser descrito da seguinte forma: "Maria sente-se prejudicada por sua mãe que se manifesta favorável à venda do terreno para o irmão de Maria. Ela sofre com isso e numa atitude vingativa sai da casa da mãe, o que faz com que a mãe de Maria sofra. No entanto, Maria sofre com o sofrimento da mãe. Portanto, Maria está repetindo um padrão de comportamento da infância."

A relação de similaridade entre os dois eventos, distantes no tempo, não é dedutível apenas das palavras de Maria ou do que ela comunica em termos de sentimentos e atitudes no momento em que se refere às suas experiências de infância com a mãe. A similaridade é deduzida, pois, do contexto mais amplo em que este último evento está inserido.

Devemos considerar uma proposição que está subjacente à intervenção do terapeuta, conflitos não resolvidos na infância, tendem a se repetir na fase adulta, ou mais precisamente, modos de relacionamento da infância que se fundam em sentimentos conflitivos não resolvidos

tendem a se estruturar em atitudes que são modos de relacionamento cristalizados.

Quando falamos em conflito, queremos dizer, conflito subjetivo, onde a auto-imagem de filha dedicada de Maria, que lhe permite manter um certo grau de auto-estima, choca-se com seus sentimentos hostis para com a mãe. Daí sua maneira indireta de manifestar hostilidade, ausentando-se de casa.

Poderíamos prescindir dessas considerações psicodinâmicas para a formulação de uma relação de similaridade entre as atitudes de Maria, ela é dedutível do próprio contexto da conversação em cujos dados o terapeuta se apóia para realizar uma operação lógica: as atitudes de Maria na infância são semelhantes à sua atitude atual, portanto, os sentimentos que Maria experimenta agora (vingança, hostilidade) são semelhantes ao que experimentava na infância.

A proposição referida anteriormente, que consideramos subjacente à intervenção do terapeuta, tem a ver com seu background, sua formação profissional, seus conhecimentos, sua experiência com outros clientes, etc. Como dissemos, a formulação de uma resposta elucidativa, com suas características intelectivas, não depende necessariamente daquele background, todavia, achamos necessário mencioná-lo na forma de uma proposição tendo em vista que inegavelmente influenciou a intervenção do terapeuta.

A resposta elucidativa, pelo seu caráter interpretativo, comporta geralmente elementos estranhos à experiência imediata do cliente, (Maria não percebe suas atitudes atuais para com a mãe como vingativas) que tendem a ameaçar sua auto-imagem, por isso são geradoras de angústia, o que leva o cliente a defender-se, às vezes reafirmando sua auto-imagem, como veremos Maria fazê-lo no decorrer da entrevista.

Ciente das características de sua intervenção, o terapeuta a faz de modo hesitante, sua fala é marcada por vários truncamentos, o que denota existência de tensão. Por outro lado, como a relação de similaridade surge para o terapeuta na forma de um lampejo, aparece em sua consciência de forma abrupta; suas hesitações, portanto, também se devem ao fato de que, premido pela necessidade de formular seu raciocínio de maneira suscinta e clara, o terapeuta parece fazer um certo planejamento do que vai dizer (observe-se a aspiração ingressiva entre situação e assim, como se estivesse tomando fôlego para formular o longo enunciado que se segue.)

Chama-nos a atenção, também, a forma com que o terapeuta inicia sua intervenção, ao invés de se utilizar somente do dubitativo, parece, diz, Num té parece, que indica uma hipótese a ser considerada pela cliente.

Ao invés de um pedido de confirmação em que o terapeuta simplesmente faz afirmações a respeito dos eventos referidos pela cliente, esta intervenção tem o caráter de um pedido de informação na forma de um questionamento.

Parece-nos que a regra de questões socráticas proposta por Labov pode ser aqui aplicada, "Se A (o terapeuta) dirige a B (Maria) uma questão sim/não a respeito de um D-evento, isso é ouvido como um pedido de informação a respeito da posição de B sobre este evento, a qual formará a base para ulterior discussão".

Os eventos aos quais o terapeuta se refere em sua intervenção dizem respeito à experiência particular de Maria, seus sentimentos e atitudes em relação a mãe; nesse sentido deveriam ser considerados como B-eventos. Contudo, como o contexto da psicoterapia implica uma proposição que atribui ao terapeuta o

papel de profissional que trabalha com emoções (vide considerações preliminares ao método capítulo II), os sentimentos e atitudes de Maria tornam-se objeto de discussão, questionamento, ou seja, tornam-se D-eventos, eventos disputáveis.

Quando nas intervenções anteriores, o terapeuta mantinha-se numa postura simplesmente reflexiva, através das reiteraões ou reflexos-de-sentimento que, como vimos, atuavam como pedidos de confirmação, as respostas de Maria tendiam a confirmar as afirmações do terapeuta ou precisá-las com novas considerações. Mesmo a afirmação do terapeuta em 3.3 [d], onde o terapeuta faz referência aos sentimentos de vingança experimentados por Maria em relação à mãe, tal referência é confirmada por Maria, embora saibamos que não é fácil para qualquer um admitir tais sentimentos em relação a pessoas que, se espera, amemos e respeitemos. Ainda mais no caso de Maria para quem a imagem de filha zelosa é tão importante, sendo a admissão de tais sentimentos uma ameaça para esta imagem. Acreditamos que isso se deva ao fato de que até então, o terapeuta, através de suas intervenções, mantinha-se tão próximo da experiência imediata da cliente que ela não podia negar as afirmações daquele sem, flagrantemente, contradizer-se.

No entanto, quando o terapeuta lança a hipótese de que o mesmo sentimento de vingança está presente na atitude de Maria, ao ausentar-se da casa da mãe, pela similaridade que percebe entre as atitudes de Maria no passado e no presente, o terapeuta por assim dizer, afasta-se do campo perceptual mais imediato de Maria; ela então, pela primeira vez, desconfirma a colocação do terapeuta e se posiciona de forma negativa em relação a esta, decorrendo daí uma discussão sobre os eventos referidos, como poderemos constatar no segmento seguinte.

A tensão que se apresenta, na fala do terapeuta, reflete não só sua preocupação com o caráter ameaçador do conteúdo de sua intervenção, caráter esse que, já vimos, pode estar contido também na reiteração ou no reflexo-de-sentimento, mas principalmente sua preocupação com a forma de sua intervenção, pois a resposta elucidativa comporta o risco de contrariar o princípio rogeriano de que o terapeuta deve manter-se como catalizador da experiência do cliente e não como interpretador, papel esse que cabe ao próprio cliente no exercício de sua auto-compreensão (vide fundamentação teórica de Rogers, capítulo I). Todavia, tendo em vista o vínculo positivo que estabeleceu com a cliente desde o início do atendimento, o terapeuta julgava que Maria poderia suportar já uma certa ameaça à sua auto-imagem sem comprometer-lhe a integridade emocional e psíquica, haja visto o clima de segurança e confiança que se desenvolveu entre cliente e terapeuta ao longo do processo. Veremos no seguimento da conversação o cuidado do terapeuta em não forçar sua interpretação aceitando e considerando as refutações de Maria.

Ainda gostaríamos de considerar a referência dubitativa do terapeuta ao pai de Maria em sua intervenção. Sabendo que Maria relutava em admitir sentimentos hostis para com a mãe, a referência ao pai visava a minimizar o caráter ameaçador de sua colocação sem uma alusão direta e específica à mãe de Maria. Por outro lado, solicitava assim que a própria cliente especificasse qual dos dois era o objeto de seus sentimentos vingativos.

Por último vale comentar aqui, rapidamente, a forma indireta com que Maria expressa seus sentimentos hostis para com a mãe ao sair de casa. Vendo-se impossibilitada de dissuadir a mãe quanto à venda do terreno para o irmão e não desejando confrontar-se diretamente com aquela, Maria expressa sua contra-

riedade e ressentimento, afastando-se de casa, o que também era uma forma de evitar contatos mais abrasivos com sua mãe que poderiam resultar dos ressentimentos experimentados por Maria na ocasião (vide comparação com o caso de Rhoda nas considerações preliminares ao método, capítulo II).

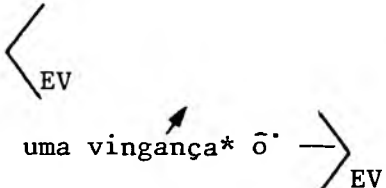
Vejamos agora como Maria reage à intervenção do terapeuta no próximo segmento.

 Texto

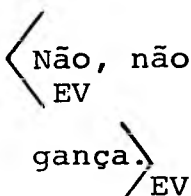
Sinais Paralíngüísticos

3.4 T.: ...tã sofrendo junto com isso.

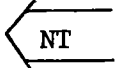

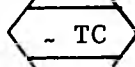
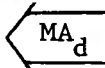
superposição, hesitação, entoação ascendente, tensão.

 3.5 M.:  N*-não num seria

Expansão

 3.5 M.: 

Interação

M. nega a interpretação do T. negando, conseqüentemente, que mantém atitudes infantis e que seus problemas familiares, inclusive sua discordância  quanto à venda do terreno, relacionem-se com sua atitude hostil  para com sua mãe, conseqüentemente, desafia o T. no seu papel  e simultaneamente defende seu status de adulta .

A rejeição de Maria à intervenção do terapeuta pode ser entendida, à luz da regra das questões socráticas, como uma tomada de posição a respeito da questão levantada pelo terapeuta. Maria poderia se posicionar favoravelmente à semelhança proposta pelo terapeuta, aceitando assim todas as implicações decorrentes, inclusive o fato de que continuava a agir como na infância, mas, ao negar as colocações do terapeuta, não só defende seu status de

*observe-se a entoação ascendente, semelhante à entoação que o terapeuta dá a palavra, **vingando**, na sua intervenção em 3.4, como se Maria estivesse negando a própria palavra e o sentimento que ela conota.

pessoa adulta como também nega todas as outras implicações em relação à mãe e à questão do terreno. Além disso, de maneira indireta, desafia a proposição subjacente à terapia, {TC} o terapeuta compreende as emoções do cliente, que diz respeito ao status do terapeuta como aquele que trabalha com as emoções e que lhe dá o direito de discutir os sentimentos da cliente.

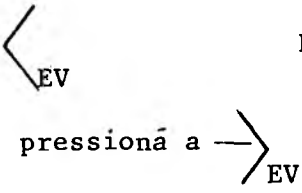
Veremos, a seguir, como o terapeuta procura defender-se do desafio implícito na resposta de Maria, mantendo, assim, seu próprio status.

 Texto

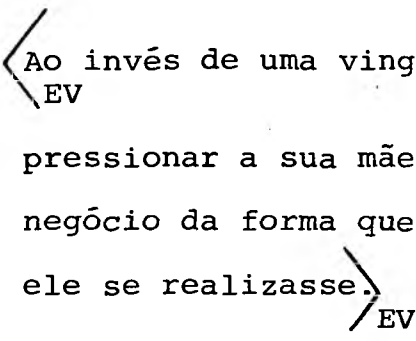
Sinais Paralingüísticos

3.5 M.: ... uma vingança ô —

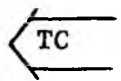
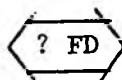
interrupção, mitigação, recuo, implicação.

3.6 T.:  Mais uma forma de
pressionar a —

Expansão

3.6 T.:  Ao invés de uma vingança, seria então, uma forma de
pressionar a sua mãe para que ela não aceitasse o
negócio da forma que seu pai e seu irmão queriam que
ele se realizasse.

Interação

T. interrompe* M. e dá outra interpretação propondo que M. deseja pressionar sua mãe, indicando indiretamente, que M. tinha intenção de dissuadir sua mãe da intenção de vender o terreno, conseqüentemente, dá suporte à sua intervenção anterior mitigando-a, conseqüentemente, defende seus status  e, simultaneamente, implica que M. manipula sua mãe desafiando indiretamente a proposição  de que M. é uma filha dedicada exclusivamente preocupada com o bem estar da mãe.

Ao propor uma outra interpretação para a atitude de Maria em relação à mãe, o terapeuta procura mitigar suas afirmações anteriores usando o termo, pressionar. Isso representa um certo

*Note-se como o terapeuta adianta-se à conclusão da negação de Maria, oferecendo-lhe outra interpretação, indicando assim, que já esperava sua discordância.

recuo quanto à sua intervenção anterior e às implicações nela contidas, principalmente no que diz respeito à atitude de Maria ao querer vingar-se da mãe. Por outro lado, pressionar a mãe é uma forma mais branda, mas, de qualquer maneira, ainda agressiva de se agir. Daí, se mantêm, então, as outras implicações: que Maria é hostil e que isso se relaciona com seus problemas familiares, inclusive com sua discordância quanto à venda do terreno.

Na verdade a intenção do terapeuta, desde sua intervenção em 3.4, era explicitar a atitude hostil de Maria para com a mãe. Referindo-se à atitude de Maria pressionar sua mãe, o terapeuta implica a atitude manipuladora de Maria que procura, assim, demovê-la de suas intenções quanto a vender o terreno; ao fazê-lo, o terapeuta critica indiretamente Maria quanto às suas preocupações com o bem estar da mãe que são indicadas pela proposição {FD}.

Como já vimos anteriormente (vide fundamentação teórica de Rogers, capítulo I), não há uma delimitação nítida entre as categorias da resposta-reflexo, sendo preferível considerá-las como num continuum que vai desde a simples reiteração, passando pelo reflexo-de-sentimento, até o final daquele continuum onde se encontram as formas mais elaboradas de elucidação. No caso desta resposta do terapeuta, embora ela contenha a dedução de uma intenção por parte da cliente, consideramos mais apropriado categorizá-la como um reflexo-de-sentimento, pelo fato de que refere-se a uma atitude que inegavelmente faz parte do campo perceptual mais imediato da cliente, ou seja, embora não de maneira explícita, Maria comunica ao terapeuta seu desejo de que a mãe perceba sua contrariedade quanto à venda do terreno e modifique suas intenções de vendê-lo, tanto que, como percebemos na res-

posta seguinte de Maria em 3.7 [a], ela confirma seu desejo, admitindo, assim, sua intenção de que a mãe não vendesse o terreno.

Além disso, a intervenção do terapeuta se constitui numa afirmação a respeito da atitude de Maria, que atua como um pedido de confirmação, tal qual os outros reflexos-de-sentimento que já observamos anteriormente.

Texto

Sinais Paralingüísticos

- 3.7 [a] M.: <É, uma forma talvez de pressiona, tentã...>
 EV
 mostrá prá ela que eu não concordo
 [T.: Sei] hê aquele tal idéia, eu não con-
 cordo e não aceito.>
 EV

entoação pro-
 gressiva ascen-
 dente, duração
 1 segundo, in-
 terrupção.

[b] T.: (Uhm)

[c] T.: <Tendeu>
 EV EV

[d] T.: (Uhm)

[e] M.: <É, hã, não meu pai.>
 EV EV

[f] T.: (Sei)

[g] M.: <A minha brig —>
 EV EV

[h] T.: <Por causa da sua mãe, então.>
 EV EV

[i] M.: <É.. [T.: Hã] a minha briga é a minha mãe.>
 EV EV

[j] T.: (Uhm)

Expansão

- 3.7 [a] M.: <Sim é isso, ao sair de casa, estou procurando pres-
 EV
 sionar minha mãe a não aceitar a venda do terreno
 da forma como meu irmão lhe propôs, estou procu-
 rando mostrar a ela que não aceito e não concordo
 de jeito nenhum.>
 EV

[b] T.: (Sim, compreendo.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Essa é minha intenção, entendeu.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}$

[d] T.: (Sim, continue.)

[e] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Não estou tentando pressionar meu pai.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}$

[f] T.: (Sim, entendo.)

[g] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{A minha briga é com minha mãe, estou tentando pres-} \\ \text{EV} \\ \text{sionar a minha mãe.} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}$

[h] T.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Você saiu de casa porque sua mãe estava aceitando} \\ \text{EV} \\ \text{a venda do terreno da forma que seu irmão a pro-} \\ \text{pôs.} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}$

[i] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Sim isso mesmo, [T.: Compreendo, continue], a mi-} \\ \text{EV} \\ \text{nha briga é com minha mãe, foi por causa dela que} \\ \text{saí de casa.} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}$

[j] T.: (Sim, entendo.)

Interação

M. confirma a nova interpretação do T. informando que a pressão que procura fazer ao sair de casa tem como objetivo sua mãe, conseqüentemente, admite a implicação $\left\langle \begin{array}{c} ? \text{ FD} \end{array} \right\rangle$ que coloca em dúvida a proposição de que é uma filha dedicada, e a implicação de que é hostil para com sua mãe.

Confirmando sua intenção de pressionar a mãe, Maria admite indiretamente o caráter manipulador e hostil de suas ações. Ao

mesmo tempo, respondendo à referência dubitativa ao pai feita pelo terapeuta em 3.4, Maria especifica e confirma que suas ações são dirigidas à mãe.

Texto

Sinais Paralingüísticos

3.8 [a] M.: <Tendeu, puqeeutenteiexpor, <Mãe tá errado,
 EV N F
 a senhora → > o pai, eu num conv — num
 F N
 me dô com ele, nem entrei em detalhes. >
 EV

truncamento, la-
 ringalização, du-
 ração 1 segundo,
 entoação ascen-
 dente, condensa-
 ção, tensão, de-
 preciação, hesi-
 tação.

[b] T.: (Sei, sei.)



[c] M.: <Tendeu, procurei dizê, <Isso aí é sujera,
 EV N F
 isso aí... — vai, vai tê coisa. Vo-vo-vomo
 bolá uma coisa quenumvai — de-de repente a
 senhora entra num laço, nê, > [T].: (Hum.)
 F N EV

Expansão

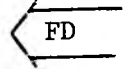
3.8 [a] M.: <Antes de tomar a atitude de sair de casa, tentei
 EV N
 dialogar com minha mãe expondo minha opinião so-
 bre a venda do terreno, <Mãe, acho que a venda do
 F
 terreno, como você está aceitando que seja feita,
 conforme meu irmão propôs, não é justa, a senhora
 está errada em aceitar isso. > Com meu pai, nem
 F N
 quis conversar, não tenho boas relações com ele,
 nem mesmo cheguei a conversar sobre o assunto com
 meu pai. >
 EV

[b] T.: (Sim compreendo, continue.)

[c] M.: <Entenda que antes de tomar a atitude extrema de
 EV N
 sair de casa, procurei mostrar à minha mãe, as

intenções egoístas de meu pai e meu irmão,  proposta de meu irmão é uma sujeira, porque a senhora será lesada, perderá o terreno e a casa, além de não receber o dinheiro que lhe cabe, vai sair perdendo. Vamos pensar numa maneira de resguardar seus direitos. Se a senhora não me ouvir, cairá numa armadilha, num laço.  [T].: (Compreendo.)

Interação

M. demonstra ao T. como sua atitude de sair de casa foi precedida de tentativas de diálogo com sua mãe, conseqüentemente, defende a proposição  de que é uma filha dedicada.

Parece-nos que ao se dar conta do caráter hostil e manipular de suas ações, Maria procura mitigá-las referindo-se às suas tentativas de diálogo com a mãe.

Quando reproduz o diálogo mantido com a mãe, Maria apresenta fala tensa marcada por hesitações, truncamentos e condensação. O tema mais imediato da conversação neste momento, já justificaria por si mesmo essa tensão, ou seja, as atitudes hostis de Maria para com sua mãe. No entanto, achamos que parte dessa tensão pode ser atribuída ao fato de que Maria também parece se dar conta de que, demonstrando tanta preocupação com a venda do terreno, demonstra também, que existem interesses seus que estão envolvidos na questão.

Creemos que, de certa forma, Maria criou uma armadilha para si mesma. Aceitando a segunda interpretação do terapeuta, que ao



mesmo tempo servia como negação da primeira, inadvertidamente admite suas atitudes hostis e seu interesse pessoal no terreno. A defesa de Maria acaba por comprometê-la diante da imagem de filha exclusivamente preocupada com o bem estar da mãe.

Não estamos querendo dizer que, pelo fato de haver interesses pessoais de Maria na venda do terreno, ela não possa ser realmente uma filha dedicada e preocupada com o bem estar da mãe. Preocupa-nos, na verdade, saber em que medida tal auto-imagem de filha dedicada que Maria procura manter, funciona como defesa ou impedimento para a admissão por Maria, de sentimentos hostis em relação à mãe e seus interesses pessoais pelo terreno.

No próximo episódio Maria acaba por admitir seus interesses pessoais e, como veremos, tenta minimizá-los, afirmando sua preocupação exclusiva com o bem estar da mãe.

EPISÓDIO IV - A HERANÇA

Expansão

[b] M.:  Apesar de achar que não deveria ter feito isso, ou seja, expressar meus interesses pessoais pelo terreno, fiquei tão nervosa que cheguei a falar para minha mãe,  É até a minha herança vai embo-

ra, a casa que poderia ser minha vai acabar ficando para meu irmão. >>> [T].: (Sim, continue.)
 F N EV

Interação

M. informa ao T. que, ao sair de casa, previa as consequências negativas da venda do terreno e refere-se à sua preocupação com a herança dos pais expressando E_i indignação, indicando indiretamente seu interesse pessoal pelo terreno.

Quando Maria se refere à herança, o faz reproduzindo o que teria dito para sua mãe em 4.1 [b], que consideramos como uma continuação do fragmento de narrativa iniciado em 3.8 [a] (vide regra de seqüência narrativa, capítulo V, p.148).

A referência de Maria à sua herança, na reprodução da conversa com a mãe, nos passa a impressão de que algo mais abrasivo se passou do que uma simples troca de idéias. A exasperação de Maria é transmitida pela entoação ascendente que marca todo o enunciado.

No segmento seguinte veremos como Maria procura mitigar sua preocupação e interesse pelo terreno, coisa que procura esconder ao terapeuta que, através de suas sucessivas intervenções, parece levar Maria a uma situação tal em que a negação do seu ressentimento e indignação para com a mãe, não pode ser mantida. A admissão por Maria de sua preocupação com a herança também funciona, aparentemente, como uma espécie de concessão no sentido de aplacar os questionamentos que poderiam surgir da parte do terapeuta.

 Texto

Sinais Paralinguísticos

4.2 [a] M.:

< Mai num é questão da minha herança entendeu,
 EV
 mas é questão da minha mãe que lutô, sofreu,
 tal. De repente, tão pas-sando ela pa trás,
 entendeu. >
 EV

mitigação, entoação progressiva ascendente, ênfase, hesitação, entoação progressiva descendente.

[b] T.: (Hum)

Expansão

4.2 [a] M.:

< Mas quero que você entenda que minha preocupação
 EV
 maior não é a herança, mas sim minha mãe que tanto sofreu e lutou na vida e que agora pode ser enganada por meu pai e meu irmão na venda do terreno. >
 EV

[b] T.: (Sim, compreendo.)

Interação

M. demonstra ao T. que não tem interesses pessoais na venda do terreno referindo-se às suas preocupações com a mãe, conseqüentemente, que é uma filha dedicada, mitigando assim, suas afirmações anteriores.

Aqui vemos como Maria procura reforçar sua imagem de filha que se preocupa exclusivamente com o bem estar da mãe.

Achamos conveniente introduzir a partir deste momento a proposição, {MP} Maria tem interesses pessoais pelo terreno dos pais, (negada por Maria) que irá ocupar importante papel no decorrer da conversação que analisamos.

Texto

Sinais Paralinguísticos

4.3 M.:

Enquanto que — ela pode tê aquele
EV

te-dinheirinho..., talvez se alimentã mais,

sê vesti melhor, comprá um terreninho se

ela quise [T.: Hum] nê, construí uma casinha

que ela sempre quis x x x sabe, pode sê três

pecinha mas, um-uma casinha, justinha, coisa

direitinha nê ô → EV

diminutivos, mi-
tificação, trunca-
mento, duração
1/2 segundos,
pausa 1,5 segun-
dos, entoação
ascendente, na-
salização, la-
ringalização.

Expansão

4.3 M.:

Sendo feita a venda do terreno da maneira correta, ou
EV

seja, se minha mãe recebesse a parte que lhe cabe, sem

que meu pai receba antes dela. Se o terreno fosse ven-

dido por um preço melhor, acredito que com o dinheiro

que ela receberia, poderia se alimentar e vestir me-

lhor, poderia também, comprar um terreno, se bem que

eu não queira influenciá-la, ela poderia construir uma

casinha que sempre quis ter. Acho muito importante

que ela possa ter sua própria casa, mesmo que seja

uma casa simples de três peças pequenas, uma casinha

bem construída, na medida certa para ela. Acredito

que você concorda comigo quando digo isso, não é? → EV

Interação

M. continua expressando suas preocupações para com a mãe, demonstrando as-
sim, que — MP — não tem interesses pessoais na venda do terreno.

Neste segmento achamos importante comentar a expansão de, se ela quisé, que expandimos como, se bem que eu não queira influenciá-la. Tal expansão leva em conta as referências de Maria, nesta entrevista e em outras, ao seu desejo de construir uma casa para si e para sua mãe num terreno que não seja no morro, como é o terreno que Maria possui. Por várias vezes Maria se referiu aos planos de construção da casa onde moraria com sua mãe. Não é de todo inverossímil imaginar que a venda do terreno dos pais afete os planos de Maria que, muito provavelmente, esperava construir a tal casa no próprio terreno dos pais (observe-se que no início do enunciado deste segmento Maria diz, aquele t-dinheirinho, dando a impressão que ia dizer, terreno, e imediatamente corrigiu-se). No entanto, Maria reluta em expressar claramente seus desejos e os mascara com as preocupações pela mãe. Nossa expansão procura, então, refletir o cuidado de Maria no sentido de deixar claro que não pretende forçar a mãe a aceitar seus planos e, portanto, que não tem interesses pessoais pelo terreno dos pais.

É interessante notar também a quantidade de diminutivos utilizados por Maria ao referir-se às suas expectativas quanto à venda do terreno, (dinheirinho, terreninho, casinha, justinha, direitinha). Interpretamos isso como uma tentativa de minimização ou mitigação dos próprios desejos de Maria que não quer torná-los muito claros, bem como uma forma de demonstrar o afeto que sente pela mãe.

Embora a laringalização ocorra aqui, o contexto não nos permite atribuir-lhe o significado de depreciação como o fizemos em outras ocasiões. Até porque o contexto (as preocupações de Maria com a mãe) dá-lhe uma conotação oposta, ou seja, de apreciação positiva por aquilo que Maria considera bom para sua

mãe. Entendemos, assim, o que Labov quer dizer quando afirma que os sinais paralingüísticos são vazios de sentido fora do contexto, já que podem transmitir significados diversos conforme o contexto em que ocorrem.

Texto

Sinais Paralinguísticos

4.4 [a] M.: < < Não com buraco ali como já aconteceu dela
EV N
e andã na sala, hi enfiã — realmente en-
fiô o pé na -no assoalho, que veio até
aqui. > >
N EV

entoação ascen-
dente, ênfase,
truncamento, de-
preciação, exas-
peração, ento-
ação progressiva
descendente.

[b] M.: < < Depois...tivemo que, com o maior cuidado tirã
EV N
ela, não sei como ela não s-não quebrô a
perna, não se machucô um > >
N EV

Expansão

4.4 [a] M.: < < A casa que imagino para minha mãe, não seria como
EV N
a casa em que morávamos com meu pai que tinha bu-
racos no assoalho, onde minha mãe chegou a enfiar
a perna até a coxa. Veja que absurdo, você deve
achar isso inacreditável, não? > >
N EV

[b] M.: < < Depois que minha mãe enfiou a perna no buraco da
EV N
sala, eu e meus familiares tivemos que socorrê-la
com o maior cuidado. Não sei como minha mãe não
quebrou a perna, não se machucou mais, pois foi
um acidente grave. > >
N EV

Interação

M. continua demonstrando ao T. sua preocupação com a mãe e, conseqüentemente,
que não tem interesses pessoais no terreno < - MP > referindo-se aos sofri-

mentos da mãe na casa em que a família morava anteriormente à separação dos pais.

Referindo-se ao acidente sofrido pela mãe, Maria procura transmitir a dramaticidade da situação (veja-se a ênfase e entoação ascendente). Ao mesmo tempo, Maria indica por gestos na sua própria perna, até onde a mãe enfiou a perna no assoalho. Dramatizando a situação, Maria parece esperar a simpatia do terapeuta a respeito de seus planos para a venda do terreno.

 Texto

Sinais Paralingüísticos

4.5 [a] M.: Tu não esquece do relógio

auto-interrupção,
neutralidade.

[b] T.: Tudo bem.

Expansão

4.5 [a] M.: Não esqueça de controlar a hora, pois estou preocupada em não voltar atrasada para meu trabalho. Avise-me quando terminar o tempo da sessão conforme combinamos.

[b] T.: Tudo bem não se preocupe que eu a avisarei quando for a hora.

Interação

M. interrompe sua narrativa lembrando ao T. seu pedido para que a avisasse do término da sessão, indicando indiretamente, sua atitude manipuladora. T. tranquiliza M. informando que está atento ao horário.

No início da entrevista Maria havia solicitado ao terapeuta que não deixasse a sessão extrapolar seu tempo normal para que ela não tivesse problemas de horário no seu local de trabalho. Aqui, então, Maria lembra-o de seu pedido.

Tal incidente não mereceria maior consideração, não fosse o fato de que a lembrança de Maria ocorre num momento em que ela própria refere-se a um evento ao qual procura imprimir dramaticidade. Isso demonstra que Maria não está emocionalmente envolvida no que diz, reforçando a interpretação de que procura impressionar o terapeuta, esperando sua simpatia quanto aos

planos de construção da casa para a mãe e quanto ao seu desinteresse pessoal pelo terreno, ou seja, parece tentar manipular o próprio terapeuta.

Texto

Sinais Paralingüísticos

4.7 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Então assim.. isso aí num é a' um-a-um lar,} \\ \text{entendeu.} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}^{\text{N}}$

pausa 1 segundo,
duração 1/2 segundos, duração 1 segundo, entoação ascendente, ênfase, tensão, implicação.

[b] T.: (Hum.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Num é.. um assoalhozinho que tu possa andá,} \\ \text{séti segurança..., né.} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}^{\text{N}}$

[d] T.: (Sei..sei.)

Expansão

4.7 [a] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Então, eu penso que a casa em que morava com mi-} \\ \text{nha família não era um lar de verdade, pois esta-} \\ \text{va toda estragada, sem cuidados.} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}^{\text{N}}$

[b] T.: (Sim, entendo.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Você não acha que a casa precisaria ter no míni-} \\ \text{no um assoalho, por pequeno que seja, onde a mi-} \\ \text{nha mãe e eu pudéssemos andar, pisar firme, sen-} \\ \text{tindo-nos em segurança, você não concorda?} \end{array} \right\rangle_{\text{EV}}^{\text{N}}$

Interação

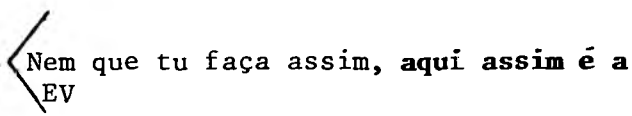
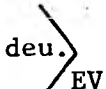
M. faz uma avaliação a respeito da casa em que morava com a família, demonstrando, simultaneamente, sua preocupação com a mãe e, conseqüentemente, que $\left\langle \text{MP} \right\rangle$ não tem interesses pessoais pelo terreno dos pais, indicando indiretamente, que espera a simpatia do T.

Aqui Maria interrompe sua narrativa ao fazer uma avaliação das condições da casa em que morava com a família, justificando, assim, sua preocupação de que a mãe tenha uma casa em boas condições.

Na expansão tentamos formular explicitamente a busca de concordância ou simpatia da parte do terapeuta, que nos é transmitida pelos, né e entendeu que Maria coloca no final dos enunciados.

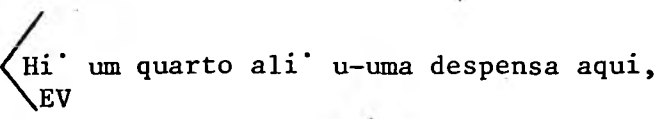
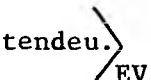
Texto

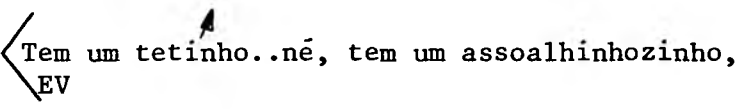
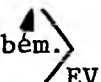
Sinais Paralín-
glísticos

4.8 [a] M.:  Nem que tu faça assim, **aqui assim é a**
 cozinhazinha, puxa um banheirinho aqui as-
 sim, né, uma piazinha, um chuveiro, se é
 quê tem condições de tê um chuveiro, ten-
 deu. 


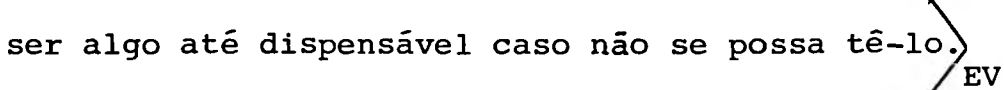
ênfase, diminuti-
vos, entoação
ascendente, du-
ração 1/2 se-
gundos, trunca-
mento, pausa 1
segundo, mitiga-
ção.

[b] T.: x x x

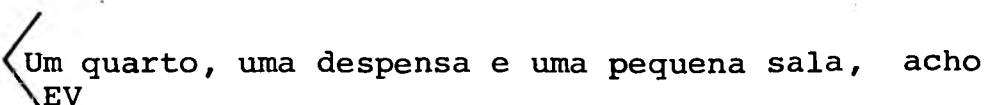
[c] M.:  Hi um quarto ali u-uma despensa aqui,
 uma salinha aqui, pronto — [T.: Hum],
 tendeu. 

[d] M.:  Tem um tetinho..né, tem um assoalhinhozinho,
 dá pa tê mantê ali, botá tua caminha,
 cozinha, tudo direitinho, T.: Sei tudo
 bém.  [T].: (Uhm.)

Expansão

4.8 [a] M.:  Não tenho grandes pretensões quanto à casa que
 imagino, acho que pode ser uma casa bem simples,
 com uma pequena cozinha, banheiro com pia e chu-
 veiro, se for possível ter um chuveiro que pode
 ser algo até dispensável caso não se possa tê-lo. 

[b] T.: x x x

[c] M.:  Um quarto, uma despensa e uma pequena sala, acho

que isso é o suficiente para se morar, não quero
 mais do que isso. > EV

[d] M.: < A casa embora pequenina, teria o indispensável: te-
 < EV
 to e assoalho, para dormir e cozinhar. Uma casinha
 assim simples, mas bem arrumada, penso que é sufi-
 ciente. É assim que imagino um lar. > [T].: (En-
 > EV
 tendo.)

Interação

M. informa o T. sobre a casa que imagina para sua mãe expressando $\xrightarrow{E_{hm}}$ hu-
 mildade quanto às suas expectativas, indicando indiretamente seu desinteresse
 pessoal pela venda do terreno $\xrightarrow{-MP}$.

Maria faz uma longa descrição da casa que espera construir para sua mãe referindo-se a ela novamente através de diminutivos como se Maria demonstrasse humildade que nos parece uma forma de mitigação dos interesses pessoais de Maria pela venda do terreno diante do terapeuta. Como no segmento anterior, Maria indica que espera a concordância do terapeuta, através dos repetidos né e tendeu.

Texto

Sinais Paralingüísticos

4.9 [a] M.: < Mas chegá — passá — eu morria de medo de
EV
rato. Até hoje tenho — num (risos) posso
vê um — [T.: Hum]. Quando eu era pequena,
eu via um rato — se aparecesse um rato (ri-
sos) aqui, eu me jogava...aqui ô — > EV

truncamento, pau-
sa 1 segundo, ên-
fase, entoação
ascendente, con-
densação, ten-
são, exasperação,
implicação.

[b] M.: < Dava uma tensão (risos) de-de-choro que.
EV
num aguentava, hoje em dia eu me controlo
mais, mas não **suporto** rato, né [T.: Sei],
tendeu. > EV

[c] M.: < E era rato, rato, mai rato memo, **ratão**,
EV
não tem. > EV

[d] T.: (Uhm)

[e] M.: < Então, baráta, largatixa — eu fico assim
EV
bô[↑] isso aí é.. — né. > EV

[f] M.: < De repente tava lá dormindo..., tu acorda —
EV
bô essa parte tá caindo cupim[↑], tem que virá
prá cá [T.: Hum], aí virá prá cá
e de repente tá caindo prá cá e num tá caindo mailá,
[T.: Hum] aí víra[↑] — de repente, vê que tá
caindo daquele lado não dá — bôta a cama
prá lá. > EV

[g] M.: <Então, é uma coisa super-desagradável.>
EV EV

Expansão

4.9 [a] M.: <Na casa em que morava com minha família, se pas-
EV
sava um rato, pois havia muitos ratos naquela ca-
sa, eu morria de medo deles. Eu ficava tão assus-
tada que até hoje tenho medo de ratos. Não posso
ver um rato que já fico nervosa, com medo. Quando
era pequena, se eu visse um rato, saia correndo.
Mesmo agora, se aparecesse um rato por aqui nessa
sala, eu me jogaria pela porta afora, sairia cor-
rendo.>
EV

[b] M.: <Quando era pequena e via os ratos andando pela
EV
casa, sentia medo e vontade de chorar, não agüen-
tava o medo e chorava, não conseguia me contro-
lar, hoje em dia me controlo mais, mas ainda não
suporto ratos, entende porque eu achava aquela ca-
sa tão horrível?>
EV

[c] M.: <Na casa havia ratos por toda parte, eram ratos
EV
enormes, veja que absurdo.>
EV

[d] T.: (Sim, continue.)

[e] M.: <Além dos ratos, havia baratas e lagartixas que an-
EV
davam pela casa. Então, quando penso nisso fico
enojada, sinto-me revoltada por ter tido que mo-
rar numa casa como aquela, tão mal cuidada por
meu pai.>
EV

[f] M.: <Quando eu estava dormindo lá naquela casa, de
EV
repente acordava com pó de cupim que caía do te-
to, me revirava na cama procurando me proteger
buscando um lugar onde não caísse pó, mas não
adiantava, chegava a mudar a cama de lugar para
poder dormir.> EV

[g] M.: <Eu odiava morar naquela casa com todos aqueles
EV
buracos e bichos, era super-desagradável.> EV

Interação

M. informa ao T., expressando E.₁ indignação, sobre seus próprios so-
frimentos na antiga casa da família, criticando indiretamente seu pai -PC
como chefe de família relapso na administração dos bens familiares, simul-
taneamente, indica indiretamente, sua preocupação consigo mesma, consequente-
mente, que tem interesses pessoais na questão da venda do terreno.

Ao relatar as dificuldades e sofrimentos por que passava na antiga casa da família, Maria o faz de forma dramática, expressando revolta e indignação (entoação ascendente e ênfase em rato e ratão; entoação ascendente em, barata, largatixa e bô; ênfase de todo o enunciado em 4.9[g]). A tensão de Maria aparece em seus risos nervosos que entremeiam sua fala.

Aqui Maria deixa de referir-se aos sofrimentos da mãe e passa a considerar os seus próprios, o que interpretamos como uma admissão indireta de seu interesse pessoal pelo terreno dos pais, seja no sentido de construir a casa que desejava para a mãe no próprio terreno, seja construindo-a noutro lugar com o

produto da venda daquele. Entendemos, assim, por que Maria procura minimizar suas expectativas quanto à casa que imaginava para a mãe, parece que Maria imaginava, também, a casa que desejava para si mesma mas sem admiti-lo.

 Texto

Sinais Paralíngüísticos

4.10 T.:

< Se você concordasse com isso, com essa situação
 EV

reforço (suporte), truncamento.

da venda do terreno, você estaria concordando

com uma situação de insegurança novamente, na

qual você e sua mãe estariam.. — há —> EV

Expansão

4.10 T.:

< Se você concordasse com isso, com essa situação da
 EV

venda do terreno, em que seu pai e seu irmão seriam

beneficiados às custas dos interesses de sua mãe, vo-

cê estaria concordando com uma situação de inseguran

ça novamente na qual você e sua mãe, como no passado,

viviam com seu pai na antiga casa cheia de bichos e

buracos e estaria aceitando também serem prejudica-

das porque não teriam condições de construir uma ca-

sa para vocês duas.> EV

Interação

T. faz um pedido de confirmação a respeito das preocupações de M. quanto à
 venda do terreno e ao futuro de M. e de sua mãe.

Na sua intervenção o terapeuta procura resumir as preocupações de Maria indicando que as compreende. O terapeuta percebe que Maria começa a admitir seus interesses pessoais pelo terreno, procura, então, dar suporte às colocações desta, para que explicita e expresse seus sentimentos e pensamentos da for-

ma mais clara possível. Note-se que o terapeuta utiliza-se de um período hipotético, no qual enuncia a condição (prótase) ou seja, Se você concordasse, que acarreta as conseqüências (apódose), o que faz ressaltar a responsabilidade de Maria quanto à posição a ser tomada na venda do terreno. Observe-se no próximo segmento que Maria interrompe o terapeuta, completando ela própria a conclusão daquele.

Texto

Sinais Paralinguísticos

4.10 T.: ... você e sua mãe estariam...


4.11 [a] M.:  Uhm, também, poquẽ


interrupção,
truncamento,
entoação ascen-
dente, condensã-
ção, reforço,
ênfase, mitiga-
ção.


[T.: Hum] esse dinheiro na mão — antes o
dinheiro na mão do que voando né [T.: Sei].
Então dinheiro na mão — mais se ela re-
solvesse, botava na poupança, se não qui-
sesse usá, [T.: Hum] tudo bem.

 EV

[b] T.: (Uhm.)

[c] M.:  Seela resolvesse comprava um terreninho e eu já disse,


 Na hora que precisã, comprando um terreninho

 se eu comprã um terreninho num lugar —

porque eu num quero levã minha mãe pro morro
— o terreno que eu tenho é no — atrás do
morro.


 EV


[d] T.: (Sei)

[e] M.:  Então eu quero compra no plano.

 EV

[f] T.: (Uhm.)

[g] M.:  Comprando no plano, se ela topã o lugarzinho,

a gente, eu disse prá ela,  Eu faço empréstimo,

e a gente começa.. (solução) — ô desculpa —

a construí umas pecinhas.

 .. até realmente

saí a casa, né. [T.: Hum.] Prá não ficã a vida

toda pagando o aluguel. > EV

[h] T.: (Sei.)

[i] M.: < Tendeu? > EV EV

[j] T.: (Uhm.)

Expansão

4.11 [a] M.: < Isso mesmo, também me preocupo em não retornar a > EV
viver uma situação insegura como a que vivíamos na antiga casa de meus pais, porque com o dinheiro da venda do terreno em nossas mãos, eu e minha mãe estaríamos seguras, antes o dinheiro na mão do que voando né. Então, com o dinheiro em nossas mãos, poderíamos construir a nossa casa, mas se minha mãe não quisesse construir a casa, poderia colocar o dinheiro numa caderneta de poupança, não me importo, de acordo com a vontade dela. > EV

[b] T.: (Compreendo, continue.)

[c] M.: < Se minha mãe se resolvesse por comprar um terreno com o dinheiro da venda daquele onde está a nossa antiga casa, eu já disse para ela, < Na hora que eu e você comprarmos o terreno e precisarmos de dinheiro para construirmos uma casa, farei um empréstimo e começaremos a construir aos poucos, até termos a possibilidade de construí-la por inteiro. > Se eu comprar um terreno em algum lu- > F

gar, não quero que seja num morro, pois já tenho um terreno atrás dum morro e não quero construir a nossa casa num morro.

EV

[d] T.: (Sim, continue.)

[e] M.: <O terreno que quero comprar com o dinheiro da

venda do terreno, eu quero que seja em algum lugar plano, disso não abro mão, é importante para mim que seja no plano.

EV

[f] T.: (Compreendo.)

[g] M.: <Sendo um terreno plano como faço questão que se-

ja, mas respeitando a opinião de minha mãe, se ela concordar com a escolha que eu fizer do local do terreno, eu e ela poderíamos construir a casa como disse para ela, <Eu faço empréstimo, e a gente começa a construí umas pecinhas> Por- que acho ruim termos que continuar a pagar aluguel a vida toda.

EV

[h] T.: (Compreendo.)

[i] M.: <Essa é a minha posição.>

EV

EV

[j] T.: (Sim compreendo sua posição, mas continue, acredito que você ainda tenha algo mais a dizer.)

Interação

M. interrompe o T. confirmando suas preocupações quanto à venda do terreno, simultaneamente, M. informa o T. sobre seus planos de comprar um terreno com o dinheiro da venda do terreno de seus pais, indicando indiretamente, que

tem MP interesses pessoais pela venda do terreno. T. não toma a palavra após M. sinalizar conclusão indicando indiretamente que espera que M. continue a falar sobre o assunto.

Ao responder o pedido de confirmação/reflexo-de-sentimento do terapeuta, Maria interrompe-o confirmando suas afirmações anteriores e refere-se aos planos de construção da casa. Como já foi citado anteriormente, Maria é proprietária de um terreno (o do morro), mas não deseja construir a casa nele, preferindo um lugar plano. Levando em conta o fato óbvio e compreensível de que Maria, morando com a mãe, também usufruirá da casa que quer construir para aquela, os planos de Maria indicam que há interesses seus envolvidos na questão da venda do terreno dos pais. Contudo, Maria ainda procura mitigar seus próprios interesses fazendo repetidas referências às preferências da mãe, se ela resolvesse, se ela topá, dando a entender que respeita a vontade da mãe embora demonstre ter planos próprios quanto ao destino do dinheiro que sua mãe iria receber pela venda do terreno.

Texto

Sinais Paralinguísticos

4.12 M.: <Então, é questão de querê algo melhor,
EV
não... [T.: Hum] num é desfazê o meu irmão
x x x vend-até venderia pro meu irmão, mais
de uma outra forma, [T.: Hum] tendeu.> EV

entoação ascendente, duração 1/2 segundo, duração 1 segundo, ênfase, implicação.

Expansão

4.12 M.: <Então, o que quero para mim e minha mãe, com a ven-
EV
da do terreno, é somente algo melhor em termos de
uma casa decente que seja nossa sem insegurança nem
desconforto. Não quero prejudicar meu irmão que es-
tá querendo comprar o terreno, não me importaria
em vender o terreno a ele se soubesse que minha mãe
não está sendo prejudicada.> EV

Interação

M. faz uma avaliação de seus próprios planos informando que admite a venda do terreno para o irmão conforme suas condições, indicando indiretamente que se considera como tendo direitos sobre o terreno, conseqüentemente, que > MP
tem interesses pessoais na venda do terreno.

Como no segmento anterior, o terapeuta não toma a palavra após Maria sinalizar que havia concluído sua fala, através do Tendeu?, ela, então, continua a falar referindo-se à maneira como julga suas próprias preocupações e planos para si e sua mãe. Ao afirmar que não queria desfazer o irmão, Maria afirma tam-

bém que admitiria vender-lhe o terreno, pois não queria prejudicá-lo como dá a entender. Ao fazer tais afirmações Maria parece que tenta minimizar suas próprias expectativas quanto ao terreno, mas, em fazendo isso, coloca-se como proprietária que decide pela venda ou não, indicando assim, seu interesse pessoal pelo terreno.

Veremos a seguir, no 5º e último episódio, como Maria julga as ações do irmão e, ao fazê-lo, como revela inadvertidamente seus próprios interesses.

CAPÍTULO VII

EPISÓDIO V - O IRMÃO

Texto

Sinais Paralingüísticos

5.1 [a] M.: < < Num acordo, também ele num vem conversã. > >
EV N EV


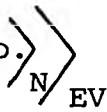
[b] T.: (Sei)

[c] M.: < < Simplesmente conversô com paí. A minha
EV N
mãe é que foi procura
elepravêcomoêqueeleiaquerêpagã [T.: Hum],
tendeu. > >
N EV


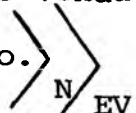
[d] M.: < < Aí na hora ela concordô, depois ela foi —
EV N
já tá insegura puque, falô com a cunhada,
a cunhada disse alguma coisa, não sei mais
quem — h o meu irmão s-solteiro, ele não
tava muito por dentro, também já tá batendo
pê, já tá ficando revoltado. > >
N EV

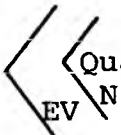
ênfase, conden-
sação, reforço,
entoação ascen-
dente, trunca-
mento, duração
1/2 segundo, as-
piração ingres-
siva, implica-
ção, exaspera-
ção.

Expansão

5.1 [a] M.:  Eu concordaria em vender o terreno para meu irmão se ele se dispusesse a fazer um acordo no qual minha mãe não fosse prejudicada e tivesse seus direitos garantidos ou seja, recebesse a parte dela juntamente com a parte de meu pai. Mas meu irmão não se propôs a fazer tal acordo e por isso não concordo com a venda do terreno. 

[b] T.: (Compreendo.)

[c] M.:  Meu irmão conversou somente com meu pai sobre a venda do terreno, sem se preocupar em conversar com minha mãe. Veja que absurdo, não posso aceitar isso, acho que meu irmão desconsiderou o interesse de minha mãe e nem quis ouvi-la. Foi ela quem teve que procurá-lo para saber das condições de venda, porque do contrário nem ficaria sabendo. 

[d] M.:  Quando minha mãe conversou com meu irmão pela primeira vez, acabou por concordar com a proposta dele, mas depois que conversou com outras pessoas como por exemplo, a esposa de um de meus irmãos, a qual disse-lhe alguma coisa contrária à venda do terreno, e também com não sei mais quem (lembro-me, agora, com um de meus irmãos solteiro) ela agora já está mudando de idéia, está insegura. Pois veja, um de meus irmãos, esse solteiro, ele não sabia muito bem como ia ser

feito o negócio da venda, ele próprio já não está aceitando a venda do terreno também, está revoltado. > > N/ EV

Interação.

M. demonstra ao T. como sua contrariedade < NT quanto a venda do terreno se relaciona com as atitudes do irmão para com a mãe. M. dá suporte a seus argumentos, informando sobre a contrariedade da própria mãe e de outros parentes, indicando indiretamente que ~ MP > não tem interesses pessoais na venda do terreno.

Referindo-se à contrariedade de outras pessoas da família, Maria parece desejar reforçar suas críticas ao irmão e dar mais razões para o terapeuta acreditar que sua própria contrariedade quanto à venda do terreno não era destituída de fundamento. Ao mesmo tempo, Maria implica que se outras pessoas compartilham com ela a mesma opinião, inclusive sua mãe, então sua contrariedade não deve ser interpretada como fruto de seus interesses pessoais.

Texto

Sinais Paralinguísticos

5.2 [a] M.: <Pior é que torna-se uma revolta dentro da
EV
gente [T.: Hum], tendeu.> EV

entoação ascendente, truncamento, tensão.

[b] M.: <A gente não — na hora a gente tenta con-
EV
versã, vê que num' guentô — eu num sei
se a gente já passô tanta coisa, que se
torna uma — aí já começa agressão (soca
as mãos).> [T].: (Sei.)
EV

[c] M.: <Uma agressão atrás da outra.> EV

Expansão

5.2 [a] M.: <O que me desagrada mais, o que realmente aconte-
EV
ce comigo por causa de tudo isso, é que me sinto
revoltada, com raiva, o que me incomoda muito.
Para mim isso é o que de pior acontece, sentir-me
revoltada por dentro, sentir isso.> EV

[b] M.: <Eu tento conversar com meus parentes, com minha
EV
mãe, mas como não consigo entender-me com eles,
não consigo agüentar a raiva, acho que por causa
das outras vezes em que me senti prejudicada por
eles no passado, pelo ressentimento que sinto, não
consigo controlar-me e torno-me agressiva.> EV
[T].: (Sei.)

[c] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{E o que acaba acontecendo, é que eu e meus paren-} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 tes nos agredimos mutuamente sem parar. $\left. \right\rangle_{\text{EV}}$

Interação

M. expressa $\left\langle \begin{array}{l} \text{E}_h \end{array} \right\rangle$ hostilidade em relação aos familiares e à mãe, referindo-se a situações passadas, indicando indiretamente, que sua contrariedade atual quanto à venda do terreno $\left\langle \begin{array}{l} \text{NT} \end{array} \right\rangle$ relaciona-se com situações familiares anteriores em que se sentiu prejudicada, conseqüentemente, que sua contrariedade se deve à revolta que sente e não $\left\langle \begin{array}{l} \sim \text{MP} \end{array} \right\rangle$ a seus interesses pessoais pela venda do terreno.

Quando Maria expressa hostilidade (Maria soca as mãos enquanto fala, comportamento já observado anteriormente no episódio III), referindo-se a situações do passado, sua referência é vaga e imprecisa. Expandimos as colocações de Maria, baseando-nos nos dados de sua história familiar que se caracteriza por freqüentes e repetidos conflitos e rivalidades entre ela, os irmãos e o pai, tendo-se em vista, também, que na situação específica da venda do terreno, Maria vê-se confrontada com estes. Como já observamos, a confrontação direta com a mãe é evitada tanto na atitude de sair de casa, quanto nas referências que Maria faz a ela na conversação com o terapeuta.

Chama-nos a atenção o termo genérico, a gente, utilizado por Maria que, com isso, ao invés de fazer referência direta a si mesma, como quem experimenta revolta e hostilidade, inclui dessa maneira todas as pessoas da família, o que nos parece ser uma forma de mitigar sua própria hostilidade.

Começa a ficar mais clara a relação entre os sentimentos

de Maria, a hostilidade para com os familiares e a mãe, e seus problemas de relacionamento familiar, inclusive sua contrariedade quanto à venda do terreno (vide comentários do episódio III, p. 144). Maria vê-se constantemente prejudicada em seus interesses, embora não os admita, pois considera-os excusos e egoístas na medida em que se chocam com sua própria auto-imagem de filha desinteressada, exclusivamente preocupada com o bem estar da mãe. Maria, então, atribui aqueles seus interesses a outras pessoas, ao pai, ao irmão, acusando-os e hostilizando-os, protegendo assim sua auto-imagem ao mesmo tempo que de maneira indireta, defende seus interesses e evita acusações de ser a menina ruim. A hostilidade exacerbada e por vezes descontrolada de Maria deve-se, provavelmente, ao controle constante que exerce sobre seus sentimentos e, intimamente relacionado a isso, à tensão adicional provinda do compromisso com uma imagem de si que deve ser mantida todo o tempo, resguardando assim sua própria auto-estima e a dos outros, principalmente a estima de sua mãe.

Testemunharemos, no seguimento deste episódio, como, ao entrar em contato com seus sentimentos e expressando-os, Maria rebaixa suas defesas e, ainda que de forma tangencial e incompleta, revela seus reais desejos e interesses.

Texto

Sinais Paralín-
glísticos

5.3 [a] T.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Parece que —} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle \text{EV}$

[b] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Aí aparece ciúme, com inveja,} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 com — [T.: Hum] tudo misturado que
 ninguém entende. $\left. \right\rangle \text{EV}$

[c] T.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Raiva também.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle \text{EV}$

[d] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Raiva também, tendeu. Aí... torna-se uma coisa} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 de loco, não tem: $\left. \right\rangle \text{EV}$ [T.: (Uhm)]

entoação ascen-
dente, interrup-
ção, duração 1
segundo, trunca-
mento, condensa-
ção, exaspera-
ção, reforço,
superposição.

Expansão

5.3 [a] T.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Parece que há muita raiva entre você e seus fami-} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle \text{EV}$
 liares. $\left. \right\rangle \text{EV}$

[b] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Quando me torno agressiva, quando eu e meus fami-} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
 liares ficamos agressivos uns com os outros, tam-
 bém sentimos ciúme, inveja e raiva [T.: entendo].
 Sentimos tudo isso ao mesmo tempo e ninguém mais
 se entende. $\left. \right\rangle \text{EV}$

[c] T.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{Você e seus familiares também sentem muita raiva uns pe-} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle \text{EV}$
 los outros. $\left. \right\rangle \text{EV}$

[d] M.: $\left\langle \begin{array}{c} \text{É verdade, também sentimos muita raiva e, então,} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$

nosso relacionamento torna-se uma loucura, é hor-
rível. > [T].: (Sim, compreendo.)
EV

Interação

T. inicia uma intervenção, M. interrompe-o e continua a expressar sua > E_h
hostilidade referindo-se a outros sentimentos (ciúme e inveja), T. inter-
rompe M. e continua sua intervenção anterior referindo-se à hostilidade de
M. que a confirma indicando indiretamente que seus problemas familiares e
sua contrariedade < NT quanto à venda do terreno devem-se à sua hosti-
lidade < MH e aos desentendimentos familiares, e não a seus interesses
pessoais na venda do terreno ~ MP > .

No início deste segmento quando o terapeuta tenta fazer sua colocação, que seria a referência à hostilidade que percebia em Maria, ela o interrompe e, informando sobre seus sentimentos de ciúme e inveja, interrompe a si mesma (truncamento em 5.3 [b], com —) não completando o enunciado. Segue-se então a intervenção do terapeuta que é um exemplo típico de reflexo-de-sentimento no qual este completa a lacuna deixada por Maria.

Quando Maria interrompe o terapeuta, ela nos dá a impressão de que se antecipa à referência dele sobre seus sentimentos. Supomos que a cliente também já conhece razoavelmente o comportamento do terapeuta, o que lhe permite adiantar-se ao próprio terapeuta revelando seus sentimentos antes mesmo que aquele o faça, embora não aquele sentimento que experimentava exatamente naquele momento ou seja, a raiva que é apontada pelo terapeuta e que Maria passa a expressar de maneira bastante explícita no próximo segmento.

Ao confirmar sua raiva, Maria demonstra mais uma vez, haver entendido a intervenção do terapeuta como um pedido-de-confirmação.

Observe-se a exasperação de Maria que é marcada pela entoação ascendente e ênfase, principalmente nas palavras que nomeiam seus sentimentos.

Textos

Sinais Paralinguísticos

- 5.4 M.: < Puquêeufaleipumeuirmão, < Ah, eu senti vontade
 EV F
 de i lá tacã fogo na casa. > F
 > EV
- condensação,
 exasperação,
 entoação ascendente.

Expansão

- 5.4 M.: < Veja como fiquei alterada com toda essa situação do
 EV
 terreno, cheguei a dizer para meu irmão solteiro,
 < Ah, eu senti vontade de i lá tacã fogo na casa que fi-
 F
 ca no terreno de meus pais, tamanha foi a raiva que
 senti. > F
 > EV

Interação

- M. expressa < E_h > sua hostilidade, referindo-se a uma conversa com um dos
 irmãos indicando indiretamente que < MH > admite sua própria hostilidade.

Aqui Maria nos dá uma idéia da intensidade de seus sentimentos hostis e de sua contrariedade quanto à venda do terreno de forma bastante direta. E revela um movimento interessante já manifestado em outro momento (episódio II) em 2.12). Quando se vê confrontada com sentimentos e atitudes que reluta em admitir, manifesta-os então, de forma aberta e até exagerada, como se quisesse dizer: "Veja, se sou capaz de confessar abertamente meus sentimentos e pensamentos, é porque não me preocupo em escondê-los."

 Texto
Sinais Paralín-
glísticos

5.5 [a] M.: <(risos) x x x num tê casa pa morã.>
EV EV

risos, relaxa-
mento abrupto
de tensão, en-
toação ascen-
dente.

[b] M.: <Mais aí eu vô pa cadeia, [T.: Sei] eu
EV
não quero i pã cadeia.> [T]..: (Hum)
EV

Expansão

5.5 [a] M.: <Se eu pusesse fogo na casa de meus pais, meu ir-
EV
mão que quer comprar o terreno, não teria casa
para morar.> EV

[b] M.: <Se incendiasse a casa de meus pais, eu iria para
EV
a cadeia [T.: Compreendo], seria presa, mas é
claro que não faria isso, pois não quero ir para
a cadeia.> [T]..: (Continue.)
EV

Interação

M., referindo-se à conversa com o irmão, faz uma avaliação de suas intenções hostis mitigando-as com gracejos.

À primeira vista as considerações de Maria a respeito das conseqüências de um ato criminoso, como a que aludiu anteriormente, parecem indicar a preocupação de que o terapeuta pudesse acreditar naquilo que Maria havia dito que pretendia fazer. No entanto, a forma jocosa, com que Maria comenta o fato, nos leva a interpretar seus comentários, como gracejos diante de uma possibilidade quase que absurda mesmo para ela, ou seja, incen-

diar a casa dos pais e acabar na cadeia. Não é impossível, todavia, que ao nível da fantasia, Maria até desejasse mesmo fazer tal coisa, mas com a expressão mais direta de seus sentimentos hostis em relação ao irmão e a conseqüente saturação dessa experiência emocional na consciência (vide episódio II, capítulo IV, p.115), aquela fantasia apresenta-se, então, a Maria, como realmente é, ou seja, apenas uma fantasia com a qual se pode brincar.

Além disso, deve-se levar em conta também, o fato de que por não se perceber julgada ou avaliada em seus sentimentos hostis, Maria tem a oportunidade de confessar seus desejos de vingança e destruição, o que lhe proporciona alívio e a oportunidade também, de confrontar suas fantasias com a realidade, realidade, inclusive, de que Maria não deseja realizar suas fantasias concretamente.

De qualquer maneira, os gracejos de Maria podem ser interpretados como uma mitigação daqueles sentimentos hostis mais intensos que, portanto, são minimizados em sua importância. Embora não vejamos aqui somente uma intenção de dissimulação por parte de Maria, que também demonstra uma atitude mais tolerante diante de seus próprios sentimentos hostis, não devemos deixar de considerar a improbabilidade de que uma atitude de negação e dissimulação de sentimentos tão arraigada possa desaparecer instantaneamente, daí atribuímos a Maria, ainda, aqui, a necessidade ou intenção de mitigar sua hostilidade.

Texto

Sinais Paralinguísticos

5.6 M.: < Mas que ele não fica com meu t-com aquele terreno nessas condições, ele não vai ficá.. te garanto. > , eu disse pro meu irmão. >

EV F

EV

condensação, entoação ascendente, pausa 1 segundo, implicação.

Expansão

5.6 M.: < Mesmo que eu não chegue a incendiar a casa, meu irmão não vai ficar com meu terreno, ou melhor, com aquele terreno de meus pais, naquelas condições em que meu pai e meu irmão são privilegiados enquanto minha mãe e eu somos prejudicadas, ele não ficará não, garanto que não, pois farei qualquer coisa para impedi-lo. > , foi o que eu disse para meu irmão solteiro. >

EV F

EV

Interação

M. continua referindo-se à conversa com o irmão solteiro, procurando demonstrar sua contrariedade < NT > quanto à venda do terreno, referindo-se a ele como o seu terreno, indicando indiretamente, < -- MP > que não é verdade que M. não tem interesses pessoais na venda do terreno, conseqüentemente, contradizendo-se, indicando assim, indiretamente, que seus problemas familiares, inclusive sua contrariedade < NT > relacionam-se com seus interesses pessoais, conseqüentemente, que não se preocupa exclusivamente com o bem estar da mãe < - FD > .

Neste segmento nos vemos obrigados a formular um sumário interacional mais complicado. O ato falho de Maria que, inadvertidamente, se refere ao terreno dos pais como o seu terreno, coloca em cheque todas as proposições que até então, eram sustentadas indiretamente por seus argumentos. Podemos perceber, no entanto, que o lapso de Maria não foi tão inadvertido assim. Antes de completar a frase que seria: não fica com meu terreno, ela interrompe-se após emitir o primeiro som da palavra, terreno, e corrige-se, dizendo com aquele terreno.

Creemos que, por haver se permitido expressar sentimentos hostis em relação ao irmão no segmento anterior e por não sentir-se ameaçada quanto a julgamentos por parte do terapeuta, Maria relaxou suas defesas, o que permitiu a emergência do lapso revelador.

Tendo em vista todos os dados e considerações feitas até aqui a respeito de Maria (seus sentimentos, atitudes, história familiar), não nos é permitido considerar o lapso cometido por Maria, como um mero acidente produto do acaso. Ele carrega em si toda uma série de significações e conseqüências interacionais que decorrem do contexto em que foi produzido. São essas significações que tentamos representar no sumário interacional.

Referindo-se ao terreno como o seu terreno, Maria revela como seus interesses pessoais estão envolvidos na questão da venda daquele, como na verdade não está exclusivamente preocupada com a mãe, o que tem sido argumento para sua contrariedade, e como sua imagem de filha dedicada, embora possa ser verdadeira, em parte, serve de anteparo para outras preocupações não admitidas. Ao nível da interação, Maria contradiz a si mesma e, de certo modo, desafia ou critica a ela mesma, seu próprio status de membro da família que age de maneira justa e razoável o qual

procura manter ante o terapeuta.

A título de curiosidade, vale ressaltar como a análise do discurso desenvolvida nestes moldes, nos permite formular e explicar, ainda que de forma incipiente, o princípio de que lapsos de linguagem obedecem a determinações interacionais, o que é semelhante ao princípio do determinismo psíquico de Freud que se baseia, no entanto, nas relações entre consciente e inconsciente. São formas diferentes de explicação do mesmo fenômeno que não são, necessariamente, excludentes entre si.

Não pretendemos nos alongar nessa discussão, que, a nosso ver, extrapola os objetivos deste trabalho, contudo julgamos interessante apontar tal questão como possível campo frutífero de pesquisas.

Voltando à interação entre cliente e terapeuta que ocorre neste momento da conversação, veremos que, nos segmentos seguintes, o terapeuta não faz menção ao ato falho cometido por Maria. Não o faz, não porque este houvesse passado despercebido para ele, mas, porque acredita que apontar tal lapso e as revelações contidas nele, acarretaria o incremento das defesas de Maria que perceberia tal menção como uma ameaça ao seu eu. Além do mais, o terapeuta também acredita que Maria mesma não deixou de perceber, tanto seu próprio ato falho, quanto o fato de que o terapeuta também o percebeu. Apontá-lo seria algo como que puxar o tapete de sob os pés de Maria. O fato de que ela se dá conta de como deixou transparecer seus interesses pessoais e de como tem planos para si própria, que não incluem a mãe, nos é revelado pelas considerações de Maria ao final deste último episódio que analisamos.

Texto

Sinais Paralinguísticos

5.7 M.: <Hi^{..} eu ia lutá memo. [T.: Uhm] Ia fazê coisa,
 EV
 f-feia memo se^{..} — agora apareceu essa propos-
 ta de^{..} — esse negócio de assinatura, mas se
 não fosse essa assinatura, ele não ia ficá com
 aquele terreno fácil, não.>
 EV

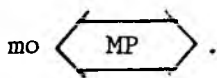
duração 1 segun-
 do, entoação as-
 cendente, trun-
 camento, ento-
 ação progressiva
 descente.

Expansão

5.7 M.: <Eu iria fazer todo o possível, não duvide de que eu se-
 EV
 ria capaz de qualquer coisa, por mais terrível que
 fosse, para que meu irmão não conseguisse comprar o
 terreno. Agora estou mais tranqüila porque fiquei
 sabendo que para meu pai vender o terreno é preciso
 que, além da assinatura de minha mãe, haja a assinatu-
 ra de todos os filhos, inclusive a minha. Mas, mesmo
 que não houvesse a necessidade da minha assinatura,
 coisa que não pretendo fazer, ou seja, dar minha as-
 sinatura para que meu pai possa vender o terreno pa-
 ra meu irmão, eu não permitiria que ele comprasse
 o terreno de qualquer maneira.>
 EV

Interação

M. informa ao T. sobre suas intenções de impedir a venda do terreno ao seu irmão, referindo-se à necessidade da assinatura dela, conseqüentemente, que é contrária à venda do terreno NT e indica indiretamente que não pretende assinar o documento de venda do terreno, impedindo assim que seu irmão possa comprá-lo e, conseqüentemente, que tem interesses pessoais pelo mes-



Após manifestar seu interesse pessoal pelo terreno dos pais, Maria demonstra abertamente sua contrariedade, dando a entender que fará tudo que estiver a seu alcance para impedir que seu irmão fique com o terreno. Aqui parece-nos que Maria novamente repete aquele movimento já observado em outras ocasiões (em 2.12 e 5.4). Confrontada com seus reais interesses revelados, ela confessa abertamente seu antagonismo quanto à questão do terreno admitindo até a possibilidade de atitudes extremas, como se já não houvesse demonstrado isso noutras ocasiões. O terapeuta, por sua vez, não se deixa impressionar por essa confissão e, em seguida, no próximo segmento, faz referência à ausência de Maria da casa da mãe como uma forma pela qual aquela tencionava alcançar seu objetivo.

Não desvalorizamos o aspecto positivo da admissão de Maria quanto às suas intenções litigiosas, pois representa um certo avanço no sentido de uma maior autenticidade. Contudo, também vemos nisso uma certa manipulação, pois, desejando impressionar o terapeuta com sua franqueza, Maria, ao mesmo tempo, procura encobrir o ponto central revelado há pouco, ou seja, seu interesse pessoal pelo terreno dos pais.

Texto

Sinais Paralinguísticos

- 5.8 [a] T.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Parece que a sua atitude então, de saí} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$
 de casa f-foi um-uma coisa que — $\left. \begin{array}{l} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$
- [b] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ Um protesto. $\left. \begin{array}{l} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
- [c] T.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{de-de certa forma [M.: É] tá-tá...} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$ —
 você tá conseguindo o que você queria
 com essa atitude, nê. $\left. \begin{array}{l} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$

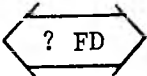

ênfase, interrupção, truncamento, entoação ascendente, implicação, tensão.

Expansão

- 5.8 [a] T.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Se estou entendendo bem, sua atitude de sair de casa} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$
 foi uma maneira que você encontrou para impedir
 que seu irmão ficasse com o terreno. $\left. \begin{array}{l} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$
- [b] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Sim, foi isso mesmo, um protesto.} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$ $\left. \begin{array}{l} \\ \text{EV} \end{array} \right\rangle$
- [c] T.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{De certa forma você está conseguindo o que queria,} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$
 pois ao sair de casa, pressionou sua mãe a não
 aceitar a proposta de seu irmão, o que por fim a-
 conteceu então. $\left. \begin{array}{l} \\ \text{IV} \end{array} \right\rangle$

Interação

T. refere-se à atitude de M. sair de casa, M. interrompe-o informando sobre sua intenção de protesto $\left\langle \begin{array}{l} \text{NT} \end{array} \right\rangle$, T. continua sua intervenção interpretando a atitude de M. como uma maneira de impedir a venda do terreno para o irmão, indicando, indiretamente, que ela manipulou sua própria mãe, consequentemente, questiona-a como filha dedicada que se preocupa exclusivamente com

o bem estar da mãe  e implica que  M. tem interesses pessoais pela venda do terreno.

Novamente temos um exemplo de elucidação onde, na sua intervenção, o terapeuta propõe uma relação de causa e efeito: "Maria, ao sair de casa, causou preocupação à mãe tencionando demovê-la de sua propensão em aceitar a proposta do irmão de Maria, impedindo assim que aquele conseguisse comprar o terreno."

O terapeuta, na sua intervenção, não só propõe essa relação entre as ações de Maria e suas conseqüências, mas também refere-se à intencionalidade daquelas ações. Note-se conseguindo o que você queria, com entoação ascendente em conseguindo e queria.

Além do fato de que nesta entrevista (vide episódio I) Maria refere-se à sua relutância em voltar para casa enquanto a questão do terreno não se definisse, devemos considerar que Maria não só se ausenta de casa numa reação supostamente impulsiva e emocional, mas também persiste em sua ausência mesmo quando sabe que sua mãe se preocupa e até emagrece em virtude dessas preocupações, como informa a irmã de Maria por ocasião da visita desta à mãe que estava doente. Isso demonstra uma contradição nas atitudes de Maria que, dizendo-se zelosa e preocupada com o bem estar da mãe na questão do terreno, não hesita em fazê-la sofrer, pressionando-a a concordar com seu ponto de vista. Essa contradição, por sua vez, reforça a proposição {MP} Maria tem interesses pessoais na venda do terreno, implicada no contexto da conversação e encaixada na seta que aponta à esquerda e à direita, indicando assim, ao mesmo tempo, a referência indireta do terapeuta à proposição e o requerimento de uma resposta de Maria àquela referência.

Maria não está exclusivamente preocupada com o bem estar da mãe na questão da venda do terreno, pois tem interesses pessoais pelo mesmo. Esta é, em resumo, a implicação feita pelo terapeuta ao nível mais abstrato de sua intervenção tendo em vista todo o contexto conversacional até aqui observado e, especialmente, após o ato falho de Maria.

Vemos essas considerações feitas até aqui, como necessárias à compreensão das ações realizadas por Maria nos segmentos seguintes onde ela volta a reafirmar suas preocupações com a mãe, coerente com sua auto-imagem de filha dedicada, defendendo-se, assim, dos questionamentos (desafios) contidos na intervenção do terapeuta.

O caráter potencialmente ameaçador da resposta elucidativa, já comentado anteriormente, mostra-se novamente aqui, pois como nas outras ocasiões em que o terapeuta interveio desta forma, Maria rejeita as afirmações daquele, afirmações essas que têm o caráter de uma questão sim/não (note-se a forma interrogativa, né, no final do enunciado), o que nos leva, como em 3.4 no episódio III, a considerar esta intervenção como expressão, novamente, da regra de questões socráticas.

Veremos a seguir, como Maria se posiciona em relação à questão colocada pela intervenção do terapeuta.

Texto

Sinais Paralinguísticos

- 5.9 [a] M.: <Olha, num é que eu **teja** conseguindo> [T].: (Hum) ênfase, truncamento, entoação ascendente, interrupção, duração 1/2 segundo, recuo, implicação, mitigação.
- [b] M.: <Porque aí — pô a minha mãe, chorando> EV
[T.: Sei], a minha mãe — EV
- [c] T.: <I:so você não gostaria que acontecesse.> EV
- [d] M.: <N-não, minha mãe chorando, minha mãe se preocupando, ficava esperando, <Será que a Maria vem ?!> F EV

Expansão

- 5.9 [a] M.: <Veja, não é bem isso, não estou conseguindo exatamente o que eu queria, porque apesar de minha mãe estar mudando de idéia em relação à venda do terreno, não posso dizer que esteja totalmente satisfeita com as conseqüências de minha atitude de sair de casa.> EV [T].: (Continue.)
- [b] M.: <Porque uma das conseqüências da minha atitude foi provocar a preocupação e a tristeza de minha mãe, ela vive chorando e isso me incomoda.> EV
- [c] T.: <Embora você quisesse que sua mãe mudasse de idéia> EV

quanto a vender o terreno para seu irmão, você
 não pretendia causar sofrimento a ela, isso você
 não desejava que acontecesse. > EV

[d] M.: < Realmente não queria que minha mãe chorasse e so-
 EV
 fresse como está acontecendo, ela vive pensando,
 < Será que a Maria vem para casa ?! > > F EV
 F

Interação

M. nega a interpretação do T. expressando sua preocupação com o sofrimento de sua mãe, conseqüentemente, desafia o T. < ? TC > em seu status. T. interrompe M. e faz um pedido de confirmação a respeito da preocupação de M. por sua mãe, conseqüentemente, dá suporte à negação de M. recuando em seu desafio à proposição < ? FD > e, simultaneamente, mantém a proposição < MP > de que M. tem interesses pessoais na venda do terreno e defende seu status < TC > de quem compreende as emoções do cliente. M. confirma a afirmação do T. e, conseqüentemente, < MP > que tem interesses pessoais na venda do terreno.

O sumário interacional deste segmento, em especial, requer algumas explicações sobre a interpretação que fazemos das ações do terapeuta e da cliente e de suas conseqüências ao nível da interação, tendo em vista o nível altamente abstrato em que elas ocorrem.

Quando Maria nega as afirmações do terapeuta e, por conseqüência, as implicações nelas contidas, ela posiciona-se negativamente quanto à questão levantada pelo terapeuta (vide regra de questões socráticas, episódio III, p.154), negando então, que estivesse conseguindo o que queria ao sair de casa. No entanto,

observamos que Maria, ao fazê-lo, refere-se especificamente ao sofrimento da mãe sem fazer qualquer menção ao fato de que esta agora titubeia em aceitar a proposta do irmão de Maria, o que seria impedimento para que este conseguisse comprar o terreno, coisa que Maria desejava com sua atitude de sair de casa, e que está implícita na anterior intervenção do terapeuta. Entendemos que aqui se aplica a regra conversacional que Labov denomina regra de pressuposições admitidas: "Se A (Maria) responde a um pedido de informação (contido na questão socrática) de B (terapeuta), dando aquela informação sem mencionar especificamente as pressuposições ou implicações do pedido, então B admite aquelas pressuposições ou implicações."

Considerando que as implicações contidas nas afirmações do terapeuta a respeito da atitude de Maria sair de casa referem-se a seus interesses pessoais na venda do terreno, a não menção de Maria às outras conseqüências de seu ato, especificando somente o sofrimento da mãe, é interpretada por nós como uma admissão daquela implicação de que Maria tem interesses pessoais no terreno. Corroborando essa interpretação, veja-se a expansão de 5.9 [a], particularmente no que diz respeito à entoação ascendente em teja. Nossa expansão baseia-se fundamentalmente no significado atribuído a esse sinal paralingüístico.

Além disso, vemos a regra de pressuposições admitidas se repetir e confirmar-se no desenvolvimento da interação contida neste segmento.

Quando em resposta ao pedido de informação do terapeuta em 5.8, após negar as afirmações deste, Maria começa a falar especificamente sobre o sofrimento que causou à mãe, o terapeuta então a interrompe fazendo um pedido de confirmação na forma de um refle-

xo-de-sentimento. Observe-se a entoação ascendente na palavra Isso e a duração no primeiro som da primeira sílaba, como se o terapeuta quisesse reforçar a especificidade daquilo a que Maria está se referindo. Maria, então, confirma que não desejava causar sofrimento à mãe, demonstrando sentir-se culpada. No entanto, Maria novamente não faz menção às outras conseqüências de seu ato, ou seja, que a mãe começava a mudar de posição quanto à possibilidade de vender o terreno para o irmão.

Isso significa que Maria novamente admite a implicação contida na intervenção do terapeuta, ou seja, de que ela estava conseguindo o que queria, isto é, impedir que seu irmão comprasse o terreno e que Maria agia daquela forma porque tinha interesses pessoais no terreno. Em outras palavras, o que ocorre, segundo nos parece, é que Maria não nega na verdade as afirmações do terapeuta, ela tenta, sim, mitigá-las com a demonstração de sua preocupação pela mãe. O terapeuta, por seu lado, ao mesmo tempo que mantém suas afirmações e implicações, também procura mitigá-las reconhecendo, e, simultaneamente, pedindo confirmação das preocupações de Maria para com a mãe. Dizemos que o terapeuta mantém suas afirmações, baseados na interpretação que damos à palavra Isso (vide expansão) e, por outro lado, baseados no fato de que Maria confirma, em seguida, não só as palavras do terapeuta (em 5.9 [d]), mas, também, as significações transmitidas pelos sinais paralingüísticos que as acompanham e, por conseqüência, as implicações nelas contidas. Dizendo de outro modo, Maria também mantém as afirmações do terapeuta, ou melhor ainda, a interação resultante entre terapeuta e cliente mantém as afirmações e implicações daquele.

Ao leitor mais cético poderá parecer que apesar de todas as considerações anteriores, desde os dados históricos de Ma-

ria, até toda a análise da interação aqui observada no decorrer destes 15 minutos de conversação, não seja lícito, ainda, atribuir a Maria qualquer interesse pessoal no terreno dos pais e que seria igualmente lícito crer que ela estivesse sendo unicamente movida por seu amor à mãe, embora por vezes agisse de forma atabalhoada, causando sofrimento àquela sem que por isso tivéssemos que encontrar aí qualquer contradição ou conflito. Além disso, caberia perguntar: havendo realmente interesses pessoais de Maria em jogo, quais seriam eles para que se justificasse tal complicação nas relações dela com sua família?

Respondendo a essa questão, cremos que responderemos a todas as outras consideradas anteriormente. A resposta na verdade é bastante simples: Maria deseja se desfazer da mãe. Dizendo de forma menos crua e simplista, Maria deseja ser independente, estar livre para fazer sua própria vida, ter sua própria casa no seu próprio terreno. Isso não quer dizer que não ame sua mãe ou não se preocupe com ela. Pelo contrário, justamente por amá-la, era tão penoso e complicado pensar em livrar-se dela.

Grande parte dos ganhos de Maria eram destinados às despesas com a mãe e ao aluguel da casa em que moravam e, além disso, havia as preocupações de Maria com seu bem estar físico e emocional.

Em entrevistas posteriores a esta que analisamos, Maria fala de seus planos para o futuro. Já mais consciente de, e admitindo seus próprios desejos, oscilava entre a possibilidade de deixar sua mãe morando na casa que construiria no terreno dos pais ou noutro que comprassem com o produto da venda daquele, indo ela morar sozinha em sua própria casa que também planejava construir e a possibilidade de continuar morando com a mãe até

que esta morresse. Maria poderia, então, com a herança que lhe coubesse, viver sua própria vida com certa segurança material. Principalmente em relação à última possibilidade, é claro que Maria não a aventava de forma fria e calculista, nem de maneira tão articulada como a formulamos aqui; referia-se a ela sempre através de breves e esparsos comentários ou alusões como se fosse algo que ainda estivesse longe de acontecer, embora demonstrasse preocupação pelo assunto. Resumindo, Maria já previa a morte da mãe e como seria sua própria vida depois disso.

É neste sentido, então, que entendemos o interesse pessoal de Maria pelo terreno dos pais, tanto em razão de seus planos para o futuro da própria mãe, quanto em relação àqueles em que sua mãe não se incluía e que diziam respeito ao seu futuro exclusivamente pessoal. Daí inclusive, nossa preocupação em formular a proposição{FD} Maria é uma filha dedicada, exclusivamente preocupada com o bem estar da mãe. O uso da partícula de exclusão, "exclusivamente", procura refletir tanto a preocupação de Maria com sua mãe, quanto seus interesses pessoais que são sugeridos pela negação ou questionamento dessa proposição que contém a significação de exclusividade.

Agora, como Maria poderia dizer à sua mãe que não vendesse o terreno, pois que planejava deixá-la e morar sozinha, ou, pior ainda, que após a sua morte, esperava usufruir o que da venda dele resultaria? Aliás, como poderia admitir isso para quem quer que fosse, inclusive para o terapeuta e, ainda mais, para si mesma, já que lhe era tão cara a imagem de filha dedicada? O que seria prova mais cabal de ser uma pessoa ruim, do que dar a entender que desejava a morte da própria mãe?

Vemos aqui como se interpenetram na dinâmica intra e inter-pessoal de Maria os fatores advindos de um passado adverso

no qual, não lhe sendo permitido expressar hostilidade nem atitudes egoístas a pessoas significativas como a mãe, desenvolve uma auto-imagem de caráter defensivo que, no presente, não lhe permite admitir intenções de cunho pessoal ou egoísta e que, por serem incongruentes com aquela auto-imagem, manifestam-se de forma dissimulada através de atitudes manipuladoras.

A morte de pessoas as quais estimamos e as conseqüências que daí decorrem, seja em termos da perda e do sofrimento, seja em termos das vantagens práticas que dela decorrem como, por exemplo, se ver livre do peso representado por alguém que, de uma maneira ou de outra impede-nos a realização de desejos pessoais, são fatos da vida que deveríamos poder enfrentar sem culpas nem constrangimentos já que são situações inevitáveis. Os tabus e preconceitos de nossa cultura quanto à morte já são, em si mesmos, dificuldades que se impõem ao livre contato com emoções e sentimentos que não sejam aqueles prescritos pelo luto "oficial". São execrados e mantidos na obscuridade os sentimentos e pensamentos que se refiram ao alívio provocado pelo desaparecimento de alguém que, apesar de amarmos, nos impinge qualquer forma de frustração ou sofrimento, como se isso não devesse existir, simplesmente.

Ideal seria, talvez, se pudéssemos ser totalmente livres sem que tivéssemos de depender de outros, ou que outros dependessem de nós, mas a própria cultura, especialmente em relação aos velhos, cria circunstâncias nas quais estes tornam-se fardos a serem carregados ou esquecidos. Toda essa situação dá origem a sentimentos difíceis de serem aceitos e confrontados de forma clara e racional que se amontoam num escolho de culpas e ressentimentos, transformando-se, assim, numa pedra de tropeço ao bom relacionamento baseado na sinceridade.

Creemos que todos nós em alguma medida vivemos essas dificuldades advindas de um meio não muito propício à livre expressão de sentimentos relativos não só à morte, mas também ao amor, ao sexo, à hostilidade, etc.

Não pretendíamos, com essas considerações, abarcar todo um vasto campo de reflexões necessárias ao entendimento mesmo que parcial destes temas, esperávamos, sim, preparar o terreno para a compreensão dos conflitos experimentados por Maria que os vive de forma especialmente penosa, haja visto seu apego à mãe e a responsabilidade que carregou para si quando entre todos seus irmãos e irmãs foi quem se dispôs a ficar com aquela após a separação dos pais.

Veremos no último segmento deste último episódio a informação que Maria nos dá a respeito de suas preocupações com sua própria independência e de como isso se relaciona com a mãe e com a questão do terreno.

Todavia, antes de passarmos às considerações do próximo segmento, gostaríamos de fazer ainda uma breve alusão ao desafio contido na negação de Maria à intervenção do terapeuta. Consideramos que nesse caso se aplica a regra de desafio de proposições: "Se A (terapeuta) assevera uma proposição (que questiona {?FD} Maria como filha dedicada e implica que {MP} Maria tem interesses pessoais na venda do terreno) que é suportada pelo status de A ({TC} o terapeuta compreende as emoções do cliente), e B (Maria) questiona a proposição, então B é ouvido como desafiando a competência de A naquele status."

Como vimos, o desafio contido na negação de Maria que, especificamente, se refere ao sofrimento de sua mãe, é seguido da intervenção do terapeuta que mantém a proposição {MP} Maria tem

interesses pessoais pelo terreno dos pais e, assim, defende seus status ao mesmo tempo em que recua quanto à proposição {?FD} que questiona Maria como filha dedicada.

Creemos que a regra de desafio de proposições também se aplica à interação observada anteriormente no episódio III em 3.5, onde também notamos a defesa que o terapeuta faz de seu status e em 3.6, onde observamos igualmente o mesmo movimento de recuo.

Texto

Sinais Paralinguísticos

5.10 [a] M.: < Em parte — aí eu já de primeiro eu sempre
EV
disse, < Ô mãe, se eu não casá, um dia eu
F
vô querê morá sozinha. > > F EV

truncamento, duração 1/2 segundo, entoação ascendente, entoação progressiva descendente, reforço, pausa 1 segundo, implicação.

[b] T.: (Uhm)

[c] M.: < Tê um-minha casinha x x x, né. Tê
EV
minha.. independência. > EV

[d] M.: < Então, eu não quero me desfazê da minha
EV
mãe assim. > EV

Expansão

5.10 [a] M.: < Apesar de que eu queira ter minha própria vida,
EV
minha própria casa como eu já disse para minha
mãe, < Ô mãe, se eu não casá, um dia eu vô querê
F
morá sozinha. > > F EV

[b] T.: (Sim, continue.)

[c] M.: < É importante para mim ter minha própria casa. A-
EV
credito que você concorda comigo. Quero ser in-
dependente, não precisar preocupar-me com minha
mãe. > EV

[d] M.: $\left\langle \begin{array}{l} \text{Ao} \\ \text{EV} \end{array} \right.$ mesmo tempo, preocupo-me com minha mãe,
 sinto-me dividida pois quero ter minha independência, mas não quero abandonar minha mãe. \rangle_{EV}

Interação

M. redireciona a conversação referindo-se à preocupação com sua independência, indicando indiretamente, $\boxed{\text{MP}}$ seu interesse pessoal pelo terreno, simultaneamente, demonstra que não deseja causar sofrimento à mãe, consequentemente, dá suporte à proposição $\boxed{\text{FD}}$ de que é uma filha dedicada.

Caso não houvésssemos considerado os dados contextuais comentados no segmento anterior, cremos que pareceria algo estranha e despropositada a referência de Maria à sua intenção de morar sozinha. Vemos aqui como Maria tem planos para o futuro que não incluem sua mãe. Ao nível da interação no entanto, a referência de Maria tem um sentido e uma razão de ser.

Em entrevistas anteriores Maria já havia se referido, por vezes, ao seu desejo de ter sua própria casa, vivendo sozinha e podendo fazer o que bem quisesse, podendo levar à sua casa quem bem entendesse sem que tivesse que dar satisfações a quem quer que fosse.

Parece-nos, então, que a referência de Maria ao desejo de ter sua casa e sua independência, neste ponto, relaciona-se com aqueles desejos e intenções já manifestados anteriormente. À luz dos comentários feitos no segmento anterior, interpretamos tal referência como uma indicação dos interesses pessoais de Maria quanto à venda do terreno dos pais. Apesar de haver um redirecionamento no tema da conversação que exigiria a partir

daqui a segmentação do discurso num novo episódio, observamos no redirecionamento, mesmo, a continuidade e coerência do discurso, na medida em que a referência de Maria ao seu desejo de independência e à sua preocupação com a mãe é, ainda, uma resposta e uma defesa ao desafio implícito na última intervenção do terapeuta e, também, uma admissão indireta de seus interesses pessoais pela venda do terreno dos pais.

CONCLUSÃO

Nossa questão fundamental, ao iniciar esse estudo, dizia respeito ao que realmente acontece na entrevista terapêutica e, mais especificamente, como poderíamos descrever linguisticamente a resposta-reflexo do terapeuta de abordagem rogeriana.

Cremos que, ao responder à questão mais específica, responderemos também àquela primeiramente considerada e, ao mesmo tempo, ofereceremos uma certa visão do todo formado pelos 15 minutos de conversação analisada nos capítulos anteriores e, também, da entrevista que se insere no contexto mais amplo do processo terapêutico inteiro.

A princípio, podemos dizer que, em termos lingüísticos ou interacionais, quando o terapeuta reitera ou reflete um sentimento da cliente, ele também faz um pedido de confirmação e, quando ele elucida, também propõe uma questão para a cliente no sentido de que ela se posicione a respeito. Isto é, as reiterações e reflexos-de-sentimento podem ser descritos pela regra de pedidos de confirmação e as elucidações, pela regra de questões socráticas. Como podemos perceber no decorrer de nossa

análise, essas duas regras conversacionais descrevem de modo consistente os três tipos de resposta-reflexo propostos por Rogers como manifestações características da atuação do terapeuta de abordagem centrada-no-cliente. Neste sentido, teríamos alcançado nosso objetivo mais específico, ou seja, a identificação no discurso dos marcadores lingüísticos da resposta-reflexo.

Contudo, cremos que apenas isso diz pouco a respeito do que realmente acontece na entrevista terapêutica. Por isso, achamos necessário tecer algumas considerações a respeito das consequências interacionais da resposta-reflexo à luz das regras conversacionais que as traduzem ao nível lingüístico e, assim, considerar também qual é o efeito ou papel terapêutico que ela desempenha.

Como já vimos (vide fundamentos teóricos de Rogers, Cap.I), ao reiterar, refletir ou elucidar, o terapeuta pretende destacar, precisar ou explicitar sentimentos e/ou atitudes comunicadas pelo cliente, colocando-o assim em contato com sua experiência de caráter principalmente afetivo. Isso se relaciona com o objetivo maior de possibilitar ao cliente uma reestruturação de sua auto-imagem no sentido de uma maior flexibilidade propiciada pela inclusão no conceito do eu, de experiências até então não simbolizadas ou não aceitas, mas que de qualquer forma influenciam o comportamento e as relações do cliente. Depreendemos daí o pressuposto de que a imagem do eu dirige o comportamento e que, na medida em que esse eu não é congruente com a experiência real vivida pelo cliente, o comportamento ora é função daquele eu, ora é função das experiências e necessidades do "organismo", resultando daí confusão, desequilíbrio, desajuste e ansiedades que decorrem desse desacordo interno. Compreendemos assim o objetivo da terapia como o reestabelecimento

de um modo de funcionamento que poderíamos chamar de auto-adaptativo pela modificação do eu via o contato e integração nele da experiência vivida.

Essa é uma maneira de se explicar o caráter terapêutico da resposta-reflexo e voltaremos a ela mais adiante. Todavia, nossa investigação nos permite formular de outra forma o entendimento quanto à natureza das intervenções do terapeuta. Quando ele de maneira sucessiva faz pedidos de confirmação a respeito da experiência particular da cliente (seus sentimentos, emoções, atitudes, desejos, intenções, pensamentos, etc.), obriga a esta que reflita sobre sua experiência, avalie-a, julgue-a e decida se deve confirmá-la ou não. Ao fazer isso, entram em jogo os afetos, os pensamentos, o modo de encará-los defensivamente ou não, ou seja, a dinâmica de funcionamento da cliente se presta à observação do terapeuta e da própria cliente. Pelas consequências, a nível interacional, das intervenções do terapeuta, a cliente desenvolve um movimento de auto-exploração e auto-avaliação, até porque os pedidos de confirmação do terapeuta constroem-na de certa maneira a dar alguma resposta. Lembremo-nos da primeira regra sequencial proposta por Labov (vide fundamentos teóricos de Labov, Cap.I): "pedidos devem ser reconhecidos e respondidos".

Por outro lado, quando o terapeuta intervém de forma elucidativa, propõe à cliente, através de um pedido de informação (vide regra de questões socráticas), uma questão sobre a qual esta deve posicionar-se. Para que alguém se posicione a respeito de algo, principalmente quando esse algo refere-se à sua própria experiência, exige-se dele que faça um movimento de introspecção, de auto-análise e, além disso, que tome uma decisão sobre o valor e significação daquela experiência.

Por sua vez, uma tomada de posição da cliente a respeito da questão levantada pelo terapeuta, através da resposta elucidativa, forma a base a partir da qual a conversação tem continuidade, ou seja, a tomada de posição da cliente fornece novo material em termos de sentimentos e atitudes que são, de contínuo, novamente refletidas pelo terapeuta através de reitera-ções e/ou reflexos de sentimento, isto é, pedidos de confirmação segundo a terminologia de Labov.

Ora, vemos aqui o desenrolar de um processo que segundo Rogers é o objetivo precípua de abordagem centrada-no-cliente: oferecer através da interação uma oportunidade na qual o cliente tenha a possibilidade de engajar-se num movimento cada vez mais aprofundado de auto-exploração e autoconhecimento.

A descrição desse processo, feita dessa maneira, pode nos dar a imagem de algo por demais mecânico. E realmente o será se as intervenções do terapeuta se constituírem de uma mera técnica aplicada à situação de entrevista. Como já vimos (vide fundamentos teóricos de Rogers, Cap.I) a resposta-reflexo deve ser encarada como a manifestação conseqüente de um conjunto de atitudes e sentimentos enraizados na personalidade do terapeuta.

Creemos que o verdadeiro efeito terapêutico da resposta-reflexo reside não somente no estímulo à auto-análise, embora seja um aspecto importante de sua natureza, mas sim no fato de que ela seja uma expressão particular de uma atitude global que inclui o interesse, a aceitação e a empatia que a pessoa do terapeuta experimenta em relação à pessoa do cliente.

Através dessas considerações torna-se inclusive mais inteligível o progressivo afastamento de Rogers de uma preocupação com a técnica, para uma preocupação com os aspectos humanos envolvidos na relação terapêutica. Nota-se isso, mesmo na mudança de termos que identificam sua abordagem "Terapia Não-Diretiva", "Terapia-Centrada-no-Cliente", "Terapia Centrada-na-Pessoa".

Autenticidade, aceitação incondicional e empatia são variáveis difíceis de serem identificadas e avaliadas quantitativa e qualitativamente. Mesmo assim Rogers procurou abordá-las de modo científico. Apesar de essas variáveis não se prestarem com facilidade à observação direta, elas inegavelmente existem e produzem efeitos palpáveis. Nesse sentido Rogers desenvolveu pesquisas as quais procuravam comprovar que, quando tais atitudes estavam presentes no terapeuta, produziam-se certos efeitos como o desenvolvimento de uma auto-aceitação, flexibilidade do auto-conceito e do "eu", maior autenticidade e um modo de funcionamento auto e hétéro-adaptativo mais saudável da parte do cliente. Do lado do terapeuta, a resposta-reflexo aparece então como uma forma de se objetivar e conceituar as expressões daquelas atitudes. Torna-se compreensível, então, a afirmação de que o uso da resposta-reflexo como uma simples técnica torna-a desprovida de sentido e eficácia. Aliás, cremos que essa dificuldade é inerente à maioria das abordagens onde a desconsideração pelos princípios fundamentais que norteiam a ação terapêutica redundam num tecnicismo estéril.

No entanto, guardando-se as precauções necessárias quanto ao que anteriormente discutimos, a observação e estudo das seqüências podem nos levar à compreensão dos princípios. Neste sentido, gostaríamos de fazer ainda algumas considerações a respeito da resposta-reflexo e sua relação com as regras con-

versacionais de Labov.

Lembre-mo-nos das afirmações de Rogers sobre a resposta elucidativa. Diz ele que é um tipo de resposta menos asséptico no sentido de que pode afastar o cliente do processo autônomo de tomada de consciência e auto-exploração, na medida em que nesse tipo de resposta intervêm tanto elementos da experiência não imediatamente reconhecíveis pelo cliente, quanto um certo processo intelectual ou dedutivo por parte do terapeuta que não estão presentes na reiteração e no reflexo-de-sentimento as quais se caracterizariam por uma participação mais afetiva do terapeuta em relação à experiência do cliente.

Vejamos como podemos traduzir isso em termos interacionais ou conversacionais. Vimos que ao elucidar, o terapeuta propõe uma questão ao cliente e vimos também que conseqüências se produzem ao nível interacional e terapêutico. Por outro lado devemos ressaltar um aspecto ainda não considerado. Quando a cliente se vê obrigada a responder o pedido de informação contido na intervenção do terapeuta (vide regras de questões socráticas, p.154), ela não só depende de uma avaliação de sua própria experiência, como já consideramos anteriormente, mas também depende de uma avaliação, de um julgamento do raciocínio do terapeuta que está por "de trás" de seu pedido. Noutras palavras, além de voltar-se para si mesma a cliente tem de voltar-se para o terapeuta e imaginar ou compreender o que ele está querendo dizer, isto é, em parte a cliente realiza um movimento no qual se afasta de si mesma, de sua própria experiência. Coisa diferente ocorre com a reiteração e o reflexo-de-sentimento, ou seja, pedidos de confirmação, onde a intervenção do terapeuta está ligada à experiência da cliente, como o direito está ligado ao avesso, parafraseando Rogers.

É comum dizer-se que na abordagem centrada-no-cliente o terapeuta não investiga, não explora, não faz perguntas e que elas são até desnecessárias. Se, como podemos perceber, ao fazer afirmações a respeito dos eventos relativos à experiência particular da cliente (B eventos), esta entende-os como pedidos de confirmação, cabe perguntar, para que fazer perguntas? Noutras palavras, o terapeuta pergunta afirmando. O mesmo pode dizer-se em relação às questões socráticas onde se inclui um pedido de informação.

Vale lembrar que o fato de o terapeuta rogeriano quase não fazer perguntas não significa que procure escondê-las por trás de suas afirmações, mas sim que, ao não fazê-las, procura não desviar a atenção do cliente de seu processo de auto-exploração que aquele procura facilitar e estimular através de suas intervenções reflexivas. Poderíamos dizer que o objetivo é de certa forma estender um espelho no qual o cliente mire-se a si próprio.

Ainda sobre a resposta-reflexo e sua relação com as atitudes que a fundamentam, principalmente no que diz respeito à empatia, devemos observar que as intervenções do terapeuta obedecem a um princípio seletivo. As respostas dele não são "tiros no escuro" que procuram refletir qualquer elemento arbitrário da experiência do cliente. Elas procuram refletir o elemento dominante, a significação emocional mais precisa da experiência. Nesse sentido, pudemos observar o importante papel que desempenham os sinais paralingüísticos, além, é lógico, de outros sinais como a expressão facial, corporal e as proposições implícitas que entram em jogo na conversação. Tais sinais funcionam como pistas que orientam o terapeuta no sentido de compreender e responder, mesmo que não peremptoriamente, aos

sentimentos e atitudes que traduzem mais fielmente a experiência vivida pela cliente, muito embora essa experiência frequentemente não seja reconhecida ou representada corretamente pela própria cliente.

Neste ponto chegamos a uma questão que diz respeito tanto à terapia quanto à natureza da micro-análise do discurso. Labov nos chama a atenção para o fato de que a micro-análise dá uma imagem de algum modo distorcida da interação real que se desenvolve na conversação. Vimos como, através das expansões e sumários interacionais, a análise exagera de certo modo o caráter agressivo da conversação expresso principalmente nos "desafios" e "questionamentos" implícitos. Ao mesmo tempo percebemos diversas formas através das quais os interlocutores procuram "mitigar" suas colocações mais abrasivas ou comprometedoras.

Do lado do terapeuta, tal análise nos dá a falsa impressão de que o mesmo manipula sutilmente a cliente no intuito de arrancar-lhe percepções ou confissões que não deseja admitir. Quanto à cliente, atribuem-se-lhe atitudes, sentimentos, pensamentos e intenções que dificilmente poderiam ser reconhecidas pela observação superficial da interação.

Como Labov, acreditamos que qualquer processo de análise obscurece a espontaneidade contida na conversação e sempre nos dá uma visão parcial do fenômeno global.

As formas mitigadoras expressam o desejo dos indivíduos manterem relações que poderiam ser definitivamente comprometidas caso certos conteúdos ou significados fossem expressos de forma direta.

É interessante observarmos no decorrer de nossa análise que as colocações do terapeuta quanto ao seu modo de expressão, ar-

gumentação e interação, tendem a ser diretas, embora algumas vezes mitigadas. Por outro lado, na cliente observamos frequentemente modos de expressão, argumentação e interação muito indiretos e também frequentemente empregando formas mitigadoras.

Principalmente em relação à mãe e ao terreno, sentimentos e atitudes hostis e egoístas expressavam-se de forma muito indireta e minimizadas das mais diversas formas. Acreditamos que a micro-análise do discurso demonstra claramente a existência tanto de formas mitigadoras, quanto do conteúdo real do que cliente e terapeuta fazem quando falam um ao outro na entrevista.

No entanto cabe ainda perguntar: Maria realmente experimentava aqueles sentimentos e atitudes hostis e egoístas expressos nas expansões e sumários interacionais e os conflitos decorrentes deles?

Responder a essa questão exige um certo aprofundamento no significado da mitigação.

Quando Maria procurava mitigar aos olhos do terapeuta o seu interesse pelo terreno e os sentimentos hostis em relação à mãe, fazia-o também em relação a si mesma.

Com essa afirmação queremos dizer que, movida pela necessidade de manter e atualizar uma auto-imagem de filha zelosa que lhe garantia uma relação satisfatória com a mãe, Maria minimizava aos seus próprios olhos seus interesses, desejos e sentimentos. Labov, mesmo (1977:346), questiona-se sobre em que medida os meios de dissimulação e mitigação, utilizados pelas pessoas na conversação, influenciam a própria visão que têm de si quanto àquilo que mitigam ou dissimulam.

Se consideramos que a auto-imagem ou "eu" se estrutura e

desenvolve na relação com o outro e que freqüentemente nesse processo procuramos e necessitamos nos adaptar ao outro mesmo tendo que abdicar de necessidades e interesses pessoais, esse eu deve ser de uma qualidade tal que nos permita agir de forma econômica no sentido de que não precisemos a cada nova situação planejar, passo a passo nossas relações com o outro. Significa que a maneira como estruturamos nossa auto-imagem e os meios pelos quais procuramos mantê-la e atualizá-la, entre eles a dissimulação de experiências comprometedoras àquele "eu", tornam-se parte integrante de nossa personalidade e modo característico de agir.

Modo característico que, devemos ressaltar, não compreende a personalidade toda, embora seja parte significativa dela. Se não, estaríamos concebendo a personalidade como algo estático, imutável, automático onde não haveria o novo, o inesperado. cremos, inclusive, que os automatismos que desenvolvemos têm a função de liberar energia que possa ser utilizada nos processos criativos e de mudança, até da própria personalidade e por consequência da auto-imagem. Ao nível da linguagem, por exemplo, observamos uma série de automatismos. Mas o que nos salta aos olhos é como a partir deles, criativamente, construímos frases, sentenças, discursos que nunca produzimos ou ouvimos antes. Observe-se o discurso repetitivo e estereotipado que se manifesta em alguns casos de esquizofrenia. Daí se compreende por que uma auto-imagem rígida e inflexível empobrece a pessoa não lhe permitindo a mudança e o crescimento, já que grande parte de sua energia está voltada para a manutenção e defesa daquela auto-imagem. A neurose, então, é entendida no seu sentido positivo, como uma manifestação daquele impulso para a mudança, que é exigida por um organismo que não é estático e que reclama um

"eu" de acordo com suas necessidades.

Podemos dizer, então, com certa margem de segurança que Maria realmente experimentava aqueles sentimentos, embora não os representasse corretamente para si mesma, nem os expressasse diretamente para o terapeuta tanto quanto a outras pessoas.

Sendo papel do terapeuta possibilitar o contato do cliente com sua experiência vivida, cabe a ele, sempre de forma cuidadosa e oferecendo-se à reformulação, refletir aquilo que se lhe comunica não só ao nível das palavras, mas também aquilo que é comunicado pelo não-dito. Se não for assim, não estará ele próprio agindo de forma autêntica, de acordo com a sua experiência que inclui também sua percepção do que o cliente lhe comunica realmente. Quanto a isso, devemos salientar que o único que conhece realmente sua experiência é o próprio cliente. Por mais aprofundadas que sejam nossas análises, por mais aguçadas que sejam nossa sensibilidade e empatia, nossas formulações a respeito do outro sempre devem ser vistas como aquilo que realmente são, hipóteses.

Finalmente, devemos, agora, procurar oferecer uma visão sintética e global da interação terapeuta-cliente.

Desde o início da terapia, um dos temas principais das entrevistas com Maria dizia respeito às suas relações familiares. Um comportamento freqüente eram as constantes referências e ataques diretos ao pai, por quem Maria expressava hostilidade e ressentimento abertamente. Quanto à mãe, os sentimentos expressados eram de outra natureza: Maria mostrava-se freqüentemente preocupada com o bem-estar da mesma fazendo alusões às suas necessidades e sofrimentos, embora como já citamos ante-

riormente, o terapeuta já houvesse percebido sentimentos hostis de Maria em relação à mãe se bem que expressos de forma velada.

Na entrevista que analisamos, o comportamento da cliente é semelhante. Ela inicia a conversação, referindo-se ao encontro com a mãe no local em que Maria trabalhava, encontro que a deixava preocupada com o estado de saúde da mãe, o que motiva sua ida à casa da mesma onde encontra uma de suas irmãs que lhe põe a par da necessidade das assinaturas dos filhos para que o terreno dos pais possa ser vendido a um dos irmãos de Maria. Nesse ponto, a cliente começa a desenvolver várias considerações sobre seu desacordo quanto à venda do terreno até chegar ao momento em que se inicia nossa análise do breve primeiro episódio no qual Maria expressa suas críticas ao pai.

Decorrente da compreensão de que as emoções e sentimentos orientam as ações e relações, o terapeuta intervém, referindo-se aos sentimentos de Maria, especificamente em relação à sua desconfiança quanto ao pai. Já entramos aqui no segundo episódio onde percebemos a influência da proposição [(insight)] o cliente... os afetos são importantes deve compreender-se no contato com suas próprias emoções e sentimentos.

Estimulada pelas colocações do terapeuta, Maria chega a confrontar-se com sua atitude de imposição de barreiras em relação aos familiares e procura justificar então tal atitude, referindo-se às experiências da infância, mais especificamente com a mãe.

Observe-se que da consideração de fatos (a venda do terreno), a conversação encaminha-se para a apreciação dos sentimentos relativos àqueles fatos e desemboca nas origens daqueles

mesmos sentimentos. Maria passa do relato de fatos externos a ela para a consideração de processos que percebe ocorrendo dentro de si.

Já o terceiro episódio é principalmente marcado pela intervenção do terapeuta que tenta relacionar os fatos anteriormente citados (a venda do terreno), a atitude e os sentimentos de Maria em relação a eles (sua contrariedade expressa ao sair de casa) e os sentimentos de Maria para com a mãe.

Em decorrência da resposta ao terapeuta, a cliente especifica sua contrariedade em relação à mãe e entramos no 4º episódio quando Maria expressa sua preocupação com a herança. Aqui ela dá mostras mais diretas de seus interesses pessoais pelo terreno e de seu ressentimento para com a mãe, o que ocorre de forma evidente no primeiro segmento deste episódio (p.169). Todo o resto do episódio 4º pode ser considerado como uma mitigação do interesse e ressentimento expressado por Maria em seu início, através de sua preocupação com os sofrimentos da mãe. Mas, mesmo aí, observamos que ela continua a revelar seus interesses pessoais, primeiro destacando seus próprios sofrimentos e depois através dos planos que tem para a construção da casa que imagina para a mãe. Maria encerra o episódio referindo-se a seu irmão a quem, declara, não deseja prejudicar.

O quinto episódio é crucial no desenvolvimento da interação na medida em que contém o lapso de Maria que revela inequivocamente seu interesse pelo terreno. Ele começa com as críticas de Maria ao irmão e desenvolve-se, então, um relato emocionado da cliente (no estilo familiar) que manifesta seus sentimentos de forma bastante direta, basicamente sentimentos de natureza agressiva. Tal relato culmina com o lapso de Maria que declara

então abertamente suas intenções hostis.

Na última intervenção do terapeuta, ele procura refletir as intenções manipuladoras da cliente que as nega parcialmente, novamente referindo-se à preocupação com o sofrimento da mãe.

Procurando sustentar sua colocação anterior, ao mesmo tempo em que reflete a preocupação específica de Maria com a mãe, o terapeuta fornece sustentação para os argumentos da cliente que demonstra seu conflito entre o desejo de independência e as preocupações e obrigações pelas quais se sente compromissada com a mãe e, também, com sua própria auto-imagem.

Note-se como a conversação evolui de um fato isolado (terreno), para uma questão que é central na dinâmica relacional, (o desejo de independência), psicológica e emocional da cliente e que envolve, inclusive, outros aspectos importantes da vida de Maria, como o seu desejo de poder estabelecer relacionamentos afetivos e sexuais que não são aprovados pela mãe (homossexualismo).

Acreditamos que tal evolução não decorre somente da focalização do terapeuta sobre os sentimentos e atitudes de Maria, mas também do fato de que tais sentimentos e atitudes estão de certa forma encobertos e não passíveis, portanto, de resolução, através de sua confrontação direta com a realidade; eles então recorrem e permeiam todas as situações significativas vividas pela cliente e são uma manifestação da tendência à atualização que Rogers atribui ao organismo, mesmo quando existe a mesma força atuando sobre a auto-imagem que pode ser até contrária à manifestação daqueles sentimentos e atitudes.

Aqui termina nossa análise e nossa síntese; no entanto, os conteúdos e significações por nós aludidos têm sua confirmação

na continuação da entrevista.

Certamente sensibilizada pelo conflito que vem à tona no seguimento da conversação, Maria refere-se a acusações que recebeu de alguns de seus familiares no sentido de que estivesse abandonando ou prejudicando sua mãe. Ela defende-se, então, declarando seu amor pela mãe e referindo-se a diversas situações onde, expressando ora sua hostilidade ora sua atitude compreensiva, razoável e afetuosa, procura argumentar que não é uma pessoa ruim como podem fazer crer suas atitudes por vezes manipuladoras ou "geniosas" como ela mesma dizia em outras ocasiões, procurando ressaltar o fato de que apesar de ter seu "lado" triste ou problemático, também tinha seu "lado" bom e alegre, demonstrando perceber ou julgar que seu "lado" ruim havia sido evidenciado no decorrer da entrevista.

À época da conclusão desse estudo que ora finalizamos, a cliente continua seu processo de terapia já manifestando algumas mudanças significativas. Houve uma diminuição substancial na frequência dos "ataques" ou crises, sua atitude para com a mãe modificou-se no sentido de assumir mais abertamente seu relacionamento homossexual, o que implicou um afastamento progressivo em que praticamente passou a morar com sua companheira sem no entanto se desligar totalmente da mãe. Atualmente, a preocupação maior de Maria, nas entrevistas, diz respeito ao relacionamento com sua companheira.

Quanto à questão do terreno, Maria tomou uma atitude radical, registrou em cartório uma declaração em que renunciava a toda e qualquer herança dos pais. Por um lado demonstrando uma necessidade de afirmação autônoma, por outro uma atitude ainda de evitação em relação aos conflitos que poderiam surgir se reclamasse seus direitos legítimos enquanto filha e herdeira.

Por último, gostaríamos de registrar que nosso esforço no sentido de compreender essa interação ao nível do discurso, proporcionou uma reflexão fecunda e inquietante tanto sobre o trabalho terapêutico quanto sobre a compreensão da dinâmica psicológica demonstrada pela cliente.

Entre essas reflexões, gostaríamos ainda de destacar algumas que nos parecem mais significativas quanto ao modelo utilizado.

Um momento que se mostra crucial na análise do discurso, segundo o modelo de Labov, é o momento da expansão. É na expansão que objetivamos a interpretação do texto relacionando-o com os sinais paralingüísticos e as proposições. É a expansão também que nos fornece a base para formularmos o sumário interacional no qual encontramos as ações desempenhadas pelos interlocutores, expressas pelas regras conversacionais.

Parece-nos razoável propor, que as intervenções do terapeuta, no decorrer da entrevista, funcionam como pequenas expansões dos significados transmitidos pelas palavras e ações do cliente. Neste sentido, há um limite para essas expansões que é dado pelo próprio cliente, ou seja, as reações do cliente, ante as intervenções do terapeuta, dão a este uma medida concreta da correção de suas expansões, possibilitando-lhe reformulá-las e até descartá-las quando se mostrarem inadequadas ou aprofundá-las quando se revelam fecundas.

Quanto ao analista do discurso, a situação já é bastante diferente. Como vimos, Labov mesmo caracteriza a expansão como um processo em aberto no qual os limites são dados tanto pelos interesses e objetivos do investigador, quanto pelo cotejamento de fatos intrínsecos à situação de conversação, onde se procura

alcançar a objetividade através da observação de fenômenos recorrentes e consistências internas desses fenômenos que traduziriam então os princípios gerais da conversação, tais como as regras conversacionais.

Apesar de testemunharmos a validade de tal procedimento no decorrer de nossa própria análise, gostaríamos de sugerir novas possibilidades de desenvolvimento do modelo, baseados em nossa própria experiência de sua utilização.

Dizíamos que o analista do discurso se encontra em situação diferente da do terapeuta pois, quanto à expansão, cremos que se desenvolve um processo de certo modo unilateral. O analista não tem ao seu dispor a oportunidade de cotejar suas interpretações, com os pontos de vista das duas partes envolvidas na conversação, como é o caso do terapeuta nas expansões que faz das palavras do cliente.

Cremos que seria de bom alvitre, sugerir um processo de análise no qual ambos interlocutores pudessem manifestar seu entendimento e compreensão do que se passa na situação de conversação. Assim, o processo de expansão seria tanto enriquecido, quanto objetivado mais firmemente nos seus limites.

Talvez, o modelo devesse então, ser modificado em alguns pontos, principalmente no que diz respeito às expansões, donde inclusive aquelas proposições que permeiam a conversação poderiam ser formuladas com maior precisão, retratando com maior fidelidade as idéias, concepções, expectativas e valores que as pessoas carregam consigo quando falam umas com as outras.

Quanto à entrevista terapêutica, por sua própria natureza, onde os assuntos tratados são freqüentemente de caráter sigiloso e delicado, tais modificações deveriam ser introduzidas de

forma tal que não representassem uma invasão da intimidade, principalmente do cliente. No entanto, existem várias outras situações de conversação onde o tal procedimento poderia ser utilizado sem maiores problemas.

De qualquer forma essas últimas considerações não pretendem ter um caráter conclusivo, mas sim despertar também no leitor, reflexões, inquietações e novas possibilidades.

BIBLIOGRAFIA

- AKHMANOVA, Olga. Optimization of Natural Communication Systems.
The Hague, Mouton and Co. B.V., 1977.
- BACHRACH, Arthur J. Introdução à pesquisa psicológica. Trad.
Geraldina Porto Witter. 3.ed. São Paulo, E.P.U., 1972.
- BERLO, D. O processo de comunicação. Trad. Jorge Armando Fon-
tes. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1968.
- BIESANZ, John B. Introdução à ciência social. Trad. Heloisa
Rodrigues Fernandes, George Bernard Sperber e Márcia C. Si-
mões Machado. São Paulo, EDUSP, 1972.
- BUYSENS, Eric. Semiologia e comunicação lingüística. Trad.
Izidoro Blikstein. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1972.
- CABRAL, Leonor-Scliar. Introdução à lingüística. 5.ed. Porto
Alegre, Globo, 1982.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. História da lingüística. 3.ed.
Petrópolis, Vozes, 1979.

- COOPER, David. Psiquiatria y Antipsiquiatria. Trad. Jorge Piatigorsky. 3.ed. Buenos Aires, Paidós, 1974.
- COULTHARD, Malcolm. An Introduction to Discourse Analysis. London, Longman's, 1977.
- DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean Baptiste & MEVEL, Jean Pierre. Dicionário de lingüística. Trad. Frederico Pessoa de Barros, Gesuina Domenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar-Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum e Valter Khedi. São Paulo, Cultrix, 1973.
- ECO, Umberto. Tratado geral de semiótica. Trad. Antonio de Pádua Danesi e Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- EVANS, Richard I. Carl Rogers: o homem e suas idéias. Trad. Manuel Paulo Ferreira. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. Lingüística textual: introdução. São Paulo, Cortez, s/d.
- FREUD, Sigmund. Obras completas. Trad. Luiz Lopez-Ballesteros y de Torres. 3.ed. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- FRICK, Willard B. Psicologia humanista. Trad. Eduardo D'Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- FRY, Dennis. Homo loquens - o homem como animal falante. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GREENING, Thomas C. Psicologia existencial-humanista. Trad. Eduardo de Almeida. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

- HALL, Calvin S. & LINDZEY, Gardner. Teorias da personalidade. Trad. Lauro Bretones. 8.ed. São Paulo, E.P.U., 1984.
- HILL, Archibal A. Aspectos da lingüística moderna. Trad. Adair Pimentel Palácio, Maria do Amparo B. de Azevedo e Maria Antonieta A. Celani. São Paulo, Cultrix, 1972.
- JAPPE, Gemma. Sobre la palabra y el language en psicoanálisis. Trad. Ruth Dzudzek. Buenos Aires, Granica, 1973.
- KOCH, Ingedore Grunfeld V. Argumentação e linguagem. São Paulo, Cortez, 1984.
- KRECH, David; CRUSTCHFIELD, Richard S.; BALLACHEY, Egerton L. O indivíduo na sociedade. Trad. Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo, Pioneira, 1969.
- LABOV, William & FANSHEL, David. Therapeutic Discourse. New York, Academic Press, Inc., 1977.
- LAVANDERA, Beatriz R. Curso de lingüística para el analisis del discurso. Buenos Aires, Bibliotecas Universitárias, Centro Editor de América Latina, 1985.
- LYONS, John. As idéias de Chomsky. Trad. Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. 3.ed. São Paulo, Cultrix, 1976.
- MOUNIN, Georges. A lingüística do século XX. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. São Paulo, Presença e Martins Fontes, 1973.
- MUCCHIELLI, Roger. A entrevista não-diretiva. Trad. Sílvia Magaldi. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

- MUSSEN, P.H.; CONGER, J.J. & KAGAN, J. Desenvolvimento e personalidade da criança. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. 4.ed. São Paulo, HARBRA, 1977.
- NAHOUM, Charles. A entrevista psicológica. Trad. Evangelina Leivas. Rio de Janeiro, Agir, 1976.
- NETO, Alfredo Naffah et alii; organização Ieda Porchat. As psicoterapias hoje: algumas abordagens. São Paulo, Summus, 1982.
- PAIM, Isaias. Curso de psicopatologia. 3.ed. São Paulo, Grimalbo, 1975.
- PEIRCE, Charles S. Semiótica. Trad. José Teixeira Neto. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- PERAZZO, Sérgio. Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim. 2.ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986.
- ROGERS, Carl R. Grupos de encontro. Trad. Joaquim L. Proença. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1978.
- ROGERS, Carl R. Psicoterapia centrada no paciente. Trad. Manuel do Carmo Ferreira. São Paulo, Martins Fontes, 1982.
- ROGERS, Carl R. Tornar-se pessoa. Trad. Manuel José do Carmo Ferreira. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- ROGERS, Carl R. Um jeito de ser. Trad. Maria Cristina Kupfer, Heloisa Lebrão e Yone Souza Patto. São Paulo, E.P.U., 1983.
- ROGERS, Carl R. et alii. Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. Trad. Afonso Henrique L. da Fonseca. São Paulo, Summus, 1983.

- ROGERS, Carl R. & KINGET, G. Marian. Psicoterapia e relações humanas. Trad. Maria Luisa Bizzotto, Supervisão Técnica Rachel Kopit. Belo Horizonte, Interlivros, Vol. I e II, 1975.
- ROGERS, Carl R. & ROSEMBERG, Raquel. A pessoa como centro. São Paulo, EDUSP, 1977.
- SAPIR, Edward. Linguística como ciência. Trad. J. Mattoso Camara Júnior. Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 11.ed. São Paulo, Cultrix, s/d.
- SCHEEFFER, Ruth. Aconselhamento psicológico. 7.ed. São Paulo, Atlas, 1979.
- SCHMIDT, Siegfried J. Linguística e teoria de texto. Trad. Ernst F. Schuarmann. São Paulo, Pioneira, 1978.
- SEARLE, J.R. Speech Acts. New York and London, Cambridge University Press, 1969.
- SEARLE, John R. "Indirect Speech Acts". In: P. Cole & Jerry L. Morgan (comps.) Syntax and Semantics, vol. 3, Speech Acts, Academic Press, N. Y., 1975.
- SEARLE, J.R. What is a speech act? In M. Black, Philosophy in América, Anlen e Unwin and Cornell University Press, 1965.
- SELLTIZ e outros. Métodos de pesquisa nas relações sociais. Trad. Dante Moreira Leite. 5.ed. São Paulo, EDUSP, 1975.
- SLOBIN, Dan Isaac. Psicolinguística. Trad. Rossine Sales Fernandes. São Paulo, EDUSP, 1980.

- WATZALAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick & JACKSON, Don D.
Pragmática da comunicação humana. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 1967.
- ZAJONC, Robert B. Psicologia social do ponto de vista experimental. Trad. Carolina Martuscelli Bori. 2.ed. São Paulo, E.P.U., 1974.

A N E X O S

ANEXO 1

1.1 M.: Mas tu vê.. meu pai quis vendê o terreno.

T.: Hum

M.: Não botô uma placa de venda.. [T.: Hum] Não botô numa imobiliária..nada.

1.2 M.: A única coisa que ele dizia, h Quero vendê.

1.3 M.: Só puquê falo hã-comentô numa vendinha ali. Os nossos vizinho praticamente mais que tão sabendo.

T.: Sei.

1.4 M.: Hi talvez a gente poderia té - aparecê uma pessoa que desse até uns 25 milhões.

T.: Uhm... sei.

M.: Tendeu?

1.5 T.: h Parece que você inclusive não, tá, vendo, assim, o seu pai administrando bem essa situação.

M.: Eu tô vendo pessimamente, péssimo.

T.: Hã... sei.

1.6 M.: E o meu pai é esganado por dinheiro, hem.

T.: Hã.

M.: Ficassim, ó, esganado por dinheiro mas até... vejo de uma forma assim estranha.

2.1 T.: Hum.. h Uma coisa que você falô assim que, que me chamô a atenção, você disse qui.. hã.. seupaidecertaforma, ficô indif-hã-assim, como que indiferente prá você

assim, né' as-quê dizê, num importa muito o que aconteça com ele e tal. Parece que além de uma'' desconfiança em relação a ele, parece que f-uma certa perda de esperança também assim. Esperança no sentido de podê consegui alguma coisa de bom em relação ao seu pai, consegui hã se senti' querida por ele ou se senti amada por ele ou podê tê uma relação de confiança com ele, h parecequedecertaforma você desistiu assim, de uma relação boa com seu pai.

2.2 M.: Jã tive, já tive uma relação boa com o [T.: Hum] pai, assim querida.

2.3 M.: Até eu-eu num sô muito assim de- h de família, - meu pai, minha mãe [T.: Hum] - de chegá e me dá um abraço. Eu prefiro mais que tu chegue e me abrace, [T.: Hum] entendesse. Ou a Isaura, eu gosto de carinho de rua, não gosto de carinho de família [T.: Sei] tedesse. Ah de repente é teu aniversã-é aniversário do-da mãe, o do pai, até eu concordo de chegá lá e fazê - [T.: Hum] ten deu?

T.: Hum

M.: De outras - expressão, não consigo sê carinhosa [T.: Hum] assim.. hã' em termos de chegá e dá um beijo, em fazê uma carícia, uma coisa assim, aí é que é difícil prá mim.

2.4 T.: Hum... h Parece que você acha mais fácil consegui isso de pessoas estranhas [M.: Ah é] do que de pessoas da tua própria família.

M.: Uhm, eu procuro buscá mais fora.

2.5 T.: Uhm.... parece que você não vê assim, muitas possibilidades de consegui isso na tua família.

2.6 M.: Não há, meus irmãos assim, são.. quase todos eles carinhosos assim, em termos assim - pelo menos num pa'po assim.

T.: Hum.

M.: Agora, não é de sempre chegá e dá um abraço, um beijo.

T.: Hum.

M.: Até que ultimamente a gente tem'' chegado e se beijado poque de primeiro a gente morava no mesmo teto praticamente, agora tá mais distante, então a gente chega sempre dá um bejinho é tal, tá um pouco mais [T.: Hum]disso aí. Mas eu só mais assim'' num sei que nem a Diva, chego' né - m'udei agora com a relação, com..com o fato que aconteceu né.

T.: Hum.

M.: Mas realmente eu chegava, abraçava a Diva, alisava, ela tá grávida, alisava o nenên, né, a barriguinha dela. (risos)

T.: Hum.

M.: Hã' a Carminha como eu te falei né, abraço a Carmi'nha, a irmã da Carminha [T.: Hum], tedeu, o-pessoa da igreja geralmente tinha aquele contato, as vezes x x x pegava na mão, né, alisava a mão num do outro, olha'va nos olho, "sê tá com problema, qual é teu problema" Então, um comenta - então é uma coisa mais -.

2.7 M.: Hi isso num é em casa.

2.8 M.: De chegá - eu só chego assim, Tá scomproblemanãotás?

2.9 M.: Num vô chegã e pegã na mão da minha irmã, T.: Hum. Conta prá mim. Geralmente tem família que é assim né.

T.: Sei.

2.10 M.: Hi..eu não, eu chego. Tás com problema num tás, o que que tu tem é tal. Bato um papo. Mas já chegã e tocã tẽ um - [T.: Hum].. já eu não me sinto bem, [T.: Hum] tendeu.

2.11 M.: Inclusivequandoeutocomproblemaasvezesvem, Táscomproblema n-não tás? .. aí eu assim: Ah si tô é um problema meu (risos) [T]: (Hum). Já x x x as vezes - (risos) .. tocando assim não tem - (risos).. não dô oportunidade, dificilmente - agora tô - agora que eu tô mais calma, di primeiro [T.: Sei] primincipalmente era assim. [T]: (Hum).

2.12 M.: Ah não tenho nada, mẽ deixa na minha fossa aqui, deixa no meu canti'ngo.. vai brincá' ou vai fazê o' teu servi'ço, me deixa no meu cantinho. [T.: Hum] Dizia assim né. [T.: Uhm].. Tendeu.

2.13 T.: Sei.. é' hã, parece assim como sê' hã' decertamaneira você também evitasse né, um pouco parecequevocêevitadecertamaneiratambêmessecontatomaissafetivo.

2.14 M.: Uhm eu evito muito [T.: Hum] evito mais do que eles, as vezes até' pode sê que não exista ni-nada até da parte deles [T.: Sei], mai da minha parte eles sabem -.

2.15 M.: Aminha cunhada às vezes quando vem né - [T.: Hum] mania de me abraçar, metê a mão no ombro - eu, he he he, já passou a mão assim, he he he [T.: Hum] tu sabes que eu não gosto que me abrace.

2.16 M.: Às vezes até inclusive eu tô cuma colega fic - que ele tá por perto eu cuido puquê eu fico assim - aí ela vai se senti discriminada, Qual é? aceitô a colega e num me aceitô.

T.: Hum.

M.: Tendeu?

T.: Hum.

2.17 M.: Então, coisinhas assim que.. [T.: Hum] eu não sô muito - dificilmente eu acredito.. [T.: Sei] que chegue e me abrace - que pertença a minha família, num supor-to.

2.18 T.: Sei, *h* e você percebe isso mais como uma atitude sua mesmo, assim.

2.19 M.: Minha, minha [T.: Uhm], não da parte deles. Assim eles não são assim muito de.. [T.: Hum].. de tá abraçando-beijando, mas sempre tem aquele contato, tem às vezes de a gente chegá e dá um beijo, e abraça. [T.: (Sê.)] Mas eu às vezes já chegava e já vinhambeija e já, já dava um - e-eu cedo meu rosto tudo né [T.: Hum] más dentro de mim às veis eu não quero aquilo.

2.20 T.: Hum.. *h* parece que nesses momentos, inclusive você até sente essa tentativa de aproximação, assim, ou es-

sa afetividade, como uma coisa até, meio, que te,agre disse assim, como se alguma coisa que te incomodasse mesmo.

3.1 M.: É'' e' às vezes sinto assim.. que eu sô uma pessoa superdesconfiada, [T.: Hã] tendeu. Hi na minha infância assim, eu num recebi muito'' - eu recorde né - assim, muito'' - comoêqueeu vôdizê, crítica.

T.: Hum.

3.2 M.: Assim.. [T.: se], Tu puxasse teu pai, tu é ruim [T].: Hum.

3.3 M.: Minha mãe inclusive dizia muito', me fêz muito chorá com essa n-idéia né, [T.: Hã]. É, porque tu é ruim me mo - uh que guria ruim.

T.: Hã.

M.: Hi muitas vezes minha mãe chorô com a-aminhareações. No final eu fazia, às vezes até de propósito, não tem (soca as mãos), certas reações x x Tu vai - tu vaiê-quesofrêaquiloquetufizessecomigo, eue choreituvaitêquechora, eu dizia assim prá mim.

T.: Como se fosse uma vingança.

M.: Uma vingança..sabe.

M.: Mainofundonofundo e'u não queria e-eu s-sofria junto, eu chorava, Tuvaisofrêeu vôchorájunto, puqueeunumqueria - puqueeuentiaqueeuamavaela, tendeu.

3.4 T.: Num te parece uma coisa, mais ou menos parecida como-quetá acontecendo agora nessa situação.. - h assim - qué dizê - hã, nessa situação do terreno - é uma

coisa.. - que você, de certa forma tá se vingando, assim, do seu pa'i, né - quédizê - ou' num sei, da sua mãe h, saindo de casa, mas você também tá sofrendo junto com isso.

3.5 M.: N'-não num seria uma vingança ô' -.

3.6 T.: Mais uma forma de pressionã a -

3.7 M.: É, uma forma talvez de pressionã, tentã'' mostrã prá ela que' eu não concordo [T.: Sei] hê aquele tal idéia, eu não concordo e não aceito.

T.: Uhm.

M.: Tendeu.

T.: Uhm.

M.: É, hã, não meu pai.

T.: Sei.

M.: A minha briga -

T.: Por causa da sua mãe, então.

M.: É.. [T.: Hã] a minha briga é a minha mãe.

T.: Uhm.

3.8 M.: Tendeu, puqueeuteiexpor. Mãe tá errado, a senhora - o pai, eu num conv - num me dô com ele, nem entrei em detalhes.

T.: Sei, sei.

M.: Tendeu, procurei dizê. Isso aí é sujera, isso aí'' - vai, vai tê coisa. Vo-vo-vomo bolã uma coisa quenumvai - de-de-repente a senhora entra num laço, né. [T]:Hum.

4.1 M.: Então'', tudo isso eu previ né, tendeu. Até cheguei a tocã, É até a minha herança vai embora.(risos) [T]:Hum.

4.2 M.: Mai num é questão da minha herança entendeu, mas é questão da minha mãe que lutô, sofreu, tal. De repente, tão pas-sando ela pa trás, entendeu.

T.: Hum.

4.3 M.: Enquanto que - ela pode tê aquele te-dinheirinho..., talvez se alimentá mais, se vesti melhor, comprá um terreninho se ela quisé [T.: Hum] né, construí, pode sê três pecinha mas, um-uma casinha, justinha, coisa' direitinha né ô -

4.4 M.: Não com buraco ali como já aconteceu dela i andá na sala, hi ênfia - realmente ênfio o pé na'-no assoalho, que veio até aqui. Depoi.. tivemo que, com o maior cui dado tirá ela, não sei como ela não s-não quebrô a per na, não se machucô um -

4.5 M.: Tu não esquece do relógio.

T.: Tudo bem.

4.6 M.: Machucou-se assim.. [T.: Hum] toda, entendeu, meio que sangrô, tivêmo que botá remédio, teve trabalho prá andá uns dois, três dias. [T].: Uhm.

4.7 M.: Então assim.. isso aí num é a' um-a-um lar, entendeu.

T.: Hum.

M.: Num é' um assoalhozinho que tu possa andá, senti si-gurança..., né.

T.: Sei... sei.

4.8 M.: Nem que tu faça assim, aqui assim é a cozinhezinha,pu-

xa um banherinho aqui assim, né, uma pliazinha, um chuveiro, se é que tem condições de tê um chuveiro, tendeu.

T.: x x x

M.: Hi' um quarto ali' u-uma despensa aqui, uma salinha aqui, pronto - [T.: Hum], tendeu. Tem um tetinho..né, tem um assoalhinhozinho, dá pa te mantê ali, botá tua caminha, cozinhá, tudo direitinho, T.: Sei tudo bem. [T].: Uhm.

4.9 M.: Mas chegá - passá - eu morria de medo de rato. Até hoje tenho - num (risos) posso vê um - [T.: Hum]. Quando eu era pequena, eu via um rato - se aparecesse um rato (risos) aqui, eu me jogava.. aqui ó - Dava uma tensão (risos) de-de choro que' num aguentava, hoje em dia eu me controlo mais, mas não suporto rato, né [T.: Sei], tendeu. E era rato, rato, mai rato memo, ratão, não tem.

T.: Uhm.

M.: Então, barata, largatixa - eu fixo assim bô' isso aí é.. - né. De repente tava lá dormindo.., tu acorda - bô essa parte tá caindo cupim, tem que virá prá cá [T.: Hum], aí virá prá cá e de repente tá caindo prá cá e num tá caindo mailá, [T.: Hum] aí vira - de repente, vê que tá caindo daquele lado não dá - bota a cama prá lá. Então, é uma coisa super-desagradável.

4.10 T.: Se você concordasse com isso, com essa situação de venda do terreno, você estaria concordando com uma situação de insegurança novamente, na qual você e sua mãe estariam.. - hã -

4.11 M.: Uhm, também, poqué [T.: Hum] esse dinheiro na mão - antes o dinheiro na mão do que voando né [T.: Sei]. Então dinheiro na mão - mais se ela resolvesse, botava na poupança, se não quisesse usá, [T.: Hum] tudo bem.

T.: Uhm.

M.: Se ela resolvesse comprar um terreninho e eu já disse, Na hora que precisá, comprando um terreninho - se eu comprá um terreninho num lugar - porque eu num quero levá minha mãe pro morro - o terreno que eu tenho é no - atrás do morro.

T.: Sei.

M.: Então eu quero compra no plano.

T.: Uhm.

M.: Comprando no plano, se ela topá o lugarzinho, a gente, eu disse prá ela, Eu faço empréstimo, e a gente começa.. (solução) - ô desculpa - a construí umas pecinha. .. até realmente saí a casa, né. [T.: Hum] Prá não ficá a vida toda pagando o aluguel.

T.: Sei.

M.: Tendeu?

T.: Uhm.

4.12 M.: Então é questão de querê algo melhor, não? [T.: Hum] num é desfazê o meu irmão x x x vend-até venderia pro meu irmão, mais de uma outra forma, [T.: Hum] tendeu.

5.1 M.: Num acordo, também ele num vem conversá.

T.: Sei.

M.: Simplesmente conversô com pai. A minha mãe é que foi procurá ele prá vê como é que ele ia querê pagá [T.: Hum], tendeu. Aí na hora ela concordô, depois ela foi - já tá

insegura puque, falô com a' cunhada, a cunhada disse alguma coisa, não sei mais quem - ^h o meu irmão s-solteiro, ele não tava muito por dentro, também já tá batendo pé, já tá ficando revoltado.

5.2 M.: Pior é que torna-se uma revolta dentro da gente [T.: Hum], tendeu. A gente não - na hora a gente tenta conversá, vê que num' guentô - eu num sei se a gente já passô tanta coisa, que se torna uma - aí já começa agressão (soca as mãos). [T.: Sei. Uma agressão atrás da outra.

5.3 T.: Parece que -

M.: Aí aparece ciúme, com inveja, com - [T.: Hum] tudo misturado que ninguém entende.

T.: Raiva também.

M.: Raiva também, tendeu. Aí'' torna-se uma coisa'' de loco, não tem. [T.: Uhm.

5.4 M.: Puquêfaleipumeuirmão, Ah, eu senti vontade de i lá tacá fogo na casa.

5.5 M.: (risos) x x x num tê casa pa morá. Mais aí eu vô pa cadeia, [T.: Sei] eu não quero i pa cadeia. [T.: Hum.

5.6 M.: Mas queele não fica com meu t-com aquele terreno nessas condições, ele não vai ficá.. te garanto., eu disse pro meu irmão.

5.7 M.: Hi'' eu ia lutá memo. [T.: Uhm] Ia fazê coisa, f-feia

memo se'' - agora apareceu essa proposta de'' - esse negócio de assinatura, mas se não fosse essa assinatura, ele não ia ficá com aquele terreno fácil, não.

5.8 T.: Parece que a sua atitude então, de saí de casa f-foi um-uma coisa que -

M.: Um protesto.

T.: de-de certa forma [M.: É] tá-tá'' - você tá conseguindo o que você queria com essa atitude, né.

5.9 M.: Olha num é que eu teja conseguindo. [T.]: (Hum). Porque aí - pô a minha mãe, chorando [T.: Sei], a minha mãe -

T.: I'sso você não gostaria que acontecesse.

M.: N-não, minha mãe chorando, minha mãe se preocupando, ficava esperando, Será que a Maria vem?!

5.10 M.: Em parte - aí eu já de primeiro eu sempre disse, Õ mãe, se eu não casá, um dia eu vô querê morá sozinha.

T.: Uhm.

M.: Tê um-minha casinha x x x, né'. Tê minha.. independência. Então, eu não quero me desfazê da minha mãe assim.